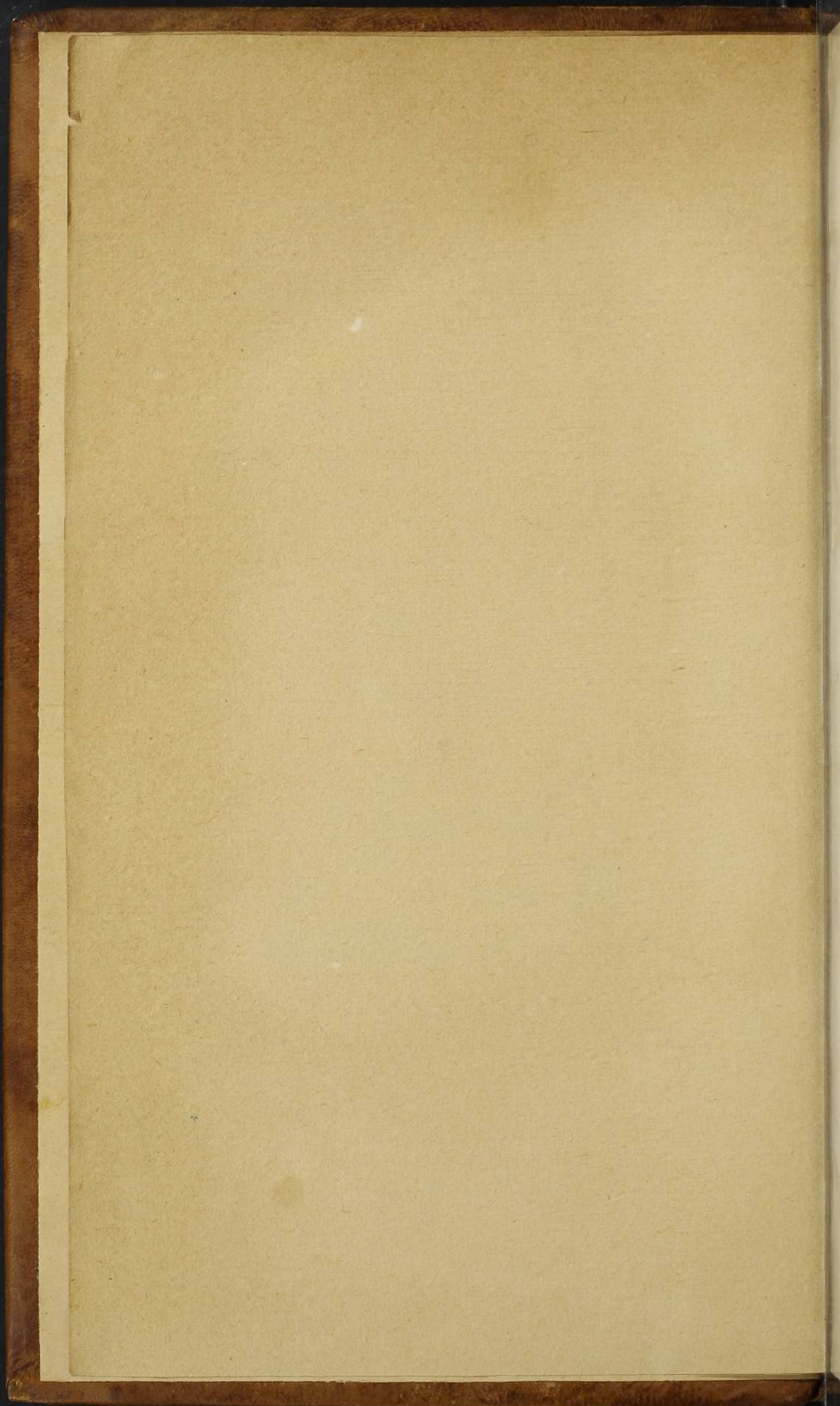


le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



HISTORIA

UNIVERSAL

II

UNIVERSAL
HISTORY

Th. I.



TROYA

HISTORIA UNIVERSAL

DESDE

OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ AOS NOSSOS DIAS

RELATANDO

OS ACONTECIMENTOS MAIS NOTÁVEIS EM TODAS AS EPOCHAS

E OS FEITOS DOS HOMENS MAIS CELEBRES DE TODOS OS POVOS

composta sobre o plano

DE GABRIEL GOTTOFREDO BREDOW

PROFESSOR DE HISTORIA NA UNIVERSIDADE DE BRISLAU

E ENRIQUECIDA COM NOTAS

POR UM BRASILEIRO

ORNADA COM 24 ESTAMPAS

TOMO SEGUNDO

Historia geral antiga, antes da Éra Christãa.



RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES-PROPRIETARIOS

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda n.º 77

1847

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
RUA DO LAVRADIO, 53.

HISTORIA UNIVERSAL

CAPITULO XVII.

Imperios principaes, em que tem estado dividido o governo do mundo.

Tivemos já occasião de fallar dos grandes conquistadores que assollaram os reinos de Judá e de Israel se apoderaram de Tyro e de Sydonia e as destruíram. Os povos não viviam em tão completa separação como os Egypcios até á epocha de Psammetico. Eram bem poucos os que se entretinham com as pacificas occupações das artes, do commercio ou das viagens maritimas, como os Phenicios e os Gregos; nem todos eram tão impotentes como os Judeos. Para o oriente destas nações existiam outras, que se dilatavam até ás vertentes do Euphrates e do Tigre, entre o Golfo Persico e o Mar Caspio, e que formaram grandes e formidaveis imperios desde os pri-

meiros seculos, e subjugaram a maior parte do mundo conhecido. A capital do mais consideravel de todos estes imperios e dos paizes vizinhos era Babylonia. A mais antiga de todas estas grandes dominações ou monarchias foi

A ASSYRIA,

que se diz fundada por Nino e por Semiramis, sem que se saiba a epocha, pelas muitas fabulas que se tem forjado a este respeito. Este immenso imperio da Assyria, situado na Asia superior, isto é, naquella parte da Asia que fica ao oriente do Euphrates, durou até o anno 748 antes de J. C. — Pelos tempos da fundação de Roma aconteceu, pela vida molle e effeminada de Sardanapalo, a queda do primeiro imperio dos Assyrios. Os Medos, povo bellicoso, instigados pelas persuasões de Arbaces, seu Governador, deram a todos os vassallos deste Principe sem actividade o triste exemplo de não fazerem caso delle: tudo se revoltou contra a sua autoridade, até que por fim acabou na sua capital, onde se vio obrigado a morrer queimado com suas mulheres, seus eunucos e suas riquezas. — Das ruinas deste imperio surgiram outros tres:

O DA NOVA ASSYRIA, O DE BABYLONIA E O DOS MEDOS.

O segundo imperio Assyrio, cuja capital veio a ser Ninive, foi fundado por Thilgath, filho de Phalasar, chamado por esta razão Theglath-Phalasar, a quem se dá o nome de Nino o Moço.

O filho d'este foi aquelle celebre Salmanasar, que no anno 720 antes de J. C. conquistou o reino de Israel, e fez transportar para Ninive e dispersar entre os gentios as dez tribus, em que se tinha apagado o culto de Deos. Este novo Imperio Assyrio foi, dos tres, o primeiro que acabou, porque se dividiu entre o de Babylonia e o dos Medos. — Baladan, a quem os Gregos chamam Belesis, estabeleceu o reino de Babylonia, onde é conhecido debaixo do nome de Nabonassar. D'alli vem a éra de Nabonassar, celebre nas obras de Ptolomeo e dos antigos astrónomos, que contavam seus annos pelo reinado d'este Principe. Babylonia chegou a ser um imperio poderoso debaixo de Nabuchodonosor; o qual submetteu todos os povos ao occidente do Euphrates, destruiu Sydonia e Tyro, assolou a Palestina, conquistou Jerusalem, passou ao Egypto e saqueou todo o paiz. Porém depois da morte d'este arrogante conquistador, este vasto imperio tambem caiu como o primeiro. —

Arbaces, que tanto tinha concorrido para a destruição do primeiro Imperio assyrio, libertou os Medos, e fundou o imperio d'este nome, que foi tambem muito celebre; mas a final tambem desapareceu para dar logar no anno 536 antes de J. C., á

GRANDE MONARCHIA DOS PERSAS.

Cyro, este grande homem, fez um só reino

dos Persas e dos Medos; o primeiro não era muito conhecido; e o segundo, elle o tinha augmentado pelas suas conquistas. Por este modo se fez senhor pacifico de todo o oriente, e fundou o maior imperio, que tem havido no mundo; pois que alcançava pela volta do Oriente, além do Indo, e pelo norte além do Danubio. Durante todas estas revoluções da Asia, dois poderosos Estados se formaram na Europa; a Grecia na Turquia actual, e Roma na Italia. Os Gregos fizeram constantemente guerra aos Persas, desde quinhentos annos antes de J. C., e debaixo dos successores de Cyro. — Ainda que separados em pequenas republicas, ou governos distinctos, estavam sempre promptos a reunirem-se contra os Persas; porém a final estavam já desunidos e teriam succumbido debaixo do peso de suas proprias discordias intestinas, se não tivesse apparecido Alexandre Magno.

Alexandre governava um pequeno reino, situado ao norte da Grecia, que se chamava Macedonia; actualmente faz parte da Turquia europea. Já Felippe seu pai, ou por astucia, ou com o auxilio de um exercito bem disciplinado, tinha conseguido atar os Gregos ao carro dos seus triumphos. Alexandre tambem os conteve n'esta submissão com tal arte, que elles lhe conferiram o mando do seu exercito na guerra contra os Persas. O Principe reinante da Persia n'aquella epocha chamava-se Dario; sem ser máu homem, era fraco por natureza, e deixava-se levar de suas mulheres. Possuia na verdade um grande

exercito, mas composto em grande parte de bandos sem disciplina, e que só o seguiam pela força. — Levava em sua companhia não só suas mulheres como toda a mais familia, e a seu exemplo faziam outro tanto os seus generaes, e até os seus soldados. — Alexandre pelo contrario não tinha comsigo senão os seus guerreiros exercitados nos combates, e cubertos de ferro em lugar de sedas e de telas preciosas.

Em vista d'esta enorme differença não é pois de admirar que os Gregos fossem sempre vencedores, apesar do pequeno numero de combatentes. Com este exercito submetteu Alexandre toda a Asia Menor, destruiu Tyro, atravessou a Palestina, e foi edificar Alexandria no Egypto; passou ainda além do Euphrates e do Tigre pela Persia, e levando as suas conquistas até as Indias, fundou

O IMPERIO GREGO-MACEDONIO,

que abraçava todos os paizes, desde o mar Adriatico até o Indo; desde o Danubio, o mar Negro e o mar Caspio até a fronteira meridional do Egypto, e o golfo Persico. Entretanto depois das suas conquistas veio morrer em Babylonia na idade de trinta e tres annos (324 antes de J. C.). Não havendo designado successor, seus generaes repartiram o seu grande imperio entre si; e de todo este immenso colosso resultaram oito pequenos reinos.

Emquanto Alexandre adiantava suas conquistas

para o Oriente, existia na Italia um povo, que ainda pouco numeroso em sua origem, foi submettendo por seu valor marcial toda a Peninsula. A reputação guerreira dos Romanos tinha já excedido os limites da Italia, quatro seculos antes de J. C.; a victoria coroava todas as suas emprezas, e nada podia resistir á sua ardente coragem. Foi por esta guisa que no espaço de trezentos annos se tornaram senhores de quasi todos os reinos, que se desmembraram das conquistas de Alexandre, e de muitos outros paizes ao sul, ao occidente e ao norte, que tinham escapado aos Gregos, e ao mesmo Alexandre Magno.

O IMPERIO ROMANO.

Estendia-se, ha cerca de dezanove seculos, do oceano occidental, desde Portugal pela Europa, passando pela Asia Menor, até ás vertentes do Euphrates e do Tigre; ao norte, até Inglaterra, o Rheno e o Danubio; ao sul, por toda a costa septentrional d'África, pelo Egypto, por uma parte d'Arabia, pela Palestina phenicia e a Syria. Este imperio monstruoso foi governado, durante alguns seculos, por dominadores que se davam o pronome de Cesar, e que depois tomaram o titulo de Imperadores. Dois seculos depois do nascimento de J. C., o imperio começou a degenerar, e a maior parte d'estes Imperadores foram máus Reis e pessimos administradores; quasi por esta mesma epocha vieram appare-

cendo do Oriente as primeiras hordas guerreiras, que surgiam do norte da Asia e da Allemanha. Sendo já impossivel manter a integridade d'este colosso, foi o imperio dividido em dois, 400 annos depois de J. C. Um dos Imperadores residia em Constantinopla e reinava sobre as provincias do Levante; o outro residia em Roma e dominava as do occidente.

Os Imperadores do occidente não poderam sustentar-se muito tempo, porque a principal emigração dos barbaros, que vinham da Germania, se dirigia naturalmente para a Italia. Assim foi que, um seculo não era passado, já o Imperio Romano do occidente não existia, e o titulo de Imperador não tinha significação alguma. — Os Allemães occuparam então toda a Italia, onde se fizeram tambem mutua guerra. Carlos Magno, Rei dos Francos, conquistou a maior parte do antigo imperio do occidente; e no anno de 800 assumiu o titulo de Imperador romano, abolido desde 476; — titulo que os chefes do Imperio Germanico conservaram até 1806. — Carlos exercia os direitos de soberania sobre Roma; os Bispos romanos, sob o titulo de Papas, só muito mais tarde se tornaram independentes; entretanto o filho de Pepino veio residir habitualmente em Aix-la-Chapelle. —

CARLOS MAGNO; IMPERIO DOS FRANCOS.

Comprehendia este imperio tudo quanto vai do Tibre, em Roma, até o Eider, que separa

a Allemanha da Dinamarca; e desde o Ebro, grande rio da Hespanha que desembocca no Mediterraneo, até o Raab, rio consideravel da Hungria, e o Préno na Pomerania. Depois da morte de Carlos Magno em 814, o seu Imperio se desmembrou; porém por esta mesma epocha já florescia

O GRANDE IMPERIO DOS ARABES,

fundado em menos de 200 annos, e depois da fugida de Mafoma (Mahomet) no anno 622 da nossa éra. — Os Arabes reinavam sobre a Hespanha e Portugal, ao norte d'Africa, na Sicilia, em Malta, e no Egypto; sobre toda a parte do sudoeste d'Asia, na Palestina e em todos os paizes banhados pelo Euphrates. — Um grande numero de habitantes d'Asia admittiram a sua religião, chamada Mahometana, e se fizeram sectarios de seus principios religiosos e de suas conquistas; de tal sorte que os principaes d'entre elles, os Turcos, se tornaram tambem conquistadores por seu turno, e arrojaram os mesmos Arabes fóra de uma parte de suas possessões; apoderaram-se de Jerusalem, onde vexavam e maltratavam os Christãos, que da Europa iam em romaria visitar o santo sepulchro, e rogar a Deos no mesmo logar, em que seu Filho tinha padecido e morrido pelos homens.

Foram estas perseguições a causa primordial da guerra das crusadas. Durante mais de seculo e meio (de 1095 a 1255) os Principes da Europa

fizeram grandes e inuteis esforços para libertarem a Palestina d'estes infieis; e com quanto lograssem occupar Jerusalem, viram-se obrigados, depois do immenso sacrificio de milhares de homens, a perder as esperanças de conservarem sob sua guarda o santo sepulchro. Os Turcos não ficaram quietos depois d'isto; e penetrando muito além na Asia Menor, passaram á Europa e se apoderaram em 1453 de Constantinopla, capital do Imperio do Oriente ou Imperio Grego. Esta cidade ficou sendo desde então a capital do grande Imperio Turco, ou Imperio Othomano (*). Eis-ahi como a segunda parte da vasta dominação romana foi destruida, cerca de mil annos depois de haver deixado de existir a do Occidente. —

Depois do desmembramento do Imperio dos Francos, a Europa permaneceu por muito tempo dividida em pequenos Estados. A primeira potencia grande e forte, que se constituiu, foi o Imperio de Carlos V pela reunião da Hespanha e da Austria em 1519 (**); foi a mais opulenta

(*) Chama-se tambem a Turquia *Imperio Othomano*, porque foi fundado por Osman ou Othman, chefe de uma tribu de Tartaros turcomanos, em 1300 da nossa era (700 da Hegira). A sua primeira capital foi Pruse ou Brouse, antiga capital de Bithynia. — Em 29 de Maio de 1453 a côrte d'este imperio foi transferida para Constantinopla. Desde 1300 a 1566 o imperio Othomano foi a principal potencia militar da Europa.

(**) Carlos V, Imperador e Rei da Hespanha, era filho de Philippe, Archiduque d'Austria, e de Joanna,

monarchia dos tempos modernos, porque Christovão Colombo tinha dado um mundo à Hespanha em 1492 pelo descobrimento da America. Ainda mesmo depois que Carlos V abdicou a corôa do Imperio em favor de seu irmão, a Hespanha com os Paizes Baixos, a Italia e a America, formava ainda uma consideravel monarchia; — porém nem se sosteve, nem pôde conservar a sua preponderancia, por causa de seus Reis, que foram tão fracos como ignorantes e crueis. A França, sob o reinado de Luiz XIV, chegou a ser o principal Estado da Europa pelos annos de 1648, depois da paz de Westphalia, — até o de 1700. — Este monarcha chegou a dictar a lei á Europa por meio dos seus exercitos perma-

chamada a Louca, filha de Fernando de Aragão e de Isabel de Castella. Seu pai era filho do Imperador Maximiliano, e de Maria, filha unica de Carlos o Temerario, ultimo Duque de Burgonha. Assim é que por seu nascimento tinha Carlos V direito ás mais ricas e poderosas soberanias da Europa. — Na idade de seis annos entrou na soberania dos Paizes-Baixos por morte de seu pai; na de dezeseis entrou na soberania das Hespanhas por morte de seu avô materno Fernando; e na de dezenove entrou na soberania do Imperio por morte de seu avô paterno Maximiliano — e successivamente nas de Hungria e Bohemia. — Nasceu em Gand em 24 de Fevereiro de 1500, e morreu no mosteiro de S. Justo, perto de Placença na Estremadura hespanhola, no dia 21 de Setembro de 1558; — depois de haver abdicado as duas corôas, a do Imperio em seu irmão Fernando, e a de Hespanha em seu filho Filippe II. (*Robertson, Hist. de Ch. V.; Sandoval, id.; Vera, id.; Dolce, id.; Leti, id.*)

nentes; porém desde 1700 por diante até a revolução franceza, cinco potencias disputaram entre si constantemente a preponderancia na Europa, sem que nenhuma d'ellas obtivesse a primasia (*).

O Imperio mais vasto da Europa senão do mundo, é actualmente a Russia; contem cincoenta e sete milhões de habitantes sobre uma superficie de cento e setenta mil seiscentas e trinta e tres leguas quadradas; e tem por limites: ao norte, o Oceano arctico; a leste, a Russia Asiatica e o mar Caspio; ao sul, a Russia Asiatica, o mar Negro, os Imperios Othomano e Austriaco, e a Republica de Crakovia; ao oeste, o Principado da Moldavia e o Imperio d'Austria, a monarchia Prussiana, o mar Baltico e a monarchia Noruego-Sueca. A sua vasta extensão o torna por isso mesmo menos forte do que foram a monarchia de Alexandre, o Imperio Romano e a Soberania de Carlos Magno.

A França elevou-se em tempo do Imperador Napoleão a um estado tal de poder e de grandeza, que ameaçava toda a Europa. Já havia reunido muitos Estados, outr'ora independentes, como a Saboia, Genova, Parma, uma parte da Toscana e dos Estados Pontificios, a Hollanda, a Belgica, e varias porções da Allemanha. Tinha dado Reis a diversos paizes visinhos, a

(*) As cinco potencias são: A Inglaterra, a França, a Austria, a Russia, e a Prussia. (*V. Matter, Histoire des Doctrines morales et politiques des trois derniers siècles. Ancillon, Tableau des Révolutions du système politique de l'Europe depuis la fin du quinzième siècle.*)

Napoles, a Westphalia e á Hespanha. Outros novos soberanos deviam concorrer para o complemento d'este projecto nas outras monarchias, que estavam preconisadas d'antemão, como a Polonia, Wurtemberg, Baden, Saxonia, e outros Principados da Allemanha. Para apoiar todo este artefacto de poder e de grandeza havia um exercito de oitocentos mil homens no melhor pé de guerra, que é possivel imaginar-se. Mas emfim o incendio de Moscow e a batalha de Leipsick vieram deitar por terra este immenso colosso, que ficou inteiramente soterrado nas planicies de Waterloo.

Resta pois fallar da Inglaterra como a potencia mais formidavel da epocha actual, como aquella que tem em suas mãos, póde dizer-se, os destinos do universo; ella por si só pesa mais na balança da Europa que todas as grandes monarchias do Continente; senhora dos mares póde dictar a lei nas quatro partes do mundo; separada dos outros povos por sua posição geographica, não teme as invasões, nem póde ser sorprendida por uma guerra de improviso. — Qualquer que seja a situação da Europa ella joga sobranceira toda a sua politica, applicando onde quer que mais convenha seus immensos recursos. A paz da Europa, senão do mundo, depende hoje da Inglaterra; possa ella conserva-la para que marchemos de progresso em progresso até o mais alto gráu de civilisação, unico meio talvez de tornar a guerra impossivel.



CAPITULO XVIII.

Semiramis. Sardanapalo.

Para remontarmos á mais remota antiguidade, pouco depois da primeira divisão do genero humano, dissemos no capitulo ix d'esta obra, que Nemrod, o robusto caçador como o chama Moysés, tinha lançado os primeiros fundamentos do Reino de Babylonia (*). Porém do que podemos ter alguma certeza é que Belo começára a fundação do primeiro Imperio dos Assyrios, e que é citado como um de seus mais antigos Reis. Nino, filho d'este, tão corajoso e feliz como seu pai, proseguiu as suas conquistas para o Oriente e para o Meio-dia; estabeleceu a sua capital em Ninive, cidade antiga e já celebre (**), mas que foi novamente aformoseada

(*) Gen., cap. 10, v. 10.

(**) Gen., cap. 10, v. 11.

e illustrada por elle. Os que dão mil e tresentos annos aos primeiros Assyrios tem o seu fundamento na antiguidade d'esta cidade; e Herodoto, que lhes não dá mais do que quinhentos, não falla senão da duração do Imperio, que elles começaram a dilatar pela alta Asia, debaixo do governo de Nino, filho de Belo.

Desde que Nino houve aformoseado a sua capital, continuou na conquista de novas terras para o lado do Oriente até uma cidade chamada Baktra, onde viu pela primeira vez a bella Semiramis, que veio a ser sua esposa. A tradição dizia que era ella filha de uma Deosa, e que na sua infancia tinha sido alimentada por umas pombas. Foi esta mulher celebre quem lembrou a Nino o stratagemma, com que se apoderou d'esta cidade; depois da victoria, Nino agradecido e prendado da sua belleza, casou com Semiramis; e por sua morte deixou-lhe um filho chamado Ninias, herdeiro d'este vasto Imperio. Semiramis, porém, em seu corpo de mulher possuia uma alma de homem, e com difficuldade se tinha sujeitado a seu marido; como deixaria ella governar seu filho, agora que estava livre e senhora de suas acções?

Comtudo, ella não podia esperar que um povo valente e guerreiro se sujeitasse a uma mulher; e para consegui-lo era mister alguma astucia, que lhe não faltou na occasião propicia. Ella buscou alguns confidentes entre os amigos de seu marido, e declarando-lhes as suas pretenções, fê-los adoptar o projecto de passar

ella mesma por seu filho Ninias. Semiramis era alta, bem feita, quasi da mesma apparencia e talhe que seu filho, e tinha uma voz varonil; para melhor embair o povo, ella se vestiu de maneira que encobria os braços, os pés, o seio e os cabellos, como é uso presentemente entre os Orientaes. Foi com este vestido que ella se apresentou ao povo em logar de Ninias, que estava bem guardado no meio das mulheres, em cuja companhia se achava mui contente e satisfeito. O povo obedeceu portanto a Semiramis, como o tinha feito a seu marido. A primeira cousa que ella ordenou foi o restabelecimento e o ornato de Babylonia. É quasi incrível tudo o que se refere acerca da magnificencia d'esta cidade.

Babylonia era quadrada; em cada um de seus lados haviam vinte cinco portas que correspondiam a outras tantas ruas largas e direitas. Os muros da cidade eram tão elevados como as torres das nossas igrejas, e tão largos que dezeseis cavalleiros podiam commodamente marchar emparelhados. O Euphrates corria pelo centro, e suas margens eram sostidas por muralhas, que tinham tambem vinte cinco portas e rampas de cada lado, correspondendo ás vinte cinco ruas da cidade. — Sobre o rio havia uma ponte, que prendia a dois soberbos palacios, um de cada extremo (*); cada um d'elles tinha

(*) Tambem se refere que se ia de um d'estes palacios para o outro por um caminho subterraneo, que

grandes terrados construidos sobre abobadas, de sorte que os jardins que os ornavam, pareciam suspensos no ar. Desde então passaram os jardins de Semiramis por uma das maravilhas do mundo.

Depois de haver ordenado estas immensas construcções, percorreu Semiramis todo o Imperio, dotou muitas cidades de tudo quanto podia embellece-las e torna-las commodas; procurou sondar o espirito do povo, e quando o achou disposto a seu favor, aproveitou o momento de uma grande reunião para apresentar-se n'ella como a viuva do precedente Rei, e não mais como seu filho Ninias. Vós me amais, disse ella, vós me honrais; se esse galardão é devido ao meu nome tão sómente, sabei que me não chamo Ninias, mas Semiramis. — Se o sexo concorre tambem para este affecto, sabei que não sou homem, mas uma mulher. Entretanto se as minhas acções tiverem obtido a vossa approvação, não porque seja mulher, vos tenho sido menos util. Todos quantos não estavam no segredo do disfarce ficaram sorprendidos, porém apreciando o seu grande merecimento, todos a uma voz a proclamaram Rainha. Desde essa occasião nunca mais occultou o seu sexo, e nem por isso o povo lhe foi menos fiel. —

passava por baixo do leito do Euphrates; do que só poderá duvidar quem não tiver noticia do celebre *Tunnel* do Tamisa, que a industria ingleza tem effectuado em nossos dias.

Um dia, que no seu toucador se fazia entrançar os cabellos, lhe annunciaram a explosão de uma revolta; immediatamente appresentou-se entre os sediciosos com os cabellos soltos, e lhes intimou que entrassem em seus deveres, ao que logo obdeceram. Em memoria d'esta sedição apasiguada pela presença unicamente de Semiramis, erigiu-se-lhe uma estatua, representando-a tal qual se tinha appresentado aos revoltosos, com os cabellos soltos fluctuando sobre as espaduas. — Semiramis augmentou ainda mais a consideração, que já se lhe tinha, por novas conquistas. Depois de haver submettido o meio-dia voltou suas armas contra a India; atravessou com feliz successo o Indo, que era a sua fronteira; porém quando se achava muito além da margem opposta, appresentou-se-lhe por diante um grande exercito, cuja vanguarda era formada por uma linha de elephantes, que não só traziam sobre as costas torres cheias de combatentes, como que se serviam das suas trombas e de seus pés para destruir tudo quanto podiam alcançar.

A este tremendo aspecto todos os cavallos deitaram a fugir. Semiramis querendo oppôr ao inimigo alguma cousa semelhante, ordenou que matassem um grande numero dos maiores bufalos, e preparassem as pelles de mancira, que imitassem os elephantes; com estas pelles cobriram milhares de camellos, sobre os quaes montaram tambem muitos guerreiros armados como os contrarios. Com este aparato os Indios ficaram aterrados; mas avisados por um trans-

fuga do stratagemas, atacaram os camellos e os arrojaram sobre o seu proprio exercito. A derrota de Semiramis foi completa; perdeu a maior parte das suas tropas, e ella mesma foi ferida. Apenas pôde repassar o Indo com muito pouca gente da que levara. De volta á capital entregou as redeas do governo a seu filho, e morreu pouco depois.

O novo Rei, que tinha passado toda a sua mocidade entre as mulheres, e no meio dos prazeres de uma côrte voluptuosa, tinha perdido toda a energia da sua alma, e não ousava sair do seu palacio; era tal a sua repugnancia de appresentar-se aos homens, que não se deixava ver por elles quasi nunca. Seus successores obraram da mesma maneira, de sorte que seus nomes não puderam alcançar muito além das suas vidas, ou perderam-se na nullidade das suas accões, á excepção do ultimo da sua raça, que se fez celebre tão sómente pela singularidade da catastrophe, de que foi victima. Chamava-se Sardanapalo, e reinou entre o setimo e o oitavo seculo antes de J. C. Ainda mais voluptuoso e effeminado que todos os seus predecessores, abandonava o governo a seus validos, a seus proprios escravos, para dar-se todo á companhia das mulheres, entre as quaes se collocava, tão bem vestido e perfumado como ellas, e fazia todas as funcções ou misteres de que ellas se occupavam. Arbaces, um dos seus generaes, tendo-o visto n'este estado, tão pouco digno de um Rei, foi contá-lo aos seus soldados; e depois

de os haver instigado para a revolta, poz-se, com dois conjurados mais, á frente dos revoltosos. Todo o paiz se pronunciou então contra o Rei.

Quando Sardanapalo foi informado d'esta conjuração, o seu primeiro accordo foi esconder-se no fundo do seu palacio; porém estimulado por conselhos de alguns amigos que ainda lhe restavam, marchou com o exercito contra os rebeldes e os bateu. — Ora, a rebellião estava muito adiantada para acabar com uma só derrota; os rebeldes tornaram a reunir-se, e por sua vez derrotaram tambem o Rei. Sardanapalo fugiu então para Ninive, que elle julgava inexpugnavel; mas uma inundaçãõ do Tigre, a cujas margens estava edificada, havendo levado parte de suas muralhas, deixou-a exposta a ser tomada, e o Rei perdeu toda a esperança de salvaçãõ. Temendo a vingança de seus inimigos, e não querendo cair-lhes nas mãos, mandou preparar uma grande fogueira, na qual se precipitou com suas mulheres e seus thesouros. As chammas se elevaram com tal violencia, que o seu magnifico palacio foi inteiramente consumido.

Depois d'esta catastrophe os tres conjurados vencedores repartiram entre si o Imperio, do qual formaram tres distinctos Estados; isto é, a nova Assyria, Babylonia, e a Media. Este ultimo permaneceu por algum tempo entregue aos horrores da guerra civil. Dejoces, seu primeiro Rei, a quem a Escriptura chama Arphaxad, fundou a soberba cidade de Ecbatana, e pre-

parou os cimentos de um famoso Imperio. Tinha subido ao throno em premio de suas virtudes, e a coroa lhe foi posta na cabeça para serenar as desordens, que se tinham levantado entre o povo por effeito da anarchia (*). Os Medos disciplinados por um Rei tão abalisado, resistiram vigorosamente aos seus visinhos, mas não alargavam nem estendiam os seus limites. Entretanto os Reis da Assyria iam-se fazendo cada vez mais formidaveis a todo o Oriente; Saosduchin, filho de Asaraddonte, chamado Nabucodonosor no livro de Judith, desfez em batalha campal a Arphaxad, ou Dejoces Rei dos Medos.

Dejoces, ainda que ficasse derrotado pelos Assyrios, deixou o Reino em estado de florescer debaixo dos seus successores. Phraorte seu filho, e Cyaxares seu neto, subjugaram a Persia e levaram suas conquistas pela Asia menor até as margens do Halys. Astyages, filho de Cyaxares, desmantelou e destruiu Ninive, capital da nova Assyria. Foi este Astyages avô do celebre Cyro, fundador da vasta monarchia dos Persas, quinhentos e trinta seis annos antes do nascimento de J. C. — Alguns pretendem que o Imperio dos Medos acabara com Astyages, e outros com Cyaxares II, seu filho, e tio do grande Cyro; — o certo é que ha muita difficuldade de conciliar a historia profana com a sagrada pela chronologia antiga. Justino não falla do segundo Reino dos Assyrios, nem d'aquelles famosos Reis da Assyria

(*) Herodoto, L. 1, cap. 27.

e Babylonia, tão celebres na historia sagrada; a este póde ajuntar-se Diodoro com a maior parte dos autores gregos e latinos, que referem estes factos por um modo diverso do que temos seguido.

CAPITULO XIX.**Cyro, Cresos, e Solon.**

No capitulo precedente referimos uma serie de acontecimentos e de accões, que as gerações posteriores tem attribuido aos nomes celebres de seus antepassados. A respeito de Cyro os autores profanos não concordão todos sobre a sua vida. Bossuet preferiu antes seguir a Xenophonte com S. Jeronymo do que a Ctesias, a quem copiaram a maior parte dos Gregos, assim como estes foram copiados por Justino, e pelos Latinos. Cyro era filho de Mandane filha de Astyages, e de Cambyses, Rei da Persia, sugeito ao Imperio dos Medos; — porém ácerca do seu mesmo nascimento se encontram bem differentes relações, que não convém omittir por fabulosas que pareçam, para darmos uma idéa de tudo quanto se tem dito a este respeito. — Eis-ahi a tradicção.

Astyages, ultimo Rei dos Medos, tendo sonhado uma noite que sua filha Mandane derramava tanta agua sobre a terra, que tinha inundado toda a Asia, consultou aos adevinhos sobre este sonho, e lhes pediu a sua explicação. — Os adevinhos tão respeitados no Egypto como na Media, disseram ao Rei que Mandane daria á luz um filho, que reinaria sobre toda a Asia. Astyages ficou de tal modo horrorizado com esta interpretação, que logo mandou sua filha para um paiz pequeno em que habitavam os Persas, onde a fez casar com um homem de condição pouco elevada. Com effeito ella teve um filho, ao qual poz o nome de Cyro.

Apenas teve o Rei noticia do seu nascimento, mandou buscar o menino e o entregou a um dos seus cortesãos, chamado Harpagus, ordenando-lhe que o matasse. Este homem porém teve piedade da criança, e em vez de tirar-lhe a vida, entregou-o a um pastor dizendo-lhe, que a fosse deitar em um logar retirado do visinho bosque. — O pastor levou Cyro a sua mulher, que acabava de perder um filho, e esta o adoptou e criou como se fôra proprio. — Entretanto crescia o menino, e se tornava bello e robusto. Um dia brincando com outros rapazes, estes o nomearam Rei; e como um d'elles não quizesse obedecer-lhe, Cyro na qualidade de Rei o fez açoutar. O rapaz castigado correu a queixar-se a seu pae, homem de importancia e muito considerado, e este se dirigiu ao Monarcha pedindo-lhe que mandasse castigar o filho do pastor.

Astyages mandou vir á sua presença o supposto filho do pastor. Cyro appareceu sem medo, e disse com infantil ingenuidade, que havendo sido eleito Rei por seus camaradas, tinha apenas usado do seu direito. A coragem d'este menino, sua altivez, e alguns signaes que fizeram recordar ao Monarcha sua filha, attrahiram a sua attenção; e pelas informações que exigiu do pastor, veio no conhecimento de toda a verdade. Cyro tendo ganho a afeição de Astyages, foi enviado á sua mãe na Persia; porém o Rei, offendido pela desobediencia do cortesão, quiz vingar-se de uma maneira cruel, por não ter este executado a ordem de matar aquelle que agora tanto presava. Ordenou pois que matassem a todos os filhos de Harpagus, que os picassem, e cozessem alguns pedaços, e os fizessem comer ao pai; e depois d'esta refeição declarou-lhe o Rei, que tinha comido seus proprios filhos em castigo da sua desobediencia.

Este pai infeliz, aterrado com esta noticia, procurou afogar em seu peito toda a sua desesperação e furor; calou-se portanto para espreitar favoravel occasião de vingar-se. Entretanto os adevinhos lograram tranquillisar o Monarcha, declarando-lhe, que havendo Cyro sido eleito Rei por seus companheiros de infancia, o sonho estava realisado; de sorte, que passado mais algum tempo, Astyages chamou para a Media sua filha e seu neto. O joven Cyro, criado segundo os costumes guerreiros e austeros dos Persas, não podia conter o riso vendo a côrte de seu avô tão

cheia de perfumes e de mollesa. Entrando na salla do Throno, em que o Rei se achava sentado, cheio de collares e de braceletes, com os labios, faces, sobranceiras e cabellos pintados de varias côres, lançou-se nos seus braços, exclamando: Oh! que bello avô que eu tenho! o que agradou tanto ao velho, que lhe deu ricos presentes, e d'ahi em diante fê-lo sentar á meza junto a si.

Cyro habituado á frugalidade dos Persas, achava extraordinaria a abundancia de tantos pratos, e pediu licença ao Rei para reparti-los entre os criados, o que fez entre todos exceptuando o escanção Sakassakas. O Rei, que muito estimava o seu copeiro, disse gracejando a Cyro: porque exceptuas aquelle que eu tanto préso? não vês como elle serve tambem o vinho, prova-o, e depois m'o offerece? Oh! se não é mais do que isso, disse Cyro, eu o farei melhor do que elle, e enchendo uma taça, apresentou-a ao Rei. Bem, lhe tornou este, porém deves prová-lo antes. Tal não farei, replicou Cyro, porque eu sei que esta beberagem tem veneno. — Como assim? — Não vos lembraís, disse Cyro, como ficastes o outro dia depois que bebestes, e os vossos convidados? como todos perderam a rasão, fallavam ao mesmo tempo, cantavam e gritavam como desesperados? Pois bem, emquanto estavam sentados, faziam todos alardo de suas forças, mas logo que se levantaram para dançar, trocavam as pernas, cambaleavam, e ninguem soube mais quem era, nem vós que creis o Rei, nem elles que eram vossos vassallos.

Perguntou então Astyages a Cyro, se quando seu pai bebia, não perdia também a razão. Nunca, lhe respondeu, porque elle bebe para matar a sede e nada mais. Com estes e outros chistes semelhantes, fez-se Cyro amar de seu avô, a tal ponto que este lhe mandou ensinar a montar a cavallo, a caçar, e outros exercicios em que se distinguuiu tanto, que em um pequeno encontro com um povo visinho tornou-se o idolo dos Medos. — Harpagus observava tudo isto com prazer, porque preparava por este meio a sua vingança; ganhou a amizade de Cyro, a quem descobriu afinal todo o designio do Rei a seu respeito; — e incitou por tal arte o seu espirito que, quando os Persas o chamaram para collocá-lo á frente de seus esquadões em uma invasão contra os Medos, Cyro correu a reunir-se a seus compatriotas. —

Quando Astyages teve noticia d'esta empreza temeraria, mandou matar a todos quantos lhe tinham aconselhado que poupasse a vida de Cyro. O unico que exceptuou foi Harpagus, a quem deu o mando do exercito dos Medos; porém tendo-se elle encontrado com Cyro, passou-se com todo o exercito. Cyro foi então proclamado Rei dos Persas e dos Medos, — conservando seu avô como prisioneiro. Alguns povos visinhos, em primeiro lugar os Armenios, que pagavam tributo aos Medos, recusaram fazê-lo a Cyro; porém este caiu repentinamente sobre elles, e apoderou-se de toda a familia Real dos Armenios. — O Rei prisioneiro temendo a morte ou

um eterno cativo, recebeu entretanto a liberdade com tanta nobreza e grandeza d'alma, que de inimigos, que eram, se tornaram os mais fieis alliados e amigos decididos. Cyro com o apoio dos Armenios, obrigou todos os Reis visinhos a submeterem-se aos Persas.

Creso era o mais poderoso de todos aquelles Reis. — Suas riquezas tornaram-se proverbias. Invejoso do nascente poder de Cyro, declarou-lhe a guerra sobcolor de haver este privado do throno a Astyages, que era seu parente. — Com este fim reuniu um numeroso exercito, e mandou consultar os adevinhos sobre a sorte d'esta campanha, perguntando-lhes se devia attacar a Cyro. A resposta foi: se Creso passa o Halys, destruirá um grande imperio. O Halys era o rio que separava a extensa monarchia de Creso do resto da Armenia, conquistada por Cyro. Creso entendeu que a resposta lhe era favoravel, e passou o Halys; a primeira refrega foi muito violenta, porém nenhum dos dois exercitos cantou victoria. Creso então separou-se das suas tropas para ir ajuntar mais gente; entretanto informado Cyro d'este incidente, perseguiu a Creso, e se apoderou de Sardes, que era a capital da Lydia, ordenando que matassem todos os Lydios, á excepção do Rei.

Os soldados de Cyro matavam sem distincção a todos os habitantes; um d'elles ia traspasar o Rei sem conhecê-lo, quando um filho d'este Principe, mudo até aquelle momento, por um esforço sobrenatural gritou: respeitai o Rei. O

soldado então levou Creso prisioneiro e o apresentou a Cyro, que mandou logo suspender a carnagem; porém condemnou o Rei a ser queimado vivo, com quatorze dos principaes da sua côrte. — Quando as chammãs começaram a envolver o desgraçado Creso, exclamou este: Solon, Solon!! Cyro curioso de saber o que significava esta exclamação, perguntou-lhe o que queria dizer com aquellas palavras. Eu invoco, disse Creso, um homem que eu desejava que fosse o preceptor de todos os Reis. Cyro mandou então apagar o fogo, e Creso em sua presença fallou d'este modo:

Ha poucos homens, oh! Cyro, que, como eu, tenham sido mais bafejados da fortuna, e depois arrojados na mais abjecta miseria. Se me concedes a vida, prometto reparar, desde este dia, todos os erros de uma existencia corrompida pelas delicias. — Ainda hontem eu dominava sobre um vasto imperio, e as minhas riquezas te farão conhecer que eu era o Principe mais opulento de toda a Asia, e por isso tambem me julgava o mais feliz. — Em outro tempo hospedei em minha casa um sabio da Grecia, chamado Solon; mostrei-lhe todos os meus thesouros, e tive a louca pretensão de o fascinar para que me considerasse como o homem mais digno de inveja. — Elle porém ficou silencioso, e quando eu lhe perguntei qual era o mais feliz dos homens, entre todos quantos elle tinha conhecido em suas viagens, respondeu-me: é Tellus, cidadão de Athenas; porque Tellus viveu quando esta cidade

florescia, teve filhos e netos, e todos lhe sobreviveram; tinha abastança, e assim feliz e satisfeito chegou a uma idade avançada; perdendo a vida pela patria em um combate, em que ficou victorioso, erigiram-lhe um monumento em memoria d'este sacrificio.

Admirado, que preferisse a vida de um simples cidadão ao meu poder e riquezas, instei para que me dissesse quem mais julgava elle feliz: dois moços Gregos, me disse, Cleobis e Biton, de origem illustre, destros e ageis de corpo, que levaram o premio muitas vezes nos combates do circo; ao mesmo tempo, obedientes e submissos a sua mãe, a quem idolatravam sobre todas as cousas d'este mundo; um dia que a mãe d'estes mancebos devia ir ao templo de Juno fazer-lhe um sacrificio, como tardassem os bois que a deviam conduzir no seu carro, se jungiram elles ao carro e levaram sua mãe ao templo;—no seu tranzito forão admirados e applaudidos pelos Gregos que os viam desempenhar tão sagrado dever; quando chegaram ao templo pediu sua mãe á Deosa que deparasse a seus filhos o que ella tivesse por melhor; depois do jantar, deitaram-se no templo para dormir a sesta e não acordaram mais. Os Gregos lhes erigiram estatuas em memoria da sua boa acção, e da sua bella morte.

Depois de ouvir o que acabava de dizer-me, continuou Creso, lhe retorqui cheio de despeito: pois nem ao menos, Solon, queres comparar a minha felicidade com a d'estes homens? Bem póde ser, me disse, que o homem veja durante o curso

de sua vida cousas, que não esperaria ver; assim é que tu, ó Rei, tão rico e poderoso como és, não te chamarei feliz em quanto não souber que tiveste um fim ditoso; ha muitos homens que com immensa fortuna não gosam de felicidade, outros que com mediocre haver são ditosos e vivem satisfeitos; os Deoses algumas vezes acumulam muitos bens sobre um individuo, e depois retiram o beneficio, precipitando no abismo aquelle mesmo, que tinham exaltado. Eis-ahi como este sabio me respondeu; porém eu despresei as suas lições, e não permitti mais que apparecesse em minha presença. Desde então começou a desandar a roda da minha fortuna: meu filho mais velho emmudeceu repentinamente; o segundo morreu pelas mãos do seu proprio amigo; eu perdi todos os meus Estados, os meus vassallos, os meus thesouros, e hoje me acho tambem em teu poder. Sabes agora porque eu invocava o nome de Solon; dispõe de mim como bem te parecer.

Cyro, advertido por esta narração de que era possivel uma mudança em sua propria fortuna, concedeu a vida a Creso, e o conservou como amigo junto a si; do que não teve que arrepende-se, porque o seu prisioneiro prestou-lhe depois importantes serviços. — A victoria de Cyro sobre Creso aterrou toda a Asia; os Gregos que habitavam nas costas da Asia menor se affligiram ainda mais, porque elles tinham auxiliado o vencido; e deputaram a Cyro embaixadores offerecendo-lhe a alliança e amisade, que elles tinham rejeitado quando aquelle lh'as havia proposto.

Cyro então só lhes respondeu com o seguinte apologo: « Houve um pescador que esteve muito » tempo sentado á borda d'agua assobiando con- » tradanças, e os peixes não quizeram vir dançar; » deitou então a sua rede e os apanhou, e quando » os trouxe para terra, começaram a saltar: » agora, lhes disse, não quero dança, visto que » não quizeses dançar quando eu assobiava. »

Com effeito, um dos generaes de Cyro submetteu os Gregos da Asia, com quanto se deffendessem com muito valor e bisarria; e muitos preferiram abandonar sua patria a soffrer o jugo dos Persas. Uma porção d'esses Gregos emigrou para as Gallias, onde fundaram Marselha sobre a costa do Mediterraneo, a mais antiga das cidades da moderna França. — Até aqui temos referido o que achamos de mais notavel nos autores profanos; porém em outros ha circumstancias que differem tanto, que é mister não prescindir d'ellas para poder-se avaliar a veracidade dos factos. — Eis-ahi o que diz Bossuet, referindo-se a Xenophonte e a S. Jeronimo. —

« Neriglissor não podia ver o poder dos Medos, que se empolavam no Oriente, e lhes declarou guerra. Em quanto Astyages (o avô de Cyro), filho de Cyaxares I, se preparava para lhe fazer resistencia, morreu, e deixou para sustentar esta guerra a seu filho Cyaxares II (*), a quem Daniel chamou Dario o Medo. Este nomeou a Cyro para general dos seus exercitos, filho de Mandane sua

(*) Abyd. ap. Eus., L. 9, Præp. Evang., cap. 41.

irmãa e de Cambyses Rei da Persia, sujeita ao imperio dos Medos. A reputação de Cyro, que se tinha distinguido em differentes guerras sob o governo de Astyages seu avô, fez reunir a maior parte dos Reis do Oriente debaixo das bandeiras de Cyaxares. Levou á escala a capital de Cresos, Rei da Lydia, e o fez prisioneiro, e gosou de suas immensas riquezas: humilhou os outros alliados dos Reis de Babylonia, e alargou os seus dominios não só pela Syria, mas entranhou-se pelo centro da Asia menor. Emfim marchou contra Babylonia, que tomou de assalto, e sujeitou a Cyaxares seu tio, que, admirando sua fidelidade e suas proezas, lhe deu em casamento sua filha unica e sua herdeira. »

Pelo que diz Bossuet não foi Astyages o ultimo Rei dos Medos, porque ainda lhe succedeu seu filho Cyaxares II, que reinou sem interrupção sobre a Media. Tão pouco foi Cyro filho de um homem sem condição, porque Cambyses, seu pai, era Rei da Persia, ainda que sujeito ou tributario dos Medos. — Longe de haver sido um usurpador, como dizem alguns autores, foi Cyro subdito fiel, e herdou o throno por morte de seu tio e sogro, depois de o haver tornado esplendido por suas victorias como simples general; que já em tempo de seu avô elle tinha servido com reputação sem que se lembrasse de usurpar-lhe o throno; e finalmente que não fôra como Rei, que elle conquistára a Lydia, senão como general de seu tio; e que o imperio dos Persas fundado por elle data de sua ascenção ao throno dos

Medos, por morte de Cyaxares II, no anno 536 antes de J. C.

Depois de todos estes triumphos marchou Cyro em pessoa contra Babylonia, e com numeroso exercito de Medos e de Persas pôz sitio á cidade. Os Babylonios confiando nas suas muralhas inexpugnaveis não quizeram sair a campo; Cyro desviou então o Curso do Euphrates para o grande lago, e as suas tropas entrando pelo leito do rio na cidade se apoderaram d'ella, fazendo horrivel matança, ao tempo que o voluptuoso Rei Balthasar se banqueteava com seus validos. A destruição foi espantosa, e lastimoso o fim da opulenta cidade, para escarmento de devassos e exemplo do pouco que valem a gloria e vaidades mundanas. Foi d'esta arte que Cyro se fez senhor de Babylonia e de todo o imperio dos Chaldeos (*).—A dominação d'este con-

(*) Algum tempo depois da famosa visão de Daniel, chamada das setenta semanas, Cyaxares veio a morrer, assim como tambem expirou Cambyses, pai de Cyro; e este grande homem, que lhe succedeu, fez um só reino dos Persas e dos Medos. Vê-se pois que Cyro, segundo a opinião de Xenophonte, veio a ser senhor d'este grande imperio por uma successão legitima, como Carlos V o foi da Austria e da Hespanha. Já dissemos que um dos primeiros actos de Cyro foi o seu decreto mandando restabelecer o templo em Jerusalem, e restituindo a liberdade aos Judeos, depois dos setenta annos do cativeiro de Babylonia. Cambyses, filho de Cyro, foi quem subjugou o Egypto no anno 522 antes de J. C. Este barbaro não sobreviveu muito tempo a Smerdis seu irmão, a quem mandou matar em segredo, por motivo

quistador se estendeu então desde o mar Mediterraneo até o Indo; seu filho conquistou o Egypto; e Dario, que lhe succedeu, passou além do Indo, e alargou para o Levante e Occidente o seu imperio, atravessou o Helesponto e levou suas armas até o Danubio passando pela Thracia.

Todavia o poder d'este conquistador victorioso, veiu amolgar-se contra a coragem de um pequeno povo, porém cheio de energia d'alma e de corpo. Dario pensou conquistar a Grecia, e levou a mais completa lição do quanto podem os esforços do homem, quando não desespera da sua causa. Aquelle que desconfia de si e de sua fortuna, pôde julgar-se perdido porque será de certo abandonado. Na guerra é mister vencer ou morrer gloriosamente.

de um sonho ambiguo que teve. Seguiu-se o Mago Smerdis, que reinou algum tempo debaixo do nome do irmão de Cambyses; mas a sua impostura foi logo descuberta. Os sete principaes senhores se conjuraram contra elle, e um d'elles occupou o seu lugar. Este foi Dario, filho de Hystapes (Herod., L. 4, cap. 159), que nas suas inscrições se arrogava o titulo do melhor, e mais bem apessoado de todos os homens. Muitos o confundem com Assuero, de quem se falla no livro de Esther. Foi no principio do seu governo que se acabou a nova edificação do templo, depois dos embaraços que oppuzeram os Samaritanos por vingança (Esdras, cap. 5.º e 6.º). No tempo de Dario foi que se plantaram as palmeiras, que tanto aformosearam depois a famosa Grecia.

CAPITULO XX.

A Grecia desde sua origem até a invasão de Dario, filho de Hystapes.

Quasi pelo tempo do nascimento de Moysès, 1571 annos antes de J. C. , aconteceu que alguns povos do Egypto se foram estabelecer em diferentes logares da Grecia. A colnia, que Cecrepe levou do Egypto, fundou doze cidades, ou para melhor dizer doze villas, de que se compoz o reino de Athenas, e onde estabeleceu com as leis do seu paiz os Deoses, que alli se adoravam. Pouco depois succedeu o diluvio de Deucalião na Thessalia, que os Gregos tem confundido com o diluvio universal (*). Helleno, filho de Deucalião, reinou em Phthia, paiz da Thessalia, e deu o seu nome á Grecia. Os seus povos, que primeiramente se chamavam Gregos, tomaram

(*) Marm. Arund. , seu Æra alt.

desde o seu tempo o nome de Hellenos, ainda que os Latinos lhes conservassem sempre o seu antigo nome.

Pouco mais ou menos por este tempo Cadmo, filho de Agenor, transportou para Grecia uma colonia de Phenicios, e fundou a cidade de Thebas na Beocia. Os Deoses da Syria e da Phenicia entraram com elle na Grecia. Os Egypcios continuaram o estabelecimento de suas colonias em diversas partes do mundo, principalmente na Grecia, em que Danau, Egypcio, se faz Rei de Argos, e desthronisa os antigos Reis descendentes de Inacho. Pelops, Phrigio, filho de Tantalos, reina no Peloponeso e dá o seu nome a este famoso paiz. Pelo anno de 1252 antes de J. C. pouco mais ou menos, temos os famosos trabalhos de Hercules, filho de Amphitrião; e os combates de Theseo, Rei de Athenas, que reduziu as doze villas de Cecrope a uma só cidade, e deu aos Athenienses uma forma de governo muito melhor.

Na mesma epocha em que Semiramis, viuva de Nino, ampliava o imperio dos Assyrios por suas conquistas, a famosa cidade de Troia, já tomada uma vez pelos Gregos debaixo do governo de Laomedonte, seu terceiro Rei, foi redusida a cinzas segunda vez pelos mesmos Gregos governando Priamo, filho de Laomedonte, depois de um cerco de dez annos. Esta epocha da ruina de Troia, (1184 annos antes de J. C.), acontecida pouco mais ou menos no anno 308 depois que os Israelitas sairam do Egypto, e 1164 annos

depois do diluvio, é memoravel tanto por causa da importancia de um tão grande acontecimento, celebrado pelos dois maiores poetas da Grecia e da Italia, como porque se pôde referir a esta data o que ha de mais celebre nos tempos chamados fabulosos ou heroicos: fabulosos por causa das invenções de que estão cheias as historias d'esses tempos; heroicos em rasão d'aquelles que os poetas chamaram filhos dos Deoses, e heróes. —

A vida d'estes heróes anda quasi pela tomada d'esta cidade, porque no tempo de Laomedonte, pai de Priamo, apparecem todos os heróes do Tosão de ouro, Jason, Hercules, Orpheo, Castor e Pollux, e outros que se sabem; e ainda mesmo nos dias de Priamo, pelo ultimo cerco, vemos os Achilles, os Agamemnons, os Menelaos, os Ulysses, Heitor, Sarpedonte filho de Jupiter, Eneas filho de Anchises e de Venus (*), que os

(*) *Eneas*, heroe Troiano, pôde ser considerado por tres faces, como personagem historica, mythologica, ou debaixo do character epico. Como personagem historica e mythologica não é menos famoso o filho de Venus e de Anchises, do que quando Virgilio lhe faz dizer esta sonora needade na sua Epopea:

Sum pius Æneas, fama super æthera notus.

(Eu sou o piedoso Eneas, cuja fama se estende além dos astros.) Os Romanos attribuiam a sua origem a Eneas e aos Troianos fugitivos; assim mesmo não faltou em Roma quem attacasse este preconceito popular ou esta tradição fabulosa; porém quando Cesar e Augusto se proclamaram descendentes de Eneas não foi mais permittido

Romanos contam como seu progenitor, e outros muitos de que fazem gala de serem descendentes familias illustres, e nações inteiras. Esta epocha portanto é muito propria para reunir o que os tempos fabulosos tem de mais certo e de mais precioso.

Muito mais tarde, isto é, 1095 annos antes de J. C., Codro, Rei de Athenas, se entregou á morte para salvar o seu povo, e por esta morte conseguiu a victoria. Seus filhos, Medonte e Nileo, disputaram o reino entre si. Por esta occasião os Athenienses aboliram a dignidade Real, e declararam que Jupiter seria d'ahi em diante o unico Rei de Athenas. Elegeram governadores ou presidentes perpetuos, mas sujeitos a darem contas da sua administração: estes magistrados se chamaram Archontes. Medonte, filho de Codro, foi o primeiro que exerceu esta magistratura, que por muito tempo andou na sua familia. Os Athenienses derramaram as suas colonias por aquella

combater publicamente uma opinião, que tinha por apoio os depositarios do poder e seus lisongeiros. Virgilio e Quinto de Smyrna collocam a Eneas no numero dos mais famosos defensores da desgraçada Troia. O rasgo de amor filial, pelo qual Eneas assinalou a sua fugida das ruinas de Troia, lhe mereceu o cognome de piedoso (*Pius*). Parâ salvar seu pai, o velho Anchises, elle abandonou sua mulher a Troiana Creusa; e este rasgo de piedade é o que representa a nossa estampa, na qual se vê Eneas com o velho sobre suas espadas, acompanhado tão sómente por seu filho Ascanio, que fôra depois o fundador de Alba e o progenitor de Romulo. (*Dict. de la Conversat.*)

parte da Asia menor, que se chamava Ionia. As colonias Eolias se estabeleceram pelo mesmo tempo com pouca differença, e toda a Asia menor se encheu de cidades Gregas.

Um seculo depois de Codro floresceu Homero, e Hesiodo tinha figurado trinta annos antes. Os costumes antigos que elles descrevem, e os longes mesmo da antiga simplicidade, que elles ainda guardam nas suas descripções, não servem pouco para nos fazerem entender tanto as antiguidades muito mais remotas, como a divina simplicidade da Escriptura. Quasi ao mesmo tempo Lycurgo dava leis em Lacedemonia (*). E notado pelas ter feito todas para a guerra ao exemplo de Minos, cujos preceitos tinha seguido, e por se ter embaraçado pouco com a modestia das mulheres, em quanto para fazer soldados, obrigava os homens a uma vida tão laboriosa e tão frugal.

Os jogos olympicos instituidos por Hercules (**),

(*) *Plat.*, de Rep., l. 8; de Reg., l. 1. *Arist.*, Polit., l. 2, cap. 9.

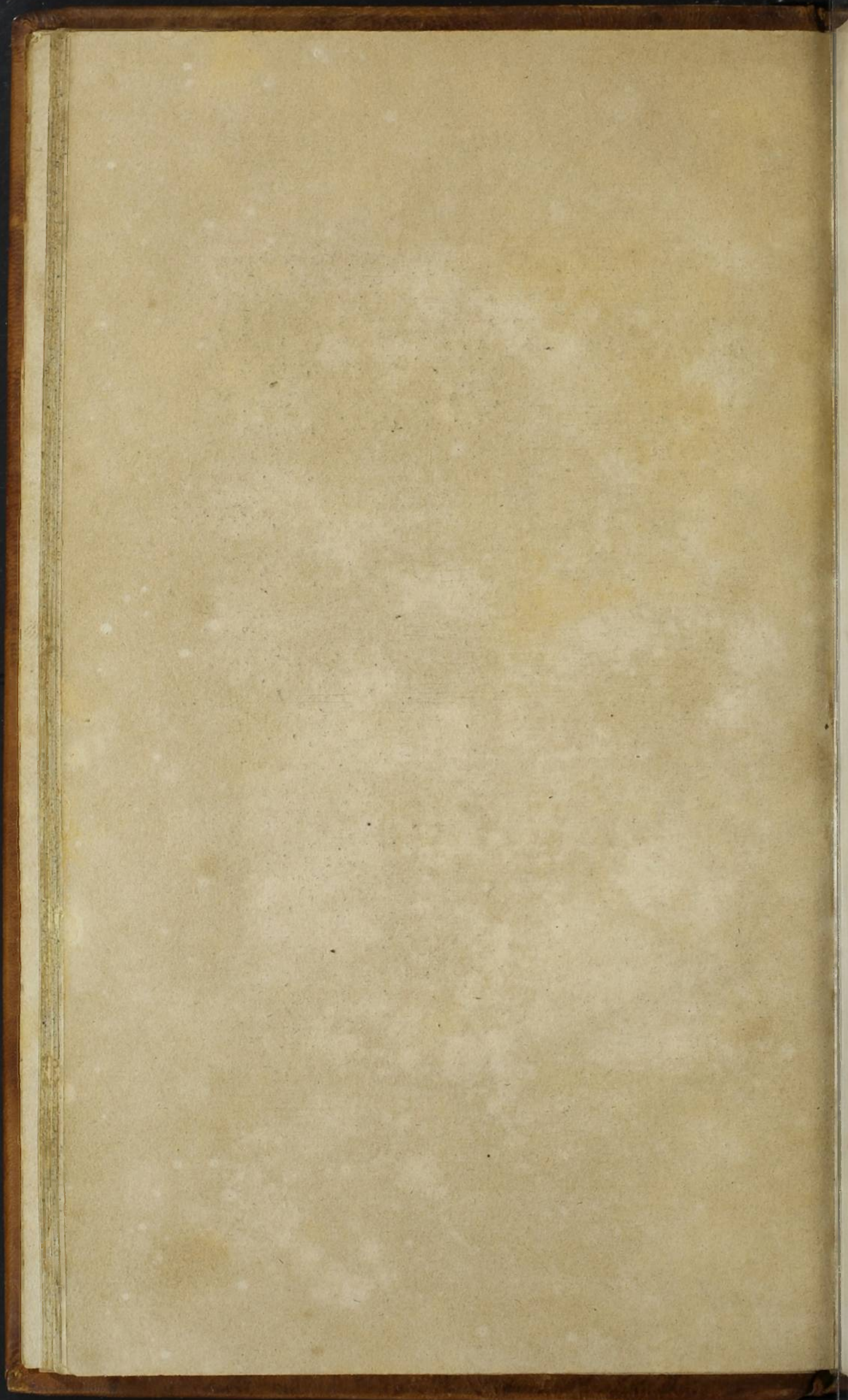
(**) *Os Jogos Olympicos*, os mais celebres dos quatro jogos religiosos da antiga Grecia, eram tambem os mais brilhantes. Tudo concorria para dar-lhes magnificencia, porque não eram o privilegio de um só povo, mas de toda a Grecia; do que resultava a grande vantagem de manter a união intima entre todos estes povos. Estas grandes festas eram chamadas Olimpicas porque se estabeleceram primeiro em Olympia, ou porque derivavam o seu nome de Jupiter Olympico, que tinha um famoso templo n'aquella cidade. Os Gregos attribuiam a Jupiter o estabelecimento d'estes jogos por haver combatido no mesmo logar contra Neptuno pelo imperio do mundo;

e que havia já muito tempo que se não celebravam, foram restabelecidos 776 annos antes de J. C. D'este restabelecimento vieram as olympiadas, por onde os Gregos computavam os seus annos. Aqui finalisam os tempos, a que Varrão chama fabulosos; porque até esta data as historias profanas estão cheias de confusão e de fabulas; e aqui verdadeiramente começam os tempos historicos, em que os negocios do mundo são já contados por meio de relações mais fieis e mais bem examinadas. A primeira olympiada é assignalada pela victoria de Corébo. Celebravam-se infallivelmente em cada periodo de quatro annos devolutos. Alli na assembléa de toda a Grecia,

outros a Hercules Ideano, um dos cinco dactylos; finalmente alguns tambem os attribuiam a Hercules filho de Alcmena, como havendo-os instituido ou restabelecido no anno de 1346 antes de J. C. Muitas vezes interrompidos, Pelops os renovou em honra de Jupiter; Lycurgo de Lacedemonia e Iphito de Elea os restabeleceram a final com todo o seu esplendor. As festas começavam por sacrificios sobre os altares, e depois eram destinados os cinco dias seguintes para os exercicios, que constituiam os jogos, como a carreira a pé ou em carro, o salto, a barra, o dardo, a luta, o pugilato. Os mais poderosos Reis não tinham a menos o virem disputar o premio; muitos foram vencedores, como Theron Rei de Agrigento, Gelon e Hieron Reis de Syracusa, Archelao Rei de Macedonia, Pausanias Rei de Lacedemonia, e outros não menos famosos. Felipe de Macedonia estimava em tanto a gloria de vencer nos Jogos Olympicos como nos campos de batalha. Os juizes que deviam presidir os jogos eram tirados á sorte entre as Tribus, e chamavam-se *Hellanodices*. (*Dict. de la Conversat.*)



SCENE OF THE OLYMPIC GAMES



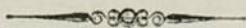
primeiramente em Piza e depois em Elida, se celebravam estes famosos combates, em que o vencedor era coroado com incriveis applausos. Por este modo se honravam os exercicios, e a Grecia ia pulando em fortaleza e policia de um dia para outro.

Foi pela segunda olympiada, e depois de Alceon, ultimo Archonte perpetuo dos Athenienses, que este povo, cuja indole o levava naturalmente ao governo popular, diminuiu o poder dos seus magistrados, e reduziu a dez annos a administração dos Archontes. O primeiro que foi eleito por este modo foi Charops. Em tempo de Numa Pompilio, as colonias que vieram de Corintho, e de algumas outras cidades da Grecia, fundaram Syracusa na Sicilia, Crotona, Tarento, e pôde ser que outras mais cidades, n'esta parte da Italia, a que outras mais antigas colonias Gregas, espalhadas por todo o paiz, tinham já dado o nome de grande Grecia. Ainda não era passado um seculo, quando o governo democratico se estabeleceu de todo entre os Athenienses (687 annos antes de J. C.), e começaram a eleger Archontes annuaes, sendo Creonte o primeiro que occupou esta magistratura.

Seis seculos antes de J. C. florescia a Grecia e se tornava illustre pelos seus sete sabios. Solon, um dos ditos sabios, dava leis aos Athenienses e fundava a liberdade sobre a justiça; porém tudo isto não impediu que, alguns annos depois, Pisistrato usurpasse em Athenas a authoridade soberana, e a conservasse por espaço de trinta

annos entre infinitas vicissitudes, e que a passasse de mais a mais a seus filhos. No tempo de Dario foi que começou a liberdade de Athenas. Harmodio e Aristogiton, Athenienses, livram a sua patria da tyrannia de Hypparco, filho de Pisistrato, porém são mortos pelas guardas do tyranno. Hippias, irmão de Hypparco, em vão se pretende sustentar sobre o throno; é obrigado por fim a ceder, e com elle acaba inteiramente a usurpação dos Pisistratides.

Os Athenienses recobrando a sua liberdade, levantam estatuas aos seus libertadores, e restabelecem o governo popular. Hippias vae refugiar-se nos braços de Dario, que já estava disposto a emprender a conquista da Grecia. Hippias, por quem Dario se declarou, tinha as melhores esperanças; toda a Persia se punha em armas para o deffender, e Athenas ia soffrer uma guerra espantosa, e talvez a escravidão, quando a Providencia malogrou todos os seus planos.



CAPITULO XXI.

**Guerra dos Persas contra os Gregos. Marathonia. Milciades.
Salamina. Themistocles.**

Tinhamos dito no capitulo XIX que um dos generaes de Cyro havia submettido os Gregos d'Asia Menor, e que estes tinham vendido cara a sua liberdade aos Persas; ainda assim, elles não podiam supportar a dominação estranha, e só lhes faltava um chefe para levantarem-se em pezo, e recobrar a sua independencia.

Em uma das precedentes passagens de Dario pelo Danubio, Histiaco, um dos governadores da Asia Menor, tinha prestado aos Persas eminente serviço, conservando a ponte que elles tinham lançado sobre o rio. O Rei agradecido deu a Histiaco uma porção do paiz, de que este soube tirar muito proveito por via do commercio. Esta conducta de Histiaco provocou a desconfiança dos Persas; Dario chamou-o á côrte, onde o

reteve a titulo de amigo e conselheiro, mas em realidade estava como prisioneiro, porque não podia voltar para sua patria, nem para as suas propriedades. O Grego soffria assim horriavelmente vendo-se detido; e sabendo que a Asia Menor estava agitada, pensou que seria talvez boa occasião de recobrar a liberdade.

Histiaco recorreu então a um expediente engenhoso: rapou a cabeça de um de seus mais fieis escravos, e sobre a pelle imprimiu algumas palavras com tinta indelevel; logo que os cabellos tornaram a crescer, enviou o escravo a Aristagoras, governador da Asia Menor, com ordem de rapar a cabeça do mensageiro. Feito isto, Aristagoras lêu com sorpresa e alegria o conselho que lhe dava Histiaco de attacar os Persas sem demora. Todos os Gregos d'aquelles paizes estavam promptos a reunirem-se debaixo de suas ordens, porém como as suas forças não eram sufficientes para lutar com as dos Persas, resolveu Aristagoras vir sollicitar soccorro e protecção dos Gregos da Europa.

Achavam-se os Gregos divididos em pequenos Estados, entre os quaes figuravam como mais importantes: Esparta em uma península ao sul, e mais acima Athenas situada em um paiz um pouco mais extenso. Na severa Esparta fallava-se pouco e conciso; assim é que o Grego d'Asia, desagradou logo por seu longo e pomposo discurso; e quando os Esparciatas ouviram dizer, que era mister tres mezes para chegar á capital dos Persas, gritaram todos: « vê lá que antes

de pôr-se o sol debes estar fóra de Lacedemonia.» Aristagoras não se intimidou, e seguiu como um pretendente, um dos Reis de Esparta (porque dois Reis reinavam ao mesmo tempo) até a sua casa, e entrou na salla onde se achava o magistrado com sua filha de nome Gorgo, menina de nove annos de idade.

Aristagoras procurou então mover o Rei em favor dos Gregos d'Asia offerecendo-lhe dez talentos (6:400,000 rs.) (*); porém como o Rei não se prestasse, offereceu-lhe vinte, trinta, e chegou até cincoenta talentos; n'este momento exclamou a menina como horrorisada: « fuja d'aqui, meu pai, antes que este estrangeiro o

(*) Como temos muitas vezes de fallar das moedas Gregas e Romanas, convém explicar seus valores segundo a opinião dos modernos. É varia a opinião sobre alguns d'estes valores: M. Goguet, por exemplo, dá ao *Talento* o valor de 4,256 francos ou 680\$960 réis (moeda forte); porém outros muitos não lhe dão mais de 4,000 francos de valor ou 640\$000, termo que eu adoptei de preferencia por ser a estimação mais geral. Para abreviar esta nota direi, que se estima igualmente a *Mina* em 11\$200, o *Drachma* em 113 réis, e o *Obolo* em 18 réis, (deve entender-se, uma vez por todas, que fallo da moeda forte). Em quanto ás moedas Romanas direi, segundo o artigo de M. Jaucourt na *Encyclopedia*, que o *Sestercio* (*sestertius*) era a quarta parte do *dinheiro*, e valeria hoje 32 réis. Algumas vezes tambem se contava por *sestercio grande* (*sestertium*), que valia quasi mil *sestercios pequenos* ou 29\$920 réis. O *dinheiro* romano valia quatro *sestercios* ou dez *asses*; cada *asse* valia 16 réis pouco mais ou menos, e segundo a avaliação de M. Goguet, menos que o *Obolo*.

corrompa. » O Rei advertido por esta infantil inspiração retirou-se, e Aristagoras partiu para Athenas sem nada obter de Esparta. — Os Athenienses o receberam melhor, e lhe prometteram o seu apoio, tanto mais sincero quanto, havendo lançado fóra da cidade o ultimo de seus tyrannos, este se refugiava na Persia, onde achou protecção e sympathias de parte do Rei; tanto assim que, havendo os Athenienses reclamado de Dario a entrega d'este tyranno, lhes fóra denegada.

Sustentados pelos Athenienses, os Gregos d'Asia Menor se sublevaram; porém em tão má hora o fizeram, que foram batidos, e os Athenienses tiveram que voltar para o seu paiz corridos de pejo. Aristagoras refugiou-se na Thracia, e a Asia Menor tornou de novo a submeter-se depois de ter soffrido a mais horrorosa devastação. Dario tratou depois os revoltosos com brandura e moderação; porque para seus planos convinha-lhe ganhar a affeição dos Gregos da Asia Menor. Porém nada o molestava tanto como a temeridade de um pequeno povo, de que apenas tinha ouvido fallar, e que tinha o arrojo, não só de desobedecer-lhe, negando-se a admittir de novo o tyranno que tinha expulsado, como ainda mais a ousadia de fazer-lhe a guerra: a elle que se julgava senhor do mundo, e que olhava para os Gregos como para vassallos seus. —

A colera de Dario tinha chegado ao mais alto ponto; a sua oração quotidiana era: Permitti, ó Deoses, que me vingue dos Athenienses!! Um criado tinha por incumbencia repetir-lhe todos

os dias e a cada refeição: Senhor, lembra-te dos Athenienses! Não era só Athenas que devia expiar o motivo de tanta colera, mas toda a Grecia. Dario mandou embaixadores a cada Estado a pedir-lhes terra e agua; porque dar aos Persas estas cousas era o mesmo que submetterem-se, como ainda hoje se pratica com a entrega de uma praça: mandando o governador as chaves ao general cercador. Muitos d'estes pequenos Estados o fizeram por medo, temendo o poder collossal dos Persas; porém Esparta e Athenas recusaram, e outros se lhes reuniram na repulsa.

A indignação dos Esparciatas chegou a tanto, que, quando se appresentaram os Arautos dos Persas, foram logo assassinados (*). Em Athenas

(*) Entretanto os Esparciatas logo se arrependeram do seu arrebatado proceder, e temerosos da vingança dos Deoses por este cruel attentado contra o direito das gentes, determinaram lava-lo com sangue. Um dos seus Reis fallou assim na assembléa do povo: «Esparciatas! qual de vós quer, pela patria, satisfazer a vingança do Rei dos Persas?» Immediatamente dois cidadãos dos mais notaveis se offereceram e prepararam para a viagem da Persia, certos de irem buscar a morte. Quando passaram pela Asia Menor, o governador d'aquelle paiz pretendeu desvia-los d'este proposito, porém em vão; e chegaram a Suza, residencia do Rei, a quem pediram uma audiencia. Elles se appresentaram tranquillos diante do Monarcha persa, e lhe disseram: «Senhor! os Esparciatas, na sua cólera, violaram o direito sagrado das nações, matando os teus embaixadores; elles querem hoje expiar tão grande attentado, e nos enviam aqui

foram sómente escarnecidos e ultrajados; e lançaram-nos dentro dos charcos dizendo-lhes: levai d'ahi quanta agua quizerdes ao vosso Rei! Dario, ainda mais indignado com esta affronta, mandou preparar uma armada e um exercito; porém antes que o exercito chegasse á Grecia, a frota tinha sido batida em diversos encontros parciaes, e afinal desfeita por um tremendo temporal. Em quanto os restos maltratados da frota procuravam a salvação voltando para os seus portos, o exercito Persa poz-se em retirada. —

Outra armada, muito mais formidavel, deu á vela para Athenas levando a bordo um exercito, que parecia impossivel resistir-lhe. Tanta era a confiança dos Persas, que levavam consigo correntes para atar os prisioneiros, e um pedaço do mais bello marmore branco da ilha de Paros, que devia ser empregado em um monumento para eternisar a victoria sobre o campo de batalha. Todas as ilhas Gregas, por onde passou a armada, se submeteram, e ninguem quiz mais sustentar os Athenienses, á excepção dos Esparciatas, unicos que permaneceram fieis; porém estes mesmos, supersticiosos como eram, faltaram no momento critico porque tinham para si que não se devia emprender guerra antes do Pleni-lunio. — Só-

para este fim; a nossa vida está em tuas mãos, vinga-te sobre nós como fôr do teu agrado, porque nós saberemos morrer pela patria.» O Rei admirado de tanta magnanimidade e heroismo, tratou-os com muita consideração, e permittiu-lhes que voltassem para o seio de suas familias, sem fazer-lhes algum mal.

mente a pequena cidade de Platea enviou um socorro de mil combatentes.

Os Athenienses reuniram nove mil cidadãos, e forçados pela necessidade armaram também os escravos. Este exercito era sem duvida muito pequeno, porém composto de homens que tinham tudo a perder, patria e liberdade; já adestrados nas lutas do circo, e outros exercicios que os tornavam vigorosos. Unidos entre si pela confiança em seus chefes; estimulados de mais a mais pelo odio concentrado contra seus inimigos; melhor armados do que elles, podiam muito bem supprir a deficiencia do numero por todas estas vantagens; em quanto os Persas, talvez em numero de cem mil combatentes, tinham alli sido levados á força, e se achavam em um paiz estranho sem conhecimento das localidades, sobrecarregados de bagagens, desunidos entre si, porque pertenciam a dez diferentes povos, e finalmente pesados de corpo, e acanhados de espirito.

Os dois exercitos se encontraram na planicie de Marathonia, que se tornou para sempre celebre na historia por esta batalha, dada no anno de 490 antes de J. C. Quando os Gregos avistaram o exercito inimigo, apoderou-se d'elles tal medo que muitos pensaram logo na retirada, porém Milciades percorrendo as linhas excitou de novo todo o seu valor e coragem, lembrando-lhes que se abandonassem o campo, seriam perseguidos até dentro de seus proprios muros, e condusidos como escravos para a Asia. Travou-se então a peleja, e no primeiro encontro os escravos Gregos

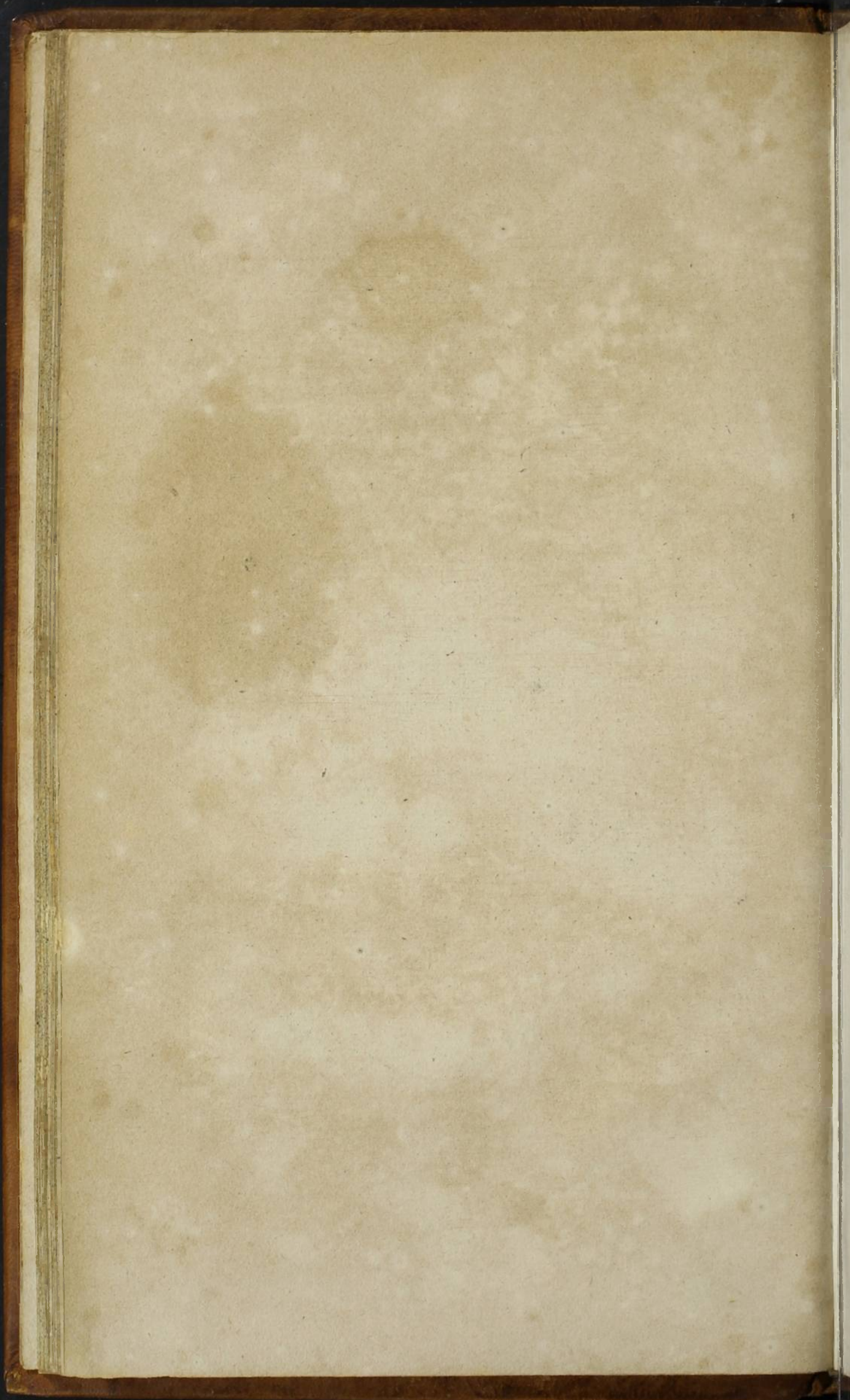
foram repellidos, e muitos cidadãos pereceram; mas os Athenienses e Plateenses, marchando em socorro dos escravos, levaram por diante o inimigo e conseguiram a victoria. A derrota dos Persas foi completa; os Gregos os perseguiram até á praia, onde se embarcaram em completa desordem, deixando em poder do exercito victorioso todas as suas riquezas, os ferros que destinavam para os vencidos, e o magnifico pedaço de marmore que devia perpetuar a victoria, que a final se declarou contra elles.

Em quanto os Gregos perseguiam os vencidos, um Atheniense corria açodadamente para a cidade, no espaço de algumas milhas, até que chegando quasi sem alento á praça publica, apenas pôde dizer: « *fomos victoriosos* » e expirou immediatamente. Os Athenienses continuaram depois a celebrar este dia glorioso, e fizeram inscrever os nomes d'aquelles que morreram no combate para memoria de tão grande feito. — O nome de Milciades tornou-se tão popular, que foi objecto de hymnos de triumpho. Todos os mancebos ardiam em desejos de imita-lo, todos invejavam as suas honras e os applausos que elle recebia de seus concidadãos. Quando os Athenienses voltaram de Marathonia, encontraram os Esparcias, que se tinham posto em marcha depois do Pleni-lunio. Era já tarde, e se contentaram com ver o campo de batalha, e tornar para Lacedemonia corridos de vergonha. —

A Grecia não gosou por muito tempo do descanço que a batalha de Marathonia lhe tinha



XERXES



dado. Para vingar a afronta da Persia e de Dario, Xerxes, seu filho e seu successor, e neto de Cyro por sua mãe Atossa, investiu os Gregos com um milhão e cem mil homens (outros dizem, um milhão e setecentos mil), sem entrar n'esta conta a armada naval, que se compunha de mil duzentos vasos de guerra, além de tres mil de transporte. O Rei em pessoa, adorado como um Deus, poz-se á frente d'esta immensa força. Sete dias foram precisos para que a infantaria passasse da Asia para a Europa, por uma ponte lançada sobre o Helesponto (estreito dos Dardanelos). Xerxes mandou tambem fazer um canal no Istmo, que prende o promontorio Athos á costa firme, a fim de que a sua frota pudesse passar sem correr o risco de montar o promontorio, onde a primeira armada Persa tinha sido desfeita por uma tempestade.

O norte da Grecia, inundado por um diluvio de barbaros, não pensou se quer em resistir, e á proporção que se aproximavam, mandavam-lhes as cidades Gregas terra e agua em signal de submissão. Tudo parecia perdido; com effeito, como se poderia suppôr que os Athenienses e Esparciatas, com um pequeno numero de alliados podessem resistir a um exercito e armada com mais de dois milhões de combatentes? Entretanto o valor sem igual de um só homem tudo reparou, tudo preveniu; sobre elle descansava a existencia da liberdade e da patria; a sua intrepidez salvou a Grecia, e a gloria de Themistocles fez esquecer a fama de Milciades.

Themistocles desde a sua infancia tinha sido sempre corajoso e prudente; dedicado ao trabalho, gostava da solidão. Ainda muito moço estando em uma reunião de gente divertida, quando chegou a elle a cithara, que corria a roda, como era costume, para que todos tocassem e cantassem, devolveu-a dizendo: « Eu não sei cantar nem jogar, porém talvez conheça a arte de engrandecer uma nação e de torna-la celebre. » É este mesmo Themistocles a quem os trophéos da victoria de Milciades tiravam o somno. Chegado á virilidade viajou por toda a Grecia, fez alliar-se Athenas com Esparta, reconciliou outros Estados que tinham desavenças entre si, e finalmente reuniu-os todos contra os Persas. —

A Grecia tinha por limite ao norte uma montanha alta e escarpada, por onde não era possível passar-se senão por um longo e estreito desfiladeiro. — Para guardar esta garganta, chamada Thermopylas, do nome de uma pequena villa immediata, foi mandado Leonidas, valente Rei de Esparta, com quatro mil homens. Xerxes chegando a este logar ficou admirado quando soube que pretendiam disputar-lhe o passo; e mandou dizer aos Gregos que lhe enviassem as suas armas: « Vem buscá-las » foi a resposta que levou o mensageiro. — Buscou Xerxes outro meio de sedusir a Leonidas, mandando-lhe fazer brilhantes promessas; porém este respondeu que os Esparciatas não compravam honras a troco de traição. — Um Grego, que

de longe tinha visto as numerosas phalanges dos Persas, disse que não se poderia ver o sol encoberto pela nuvem de seus dardos; tanto melhor, respondeu um Esparciata, porque combateremos á sombra.

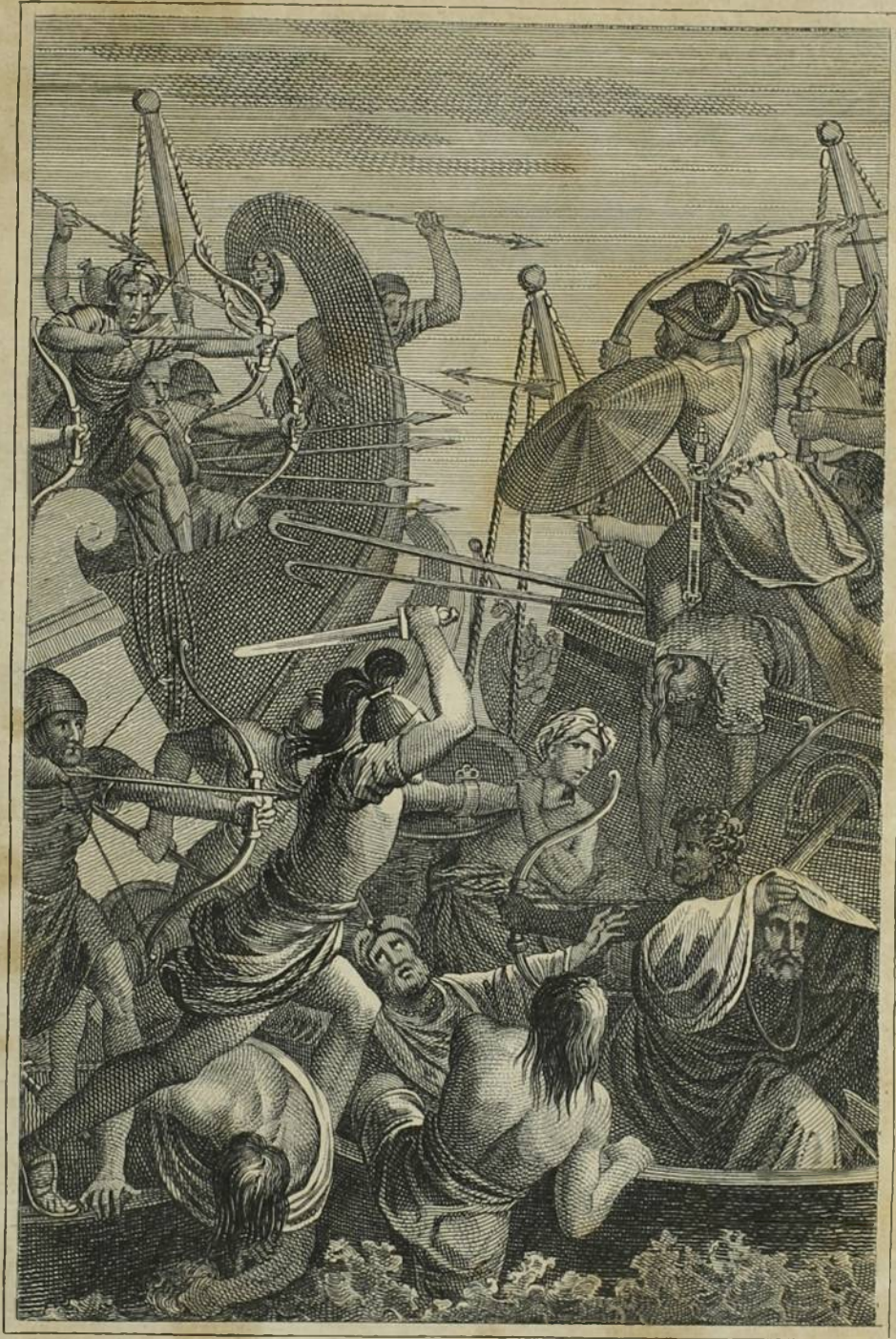
Desenganado Xerxes de que nada conseguiria por outra forma, mandou attacar o desfiladeiro; porém tantas vezes investiram os Persas como foram rechaçados com immensa perda. A presumptuosa arrogancia do Rei da Persia teria talvez naufragado nas Thermopylas, se um traidor, Ephialtes, cujo nome foi sempre pronunciado com horror por todos os Gregos, não tivesse ensinado aos Persas um atalho estreito na montanha, por onde puderam passar sem serem pressentidos. O valente Leonidas, envolto pelo inimigo, mandou retirar a maior parte das suas tropas, emquanto era tempo, e ficando com trezentos homens, depois de ter feito nos Persas a mais horrivel matança, pereceu com os seus companheiros, sem ser vencido.

O exercito dos Persas tendo atravessado a montanha, foi devastando todo o paiz até perto de Athenas. Os Athenienses viram então que era impossivel defenderem-se na cidade, principalmente depois da defeccão de muitos outros Gregos, que os tinham abandonado; e retirando-se para a pequena península do sul, fortificaram o estreito Isthmo que a prendia á terra firme, construindo uma forte muralha, e deixando a cidade entregue a sua propria sorte. As mulheres, os meninos e os velhos foram transportados para as ilhas

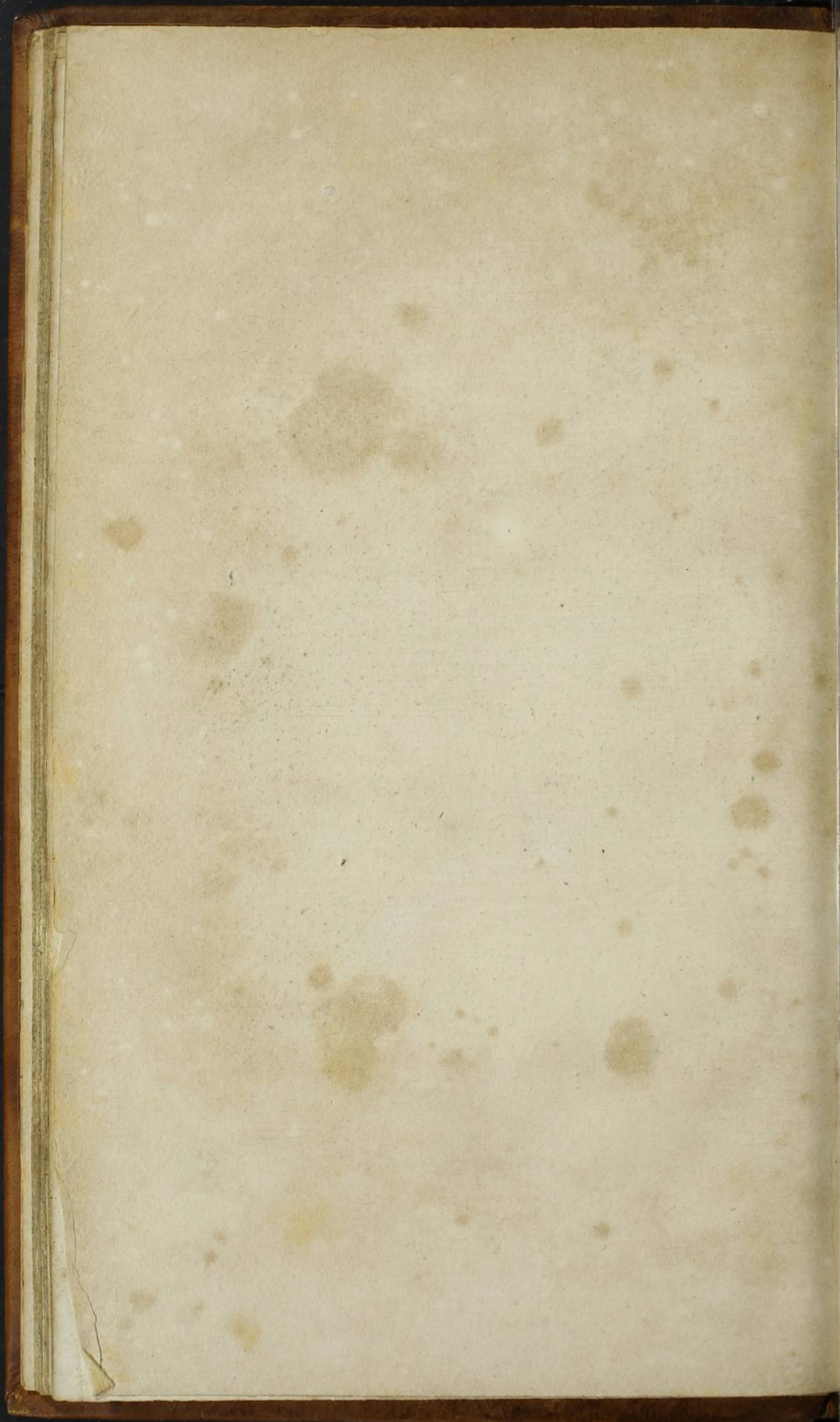
visinhas (*), porém os que podiam levar armas embarcaram-se para tentar ainda a salvação da patria. Apenas haviam os Athenienses evacuado a cidade, chegou Xerxes e cobriu com seus batalhões todo o paiz; assim é que aquelles poderam ver das vergas dos seus navios a pilhagem e a devastação de suas habitações entregues ás chammas.

Quasi ao mesmo tempo abordou ás costas de Athenas a armada naval dos Persas. Os aliados dos Athenienses vendo o mar coalhado de velas inimigas quizeram fugir; os mesmos Esparciatas, tão intrepidados e valorosos, só porque d'esta vez tinham chefes pusillanimes, se propunham igualmente abandonar os Athenienses. Porém Themistocles por um engenhoso ardil salvou a liberdade e a honra dos Gregos; elle sabia que os aliados tinham convencionado aproveitar a noite seguinte para fugirem; e mandou dizer a Xerxes, que sendo-lhe favoravel, lhe participava que a maior parte da frota Grega, reunida na bahia de Sala-

(*) Com a pressa com que embarcaram os Athenienses, não tiveram tempo de cuidar senão de suas pessoas, e abandonaram na praia os seus cães, que davam uivos lamentosos, vendo que alli os deixavam. Um cão d'agua, mais fiel que os outros, lançou-se ao mar e seguiu com grande custo o navio em que ia o senhor; chegou finalmente á praia de Salamina, porém tão esgotado de forças, que apenas pôde olhar para seu senhor e morreu. Depois da victoria elevaram um monumento a este cão, no mesmo lugar onde tinha morrido, em memoria de sua fidelidade.



SALAMINA



mina, pretendia escapar-lhe na seguinte noite; que para prevenir a fuga fizesse cercar a bahia, sendo-lhe então facil apoderar-se de todos os navios.

Xerxes que não desejava outra cousa, tomou o conselho; e quando os Gregos se viram cercados por toda a parte, foram constrangidos a combaterem. Themistocles entretanto, sem perder tempo, tinha disposto toda a frota Atheniense para receber os Persas; e attacando-os com todo o vigor, deu animo e exemplo aos outros Gregos para que o imitassem. Os navios dos Persas achavam-se em mares desconhecidos; muitos tinham dado contra os arrecifes durante a noite, e outros não podiam manobrar por falta de espaço; assim foi que da sua grande frota só um pequeno numero teve parte no combate dentro da estreita bahia; os navios se abalroavam uns aos outros, e a frota dos Persas desordenou-se de tal maneira que não podia avançar nem recuar. Esta confusão augmentou-se ainda mais com a defeccão dos Gregos da Asia Menor, que tinham vindo com os Persas, e que se passaram aos Athenienses na occasião do combate. O resto da armada inimiga poz-se em fuga vergonhosa; Xerxes que desde a praia, sentado em um soberbo throno, presenciava com arrogancia toda a refrega, desceu d'elle para salvar-se a toda pressa, logo que viu soltar as velas a sua armada, como se em terra o exercito tambem tivesse sido derrotado. Foi tal a precipitação da sua fuga, que abandonou todos os seus thesouros, e nunca mais descansou senão

poucas horas da noite, até julgar-se a salvo dos Gregos.

Xerxes tornou a passar o Helesponto cheio de terror, e um anno depois todo o exercito de terra, que tinha deixado debaixo do commando de Mardonio (479 annos antes de J. C.), foi completamente destroçado junto a Platea por Pausanias, Rei de Lacedemonia, e pelo Atheniense Aristides chamado o Justo. A batalha se deu de manhã, e á noite n'esse mesmo dia os Gregos Ionios, que tinham sacudido o jugo dos Persas, lhes mataram trinta mil homens na batalha de Mycale, sendo Leotychides o seu general; o qual para animar os soldados lhes disse, que Mardonio acabava de ser derrotado na Grecia. A noticia se achou realisada, ou por um effeito prodigioso da fama, ou para melhor dizer, por uma feliz casualidade; e assim ficaram livres todos os Gregos da Asia Menor, e os Persas não ousaram mais tentar outra invasão.

Toda a Grecia reconheceu, que devia a Athenas a sua liberdade, e particularmente a Themistocles, a quem os Esparciatas levaram em triumpho até Lacedemonia, e lhe decretaram uma coroa de oliveira em premio da sua prudencia e do seu assombroso valor. Sem embargo, para prova do quanto são instaveis os destinos humanos, sete annos depois (473 annos antes de J. C.), este mesmo Themistocles, o vencedor de Salamina, teve que procurar um abrigo entre os seus proprios inimigos, fugindo da perseguição de seus compatriotas.

A Grecia dominava n'esse tempo, mas o seu

commercio era só no oriente e com os Persas. Pausanias acabava de pôr em liberdade a ilha de Chypre, quando se lembrou de escravisar a sua patria; todos os seus projectos porém foram vãos, ainda que Xerxes lhe promettesse quanto elle quiz; o traidor foi tambem atraído por aquelle a quem mais amava, e o seu amor infame lhe custou a vida. No mesmo anno Xerxes foi morto por Artabano, capitão das suas guardas, ou porque o perfido aspirasse ao throno do seu soberano, ou porque receasse os rigores de um Príncipe, cujas ordens crueis não tinha executado com a promptidão que lhe tinha sido intimada.

Artaxerxes de *mão comprida*, seu filho, começou o seu reinado, e recebeu pouco depois uma carta de Themistocles, que, banido pelos seus, se lhe vinha offerrecer contra os Gregos. Elle soube estimar, como devia, um general tão abalisado, e lhe deu na sua côrte um grande estabelecimento apesar da inveja dos Satrapas (*).

(*) O desterro de Themistocles é datado na chronica de Euzebio, no ultimo anno da septuagesima-sexta Olympiada, que vem a dar no anno 280 de Roma. Os outros chronologistas atrasam algum tanto este facto; mas a differença não avulta, e as circumstancias do tempo estão a favor de Euzebio. Thucydides (L. 1), historiador exactissimo, confirma esta opinião; e este autor de grande peso, quasi contemporaneo e concidadão de Themistocles, lhe faz escrever a sua carta no principio do reinado de Artaxerxes. Cornelio Nepote (*in Themist.*), autor antigo e tão judicioso como elegante, não quer que se duvide d'esta data, á vista da autoridade de Thucydides: rasão tanto mais solida, quanto outro autor, ainda mais

CAPITULO XXII.

Instituições e costumes de Esparta. Disposição e gosto dos Athenienses pelas Bellas-Artes.

Fizemos ver no capitulo precedente a heroica coragem dos Eparciatas, e a maneira de exprimir-se clara e concisa, mas cheia de vigor, dos habitantes da Laconia; assim como a idolatria dos Athenienses pela liberdade, e seu apêgo á

antigo que Thucydides, concorda com elle. Este é Charon de Lampsaco, que vem citado nas obras de Plutarco (*in Themist.*); e o mesmo Plutarco acrescenta, que os annaes dos Persas estão conformes com estes dois autores. É verdade que os não segue, mas sem dar a razão; e os historiadores que fazem começar oito ou nove annos mais tarde o reinado de Artaxerxes, nem são coevos, nem de uma tão grande autoridade. Além d'isto, os que atrasam o principio do reinado de Artaxerxes são obrigados, para conciliar os autores, a conjecturar que seu pai o tinha pelo menos associado no governo do reino, quando Themistocles escreveu a sua carta. (*Bossuet, Epop. 8.ª*)

patria. Estes dois povos tão afamados da antiga Grecia tinham modos de pensar, e costumes diferentes: os Esparciatas ou Laconios eram austeros, sobrios, fortes e guerreiros: os Athenienses tinham o character voluvel, porém com um tal sentimento do *bello* e do *grandioso*, que Athenas ensinou as artes a todos os povos civilizados da terra, e que todos aquelles que edificaram de outro modo, ou trabalharam o marmore e os metáes sem ser pelos seus modelos, separaram-se inteiramente das regras do bom gosto. Todo aquelle que quizer attingir o verdadeiro *bello*, como architecto, como escultor ou como moldador, deverá procura-lo entre os Gregos.

Foi particularmente de Lycurgo, como dissemos no capitulo XX, que os Esparciatas receberam as instituições, que tornaram seus costumes tão austeros e tão marciaes. Este legislador viveu 888 annos antes de J. C., quasi pelo tempo da fundação de Carthago, e em que Homero floresceu. Como homem sabio graduou tão bem suas leis pelos costumes dos seus compatriotas, que as adoptaram com prazer, e foram para elles uma verdadeira regeneração moral;—todos os seus usos logo se amoldaram, e a influencia da legislação durou por muitos seculos.

As instituições de Esparta admittiam dois Reis, que reinavam juntamente; o que muitas vezes occasionou disturbios e facções, porque cada um d'elles queria apoderar-se do supremo mando. Lycurgo, filho de um d'estes Reis, que fôra morto em uma assuada, succedeu a seu irmão mais

velho, tambem morto do mesmo modo; porém como mezes depois a viuva de seu irmão dêsse á luz um filho, resignou immediatamente a dignidade Real, que, apezar das instancias do povo, não reassumiu senão como tutor do seu sobrinho. A abnegação que elle mostrou, recusando a dignidade que lhe fôra offerecida, augmentou muito mais a estimação de todo o povo. Todavia não lhe faltavam alguns inimigos ou invejosos.

Sua cunhada desejava casar com elle, no que não conveiu; e quando ella lhe propoz tirar a vida a seu proprio filho, para que ficasse sendo Rei, fez roubar seu sobrinho, e escondê-lo para evitar similhante crime. A mãi então prorompeu em queixas contra Lycurgo, accusando-o de vistas occultas, e attribuindo-lhe o rapto do menino como um pretexto para seus fins. Assim que Lycurgo percebeu as suspeitas do povo, saiu de Esparta, e foi para Creta (hoje Candia), onde dominavam as mais sabias leis; d'alli passou ao Egypto industrioso, e visitou todos os seus compatriotas da Asia Menor, ricos por seu florescente commercio. Depois de dez annos de viagens, voltou á sua patria trazendo comsigo muitos conhecimentos preciosos.

A expressão do geral contentamento, com que foi acolhida a sua volta, foi tanto mais viva, quanto tinha sido o sentimento da sua ausencia, depois que fôra conhecida a sua innocencia. Como viessem novas desordens alterar o socego publico, todas as vistas se dirigiram então para Lycurgo, como o unico capaz de restabelecer a

ordem, e de salvar o Estado. Lycurgo aceitou o encargo; e tendo os sacerdotes declarado que Esparta seria o paiz mais florescente do mundo, aceitando as instituições de Lycurgo, este publicou as suas leis, não redigidas na forma ordinaria, mas dictadas em versos, para que o povo as podesse aprender de cór.

Um dos principaes fundamentos do codigo de Lycurgo era a igualdade e a união entre os cidadãos; elle dividiu o territorio em porções iguaes segundo o numero dos habitantes, e determinou que os cavallos, as armas e os instrumentos de agricultura ficassem communs a todos. Todo o povo comia juntamente, e para isto haviam vastos refeitorios publicos, para onde cada um trazia um pedaço de carne, legumes e farinha. Ninguem por esta maneira podia ter meza mais abundante que os outros; os velhos presidiam a este convite de cada dia, e faziam guardar a temperança, principal objecto dos seus cuidados; e para que a conversação fosse comedida, era prohibido aos moços o fallarem á meza. — Um dos seus pratos quotidianos era um caldo negro e substancial, cujo sabor era desagradavel, preparado com sangue de animaes (*).

(*) Um Rei da Asia, tendo ouvido fallar bem d'este caldo, mandou vir expressamente de Esparta um cosinheiro, para que lh'o preparasse; porém o Rei achou-o muito desagradavel ao paladar, ao que disse o cosinheiro: «É muito natural, senhor, que assim aconteça, porque aqui não ha o principal condimento; — Qual é pois? perguntou-lhe o Rei — É o exercicio, respondeu o Espar-

Todas as artes de luxo foram banidas de Esparta; não era permittido a alguém o possuir ouro nem prata. Em compensação fez Lycurgo cunhar moeda de ferro, por cujo meio acabou todo o commercio exterior (*); e para que não fossem os Esparciatas seduzidos pelo luxo estrangeiro, tornou difficil ou quasi impossivel a residencia em Lacedemonia de qualquer que não fosse nacional. Foi tambem prohibido o viajar, excepto em serviço publico, ou quando concorriam aos jogos e torneios dados pelos outros povos. — A patria estava acima de tudo, e para conserva-la e defende-la era mister estar preparado, e para isto é que se recommendava a temperança, a união e a força que resulta dos exercicios marciaes. —

Esparta não devia ter fortificações, porque, dizia Lycurgo, o valor dos cidadãos é a melhor mura-

ciata, e o appetite que resulta de lutar, montar a cavallo, caçar, e nadar. »

(*) Os ricos perderam com estas instituições e não ficaram mui satisfeitos; do que resultou uma sedição, na qual Lycurgo recebeu uma pancada em um olho. — O golpe não o fez perder a tranquillidade, e apenas mostrou ao povo o olho ensanguentado. Com este passo todos se arrependeram logo de semelhante excesso; e sendo preso o autor do mal causado, que era um moço indiscreto, chamado Alkander, foi levado á presença de Lycurgo; porém este nenhum mal lhe fez, nem o reprehendeu se quer, antes tratou-o com tanta afabilidade que este mancebo, admirado da bondade de Lycurgo, tornou-se seu intimo amigo e panegyrista, tendo sido antes seu adversario. —

lha; assim foi que a cidade esteve sempre aberta em quanto se manteve o character bellicoso dos Lacedemonios; e só depois de um espaço de mais de seis seculos (cerca de duzentos annos antes de J. C.), quando os Esparciatas já tinham perdido todo o seu antigo vigor e bisarria, é que elles fortificaram então a cidade, por causa das interminaveis guerras intestinas com os outros Gregos. Não era permittido a nenhum homem livre occupar-se na agricultura, nem em officio algum; porque estas occupaões pertenciam aos cativos, isto é, aos prisioneiros na guerra, que os Esparciatas tratavam como escravos. —

Os Esparciatas não podiam ser senão soldados, — e por isso suas occupaões se limitavam aos exercicios militares, á caça, ou ás assembléas populares, onde se discutiam os interesses do Estado. — Foi assim que elles adquiriram a reputação dos melhores soldados da Grecia pelo valor e pela disciplina. Antes da guerra com os Persas, era Esparta o primeiro entre todos os Estados Gregos. Os Lacedemonios marchavam para o combate alegres e em boa ordem; o ataque começava sempre lentamente ao som de musica, sem precipitação, sem furor, mas com calma e muita prudencia. Combatiam com espadas curtas, porque, diziam elles, gostavam de ver de perto a cara do inimigo.

Lycurgo começava formando desde a infancia o character viril dos Esparciatas, para que as mãis e irmãs os não effeminassem; e para destruir a possibilidade de que isto pudesse acontecer,

queria também que as mulheres se acostumassem a certos exercicios violentos, como a carreira, a lucta, o tiro do arco e do dardo. Ellas cantavam e dançavam em publico dirigindo aos mancebos elogios ou censuras, segundo o seu procedimento; de sorte que estes procuravam sempre evitar os gracejos das mais moças; era por isso mesmo grande honra em Esparta o merecer louvores das mulheres. Uma Grega estrangeira, invejando a uma Esparciata esta consideração, lhe disse: « Sois vós as unicas mulheres, que dominais vossos maridos. » É verdade, respondeu a Esparciata, porém somos tambem as unicas que damos homens á luz. —

Quando um mancebo Esparciata partia para o combate, era sua mãe quem lhe entregava o escudo, dizendo-lhe: « *Com elle ou sobre elle,* » o que queria dizer: não voltes senão vencedor com teu escudo, ou morto sobre elle; — porque os antigos escudos eram tão grandes que cobriam todo o corpo, e por consequencia mui pesados. No caso de uma derrota a primeira cousa que faziam os fugitivos era abandonar o escudo para ficarem mais ligeiros; e d'ahi proveiu o ter-se por deshonra o voltar de uma batalha sem o broquel. Era igualmente costume o conduzir os mortos sobre os seus escudos, se estes se achavam ao pé dos que se tinham servido d'elle; e por isso era tambem grande honra, se tinham a desgraça de perecer, o voltar sobre os seus escudos, porque era prova de ter morrido combatendo, sem ser em acto de fuga. —

Dizendo-se a uma Esparciata que seu filho tinha morrido em um combate, perguntou logo se tinha sido vencedor; e como lhe dissessem que sim: « foi para isto, acrescentou ella, que eu o dei á luz e que o eduquei, afim de que fosse um d'aquelles que soubessem morrer pela patria. » A educação era portanto em extremo rigorosa em Lacedemonia; cada recém-nascido era submettido a um exame, e condemnado a morrer de fome, se tinha alguma deformidade. Não havia o máu costume de enfaixar as crianças, como entre nós; cobriam-nas simplesmente com delgados pannos para que podessem mover seus tenros membros. — As Esparciatas gosavam de uma tal reputação entre todos os povos antigos, pelo que respeitava aos cuidados da primeira infancia, que de todas as partes mandavam-se buscar nutrizes a Esparta (*).

Os filhos ficavam ao cuidado das mãis até a idade de oito annos; estavam quasi sempre nus, e dormiam sobre esteiras ou estrados feitos de

(*) Em Hespanha ainda hoje passam pelas melhores nutrizes as mulheres Batuécas, isto é, habitantes de um paiz fragoso no ramo da serra conhecida com o nome da Penha de França. — Os Batuécos ainda hoje formam uma tribu á parte, cuja origem remonta além dos Godos, e conservam todos os seus antigos usos. A gente rica de toda a parte da Hespanha manda vir estas mulheres, a quem entrega seus filhos, certa do muito cuidado e bom tratamento, com que ellas pensam as crianças. — Tão certo é que n'esse mister foram os antigos muito mais cuidadosos do que nós. —

cannas; passavam depois para a direcção dos homens. Todo mancebo devia portar-se com a maior circumspecção e a mais perfeita deferencia para com seus pais; era-lhes até prohibido fallar na sua presença. — Deviam igualmente fallar com muito comedimento a todo o velho, que lhes dirigisse a palavra na rua. Exercitavam-se as crianças a fallar com precisão e em boa phrase; faziam-se-lhes perguntas a que deviam responder com muita prudencia. — Por esta arte os Lacedemonios, chamados tambem Laconios, adquiriram tal facilidade de fallar com clareza e precisão, que chamou-se *laconico* o estilo claro e conciso, ou a phrase que em poucas palavras exprimia um bom conceito. —

Os Esparciatas estavam acostumados á fome, á sede, ás vigílias, ao calor e ao frio; e até mesmo habituavam-se a soffrer as dores mais pungentes. — Com este fim levavam os rapazes a uma festa popular, onde eram açoutados em uma praça publica, sem que déssem o menor signal de soffrimento; alguns chegaram a expirar n'esse horrivel tormento sem dar um ai. Era costume introduzir nos refeitorios alguns escravos bebados, a fim de que a mocidade podesse comprehender toda a abjecção, de que se faz merecedora a embriaguez, e tomassem aversão por este vicio. Por outro lado appresentavam-se-lhes como modelos velhos venerandos, cuja temperança e sobriedade era acima de todo o encarecimento; como, por exemplo, os vinte oito conselheiros dos Reis, que não podiam ter menos de sessenta annos de

idade cada um, e cujos serviços e virtudes eram geralmente respeitados. —

Com semelhantes instituições pôde fazer Lycurgo dos Esparciatas um povo de heróes, porém sem as nobres concepções do espirito, e sem as doces emoções do coração. Entre elles não existia amor das artes, nem desejo de as conhecer; o engenhoso artesão, o habil machinista, não eram estimados nem alentados. O canto e a dança serviam apenas, o primeiro para excitar a coragem guerreira, e a segunda como exercício gymnastico para dar mais agilidade ao corpo. É muito provavel que Lycurgo achasse já este povo preparado para este genero de vida austero e rude, e que por isso elle julgasse que não devia contrariar suas propensões ou dar-lhes mais desenvolvimento. Quando os viu felizes exigiu de seus compatriotas o juramento que observariam as suas leis durante a sua ausencia, e partiu de Esparta para nunca mais voltar. Ninguem até hoje soube onde, nem como morreu. —

As propensões e genero de vida dos Athenienses apresentavam o mais estupendo contraste com os costumes austeros e marciaes dos Esparciatas; — não porque faltasse aos primeiros valor ou disposições para a guerra, porque tambem eram adestrados na lucta, na caça, na carreira e nas armas; mas porque a sua educação não era puramente militar, e os Athenienses deviam ter todos os conhecimentos humanos. As bellas artes sobretudo formavam a primeira educação dos Athenienses; a escultura e a pintura eram os conhe-

cimentos preliminares; deviam fallar bem, porém com graça e de maneira que podessem fallar em publico, nas assembléas nacionaes, e não só mover por seus discursos como persuadir o povo, discutir os grandes interesses do Estado, e fazer abraçar uma medida. —

A linguagem tornou-se para os Athenienses uma arte, e o fallar bem uma necessidade, — por isso aprendiam de cór as mais bellas passagens de seus poetas e oradores mais celebres, e faziam-se familiares com os pensamentos dos homens illustres; a linguagem do povo tornou-se assim nobre e espirituosa insensivelmente. A conversação era ao mesmo tempo decente e viva, cheia de espirito e de graça, de sorte que a delicadeza *atica* passou em proverbio como a concisão *laconica*; ainda hoje chamamos *sal atico* a graça e espirito com que exprimimos um pensamento nobre ou dito picante. A idéa ou sentimento do *bello* era tão commum entre os Athenienses, que os grandes oradores, os poetas engraçados ou os engenhosos escultores provocavam o enthusiasmo, e eram applaudidos pelo povo.

Aquelles que sentiam os estimulos das bellas artes empregavam todos os seus meios para alcançar a perfeição, porque eram recompensados pelo enthusiasmo de seus concidadãos (*).

(*) A dança foi levada á maior perfeição entre os Gregos, particularmente entre os Athenienses, porém não consistia em pulos, em cabriolas, nem em *gavotas*

Os maiores oradores Gregos foram Athenienses, porque fallavam diante do povo, e era um meio de obter os maiores applausos. — Um dos mais celebres foi Pericles, e os antigos diziam que este orador se exprimia como se os raios e relampagos saíssem da sua bocca, ou como se o altar da Deosa da persuasão estivesse collocado nos seus labios. O que elle aconselhava, era seguido; aquelle a quem elle accusava era condemnado, e aquelle que defendia nada tinha que temer do furor popular, porque a sua palavra acalmava as paixões, ou as irritava quando lhe convinha. A defeza de Aspasia é o melhor monumento da sua gloria como orador.

Foram os architectos Athenienses os primeiros que levantaram grandes e bellos edificios, cujas formas regulares tem servido em todos os tempos de modelos, e nunca foram excedidos. Construíram os mais magestosos templos, que procuraram sempre collocar sobre algumas eminencias. Uma

ou *valsas*. As danças gregas representavam uma acção por meio da pantomima e dos movimentos do corpo proporcionados ao objecto que se queria imitar; — como ainda hoje vemos nas danças mimicas dos nossos theatros. — Umas vezes dançava uma só pessoa, outras duas, tres e varios grupos; porém estas danças se compunham sempre de scenas solemnes, ou de acções simultaneas entre varios dançarinos. Os Gregos nunca festejavam as suas divindades sem estas danças. Os Athenienses nomearam uma vez General a um de seus concidadãos, só porque tinha excedido a todos em uma dança onde representava o character de um heróe.

espaçosa escadaria de marmore conduzia a uma entrada magnifica, formada por columnas. Sobre os lados d'este portico corriam ainda outras columnatas, ornadas com as estatuas dos Deoses, onde se collocavam tambem os quadros dos mais distinctos artistas, e outras obras primas. Do peristylo chegava-se ao templo propriamente dito, que costumava ser redondo ou quadrilongo, porém sempre de forma regular, e não como as nossas igrejas modernas, pela maior parte bojudas ou angulosas (*).

Os templos eram adornados, tanto interior como exteriormente, com estatuas, com quadros excellentes e com outros productos das artes; porém tudo isto com elegante simplicidade; consistindo a belleza na simples harmonia entre o todo e suas partes. Ao redor dos templos haviam alamedas para recreio e descanso dos que os frequentavam; e por toda a parte notava-se o bom gosto, e a elegancia reunidos ao primor da arte. O mesmo cuidado e magnificencia se empregava na construcção dos theatros; os quaes não eram tolerados em Esparta. Os assentos para os expectadores, collocados em semicirculos, elevavam-se em amphitheatro até o remate, e podiam conter

(*) Muitas igrejas e theatros na Europa tem sido construidas pelo modelo dos templos gregos; notaremos entre outras a Magdalena em Pariz, e sobretudo a Igreja Catholica e a Opera de Berlim. A porta de columnas, que entre os antigos passava pela mais bella de Athenas, tambem serviu de modelo para a de Brandeburgo em Berlim.

de vinte a trinta mil pessoas. Entre cada linha de assentos communicava um conducto por onde de quando em quando se fazia passar agua de cheiro para regar o solo (*).

Muitos outros edificios, destinados para os exercicios da mocidade (Gymnasios), eram afamados, e a elles concorriam todos aquelles que apostavam pela carreira, pela lucta ou pela equitação. Os banhos publicos, muito mais em uso entre os antigos do que entre nós, mereceram tambem a honra do ornato e da variedade, construindo-se edificios proprios com seus jardins de recreio, estatuas, quadros, e tudo quanto pôde cativar a imaginação ou realçar o genio. Não só o publico construia estes magnificos edificios como tambem os particulares, onde sempre apparecia o sentimento do *bello*, como o caracter principal de todas estas construcções. Phidias o mais celebre dos esculptores Gregos, contempo-

(*) Em Athenas não se representava, como em muitas das nossas cidades modernas, todos os dias; nem se davam as peças com o simples enredo de uma visita, de uma intriga de cõrte ou de familia. Estes divertimentos eram só para dias consagrados ás festividades de certos deuses; a acção era sempre acompanhada de canto e de dança; e figurada com tanta magnificencia, que a representação de uma comedia custava muitas vezes sommas enormes. Nos tempos modernos temos um arremedo d'estas scenas em algumas comedias de Molière, a que elle dava o titulo de *comédie-ballet*, como por exemplo: *La Princesse d'Élide*, *l'Amour Médecin*, *les Fâcheux*, &c.

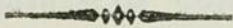
raneo e amigo de Pericles, foi encarregado de fazer a estatua collossal da Deosa protectora de Athenas (*).

Os templos, os theatros, os gymnasios, ou os banhos publicos não eram os unicos edificios magnificamente construidos e decorados, tambem nas praças publicas, nos mercados, e nas mesmas ruas haviam estatuas trabalhadas pelos mais distinctos artistas. Se as casas particulares não eram tão sumptuosas no exterior, em compensação eram ricamente adornadas no interior com ricos moveis e alfaias de exquisito gosto e rara belleza. — Os sophás, as mezas, os vasos, as taças, tudo era da mais elegante forma; estes moveis eram todos ornados com ouro, prata, ambar, e mesmo pedras preciosas. Este amor pelo luxo enfraqueceu os Athenienses e tornou-os molles e inconstantes, e por isso degeneraram primeiro que os Esparciatas, e caíram na corrupção dos costumes.

Eis-ahi como por um capricho da fortuna, as artes, as sciencias e todas as vantagens do

(*) Phidias encarregado de fazer a estatua collossal da Deosa, propoz fazê-la de marmore, naturalmente porque achava que era mais simples e mais nobre, e o povo accedeu a isto; porém depois accrescentou Phidias, que outra razão havia para esta preferencia: que o marmore era mais barato que o ouro e o marfim, de que já eram feitas outras estatuas conhecidas. Os Athenienses então julgaram indigno de si semelhante motivo, e decretaram que a estatua fosse feita de ouro e de marfim.

nascimento e da riqueza, trocam-se em males por effeito da vaidade do homem. Desgraçado d'aquelle povo, que nadando no fausto e nas delicias esquece as sabias lições que lhe legaram as gerações passadas, para lançar-se no oceano das paixões sem outra guia do que seu proprio orgulho. —



CAPITULO XXIII.

Rivalidade entre Athenas e Esparta. Alcibiades. Decadencia e ruina de Athenas.

Os Athenienses, a quem a Grecia era devedora quasi exclusivamente da sua liberdade e independencia pelas victorias alcançadas contra os Persas, tinham adquirido certa preponderancia sobre os Esparciatas; que havendo sido os primeiros em jerarchia e poder, viam com ciumes elevar-se a grandeza de Athenas. De mais a mais os Athenienses não perdiam occasião de exaltar a sua patria, e o faziam á custa mesmo dos principios de justiça e de equidade, principalmente depois que Cimon, filho de Milciades, general dos Athenienses, constrangeu Artaxerxes a fazer uma paz vergonhosa. Pericles, o maior orador e homem de Estado de Athenas, levado pelo amor da gloria e por sua propria ambição, muito concorreu para excitar esse zelo ou esse

odio, que veiu a ser mais tarde causa da ruina da sua patria.

As frotas Athenienses dominavam em todos os mares frequentados pelos Gregos; a construcção de um grande numero de edificios magnificos fez de Athenas a mais bella cidade da Grecia; e esta primasia de força e de riqueza tornou os Athenienses soberbos e cubiçosos. Athenas pretendia para si só todo o proveito das victorias contra os Persas; apoderando-se de todas as ilhas e cidades conquistadas, não só as opprimia com a dureza do seu governo, como que estendia a oppressão sobre todos os outros Estados livres da Grecia. Não faltava pois senão um ensejo favoravel, para que se reunissem todos os descontentes, e marchassem contra Athenas. Esta occasião se appresentou por fim, e uma guerra de vinte e sete annos, que durou desde 431 a 404 antes de J. C., foi o resultado d'esta ambição desmarcada; — guerra civil em que combateram Gregos contra Gregos com tal furor, que um grande numero de villas e cidades foram destruidas. Foi mister que uma das duas capitaes da Grecia se arruinasse para que esta deploravel luta tivesse fim.

Corcyra (actualmente Corfú) tinha tido desavenças com Corintho, rica cidade commercial; a primeira pediu soccorros aos Athenienses, que para mostrar o seu poder e valia logo lh'os concedeu; e por isso a segunda tratou de sublevar algumas cidades que estavam debaixo da dominação dos Athenienses, e as quaes opprimiam

elles com o seu poder arbitrario. Uma embaixada foi então dirigida a Athenas, exigindo a liberdade das ilhas e cidades, que estavam sob o seu dominio, e ameaçando-a com as armas, caso o não fizesse espontaneamente. Os Athenienses estavam dispostos a ceder, quando Pericles subindo á tribuna disse: Deve Esparta reinar sobre nós, ou nós sobre Esparta? Esta curta interrogação bastou para excitar o orgulho do povo, que immediatamente respondeu: *a guerra, a guerra!!* e assim começou esta tremenda lucta entre os dois povos rivaes, durante a qual Theramenes, Thrasybulo e Alcibiades, Athenienses, fizeram gentilezas; Brasidas e Myndaro, Lacedemonios, alli acabaram ufanos e gloriosos por defender a sua patria.

Pericles começou a guerra do Peloponeso; porém quando o territorio de Athenas foi assolado pelas tropas inimigas, foi accusado como autor de seus males, e teve que resignar o mando; morrendo a final da terrivel peste, que devastou aquella opulenta cidade. — Aquella peste era de um character desconhecido; velhos e moços, a ninguem isentava; os camponezes refugiados na cidade, e amontoados nas praças publicas, nas ruas e até nos templos por falta de outros commodos, pereciam aos milhares; todas as manhãs appareciam os peristylos dos templos e os caminhos cobertos de cadaveres.

Uma sede insaciavel denotava um abrasamento interior, que se distinguia logo pelos olhos e lingua côr de sangue, e o corpo se cobria imme-

diatamente de ulceras hediondas. — Esta peste era contagiosa, e assim nenhuma casa escapou de seus estragos. Durando este tempo de horror as leis e a justiça se calaram; ninguém mandava nem obedecia, e a dôr e a desesperação abafaram a voz da razão e da consciencia. Foi esta a peste em que o celebre Hippocrates tanto se distinguuiu pela efficacia dos seus soccorros.

Esta calamidade que devia pôr termo á guerra civil, não foi senão uma especie de armisticio; porque logo que aquella cessou, appareceu de novo com mais encarniçamento. Todos os paizes da Grecia foram mutuamente aggressores ou aggedidos; pilhavam-se e matavam-se como barbaros, porque a corrupção começava a gangrenar-lhes os corações. Os Athenienses sobretudo estavam altamente desmoralizados; o antigo amor da patria estava quasi extincto, e a gentileza e bisarria eram já pouco estimadas. Viu-se ao mesmo tempo na Grecia, Athenienses e Esparciatas, soberbos vencedores de Marathonia e Salamina, disputarem entre si a infamia de impetrar do Rei dos Persas, seu commum inimigo, auxilios contra os Estados Gregos, cuja destruição eram os seus mais ardentes desejos. — Alguns rasgos da vida de Alcibiades podem proporcionar-nos a medida da inconstancia e da volubildade dos Athenienses.

Alcibiades tinha nascido de pais ricos e distinctos; era bello e robusto, e desde a infancia foi sempre estimado de todos. Com desejos de instruir-se sugoitava-se a seus preceptores; porém

nunca quiz aprender a tocar flauta, porque desfigurava a bocca, e não se podia tocar e cantar ao mesmo tempo; toquem flauta aquelles, dizia elle, que não podem fallar. Foi sobretudo á eloquencia que mais se applicou, e desde logo notou-se-lhe grande ambição, e uma petulancia desenfreiada. — Um dia que jogava aos dados no meio da rua com outros mancebos, vinha passando um carro, e Alcibiades gritou ao conductor que parasse um momento; e como este não fizesse caso, deitou-se por terra diante dos cavallo, e obrigou o carreteiro a parar; então concluiu o lanço, e só depois se retirou do caminho.

Outra vez, sendo ainda muito moço, foi ter com um mestre d'escola, e pediu-lhe um Homero (este livro era tão lido e respeitado entre os Gregos como a Biblia entre os Christãos); e como o pedagogo lhe dissesse que não possuia aquelle livro, exclamou Alcibiades: é possível! pois não tem Homero? e applicando-lhe uma bofetada, deitou a fugir. Sendo já adolescente apostou com varios mancebos que daria publicamente uma bofetada em um velho respeitavel, e não faltou á sua palavra; porém como a noticia d'aquelle atrevimento excitasse a indignação de toda a cidade, Alcibiades querendo reparar tão grave offensa, foi ao outro dia á casa do ancião, pediu-lhe perdão, e descobrindo as costas, appresentou-se em attitude de levar n'ellas todos os açoutes, que o offendido quizesse applicar-lhe. — O velho perdoou-lhe, e foi tal a affeição que tomou a este despejado

lisongeiro, que veio por fim a dar-lhe sua filha em casamento. —

Eis-ahi como por uma serie de desatinos, tornou-se este estouvado o objecto de todas as conversações. A sua occupação era divertir-se á custa da frivolidade dos Athenienses, e contra-ria-los a cada passo. Tendo comprado um cão (que lhe custou 500 ~~5~~000 réis), toda a cidade não se entretinha senão do lindo animal e do seu alto preço. Consistia sobretudo a formosura do cão na felpuda cauda, que lhe servia de adorno; — pois bem, Alcibiades fê-la cortar, com o que deu que fallar a todo o povo, e com isto muito se elle divertia. Passando um dia pela praça do Mercado observou muita gente reunida, a quem se distribuia dinheiro; mandou logo á sua casa buscar uma somma que elle continuou a distribuir, e quando viu que a reunião crescia, e que o povo se apinhoava com excessiva curiosidade, deixou fugir uma codorniz, que trazia de proposito debaixo da sua capa, promettendo uma recompensa a quem lh'a trouxesse; o povo se dispersou então em todas as direcções para apanhar o passaro, e Alcibiades se foi rindo da sua leviandade.

Não era só da multidão de quem zombava o moço travesso; elle tambem mistificava os homens mais respeitaveis de Athenas; só um teve a habilidade de prendê-lo a seus respeitos, e foi Socrates. Este philosopho tomou um tal imperio sobre o bello mancebo por sua dignidade, por sua propria virtude e amor da verdade, e por

seu desinteresse, que Alcibiades o abraçava muitas vezes chorando, quando elle o reprehendia por sua louca vaidade, ou por seus desatinos. Durante a guerra entre Athenas e Esparta fez Alcibiades a campanha com Socrates; viviam na mesma tenda, comiam juntos, e combatiam ao lado um do outro. Na batalha de Potidea foi ferido Alcibiades gravemente, e como o inimigo o opprimia de todos os lados, Socrates o cobriu com o seu escudo, repelliu os que o investiam, e salvou o seu discipulo. Em recompensa, batidos os Athenienses na batalha de Delio, quando todos fugiam em debandada, viu Alcibiades que Socrates era perseguido de perto pelo inimigo; voltou atraz, matou muitos, dispersou os outros, e salvou a vida d'aquelle, a quem já devia a sua.

A guerra entre Athenas e Esparta continuava, apesar de uma pequena paz que intermediou por pouco tempo, porque os corações de um e outro povo estavam profundamente ulcerados, e não podiam já reconciliar-se. Entretanto Alcibiades que ambicionava a gloria, aconselhou aos Athenienses que fizessem um desembarque na Sicilia, onde muitas villas e povoações reclamavam o seu apoio contra Syracusa, que as opprimia. Ora o resultado d'esta expedição foi a completa derrota dos Athenienses; dois dos seus generaes prezos e executados, e sete mil prisioneiros, que foram condemnados ao trabalho das canteiras. No principio d'estas hostilidades foi Alcibiades accusado de despresador da religião, e como n'aquelles

tempo, não era este negocio menos grave do que nos tres ultimos seculos, teve elle de fugir para Esparta.

É cousa digna de notar-se a repentina mudança, que soffreu este mancebo dissipado. Em Esparta tornou-se homem sobrio e austero; ganhou o amor de todos, e por seus conselhos foram as armas Esparciatas muitas vezes victoriosas. Porém o ciume dos generaes Lacedemonios não o deixou tranquillo por muito tempo; um dos Reis o insultou gravemente, e Alcibiades teve de novo que fugir de Esparta para refugiar-se na Asia Menor. N'esse tempo o governador Persa d'aquella provincia pretendia enviar uma frota em auxilio dos Esparciatas; mas Alcibiades tendo adquirido as boas graças do governador soube desviar este soccorro, e conduzir em pessoa a frota Persa contra os mesmos Esparciatas. Todavia o Persa arrependido de tanta confiança em um general inimigo, sem nenhuma ordem do Rei, ou cousa que o previnisse de qualquer suspeita, deteve Alcibiades como prisioneiro, em quanto dava parte de tudo á sua côrte.

Conseguiu Alcibiades evadir-se da Asia Menor e voltar á sua patria, onde o exercito o recebeu com grande enthusiasmo; tanto assim que debaixo do seu commando foi muitas vezes victorioso. Todas as ilhas e cidades conquistadas foram retomadas, as frotas inimigas repellidas dos mares, e os Esparciatas tão perseguidos, que chegaram a escrever para os seus n'aquelle estilo laconico: « Acabou a nossa felicidade, os nossos

chefes tem morrido, os soldados tem fome, e nós não sabemos o que devemos fazer. » Entretanto contra a vontade de Alcibiades deu-se uma batalha em que os Athenienses foram derrotados; e isto bastou para declarar indigno e traidor a este general, antes divinizado; pois tal era o caracter d'aquelle povo inconstante e suspeitoso. —

Banido pela segunda vez de Athenas, comprou Alcibiades alguns navios, e foi com elles apoderar-se de um pequeno territorio no Helesponto, onde vivia debaixo da protecção da Persia. Aconteceu que os Athenienses, commandados por inhabeis generaes, viessem acampar junto das suas terras, e á vista dos Esparciatas (perto do rio Zieg, Aigos-Potamos, no Helesponto). O amor da patria fez com que Alcibiades fosse advertir os Athenienses da má situação em que se achavam, e do perigo que lhes resultaria se não mudassem de posição, mas os seus conselhos foram desprezados. Os Esparciatas surprehenderam com effeito os Athenienses, apoderaram-se de duzentos navios, mataram-lhes tres mil homens, e aprisionaram o resto do seu exercito.

Todos os paizes que Alcibiades havia reconquistado para os Athenienses caíram de novo em poder dos Esparciatas; a mesma cidade de Athenas, cercada e redusida á ultima extremidade pela fome, foi obrigada a render-se debaixo das mais humilhantes condições. Lysandro, general dos Lacedemonios, que a tinha tomado (404 annos antes de J. C.), fez arrasar os seus muros,

queimar a sua frota ao som de musica, e obrigou os Athenienses a chamar todos os banidos e a governarem-se d'ahi em diante pelas leis de Esparta, impondo-lhes de mais a mais um governo de trinta tyrannos, apoiado por uma guarnição Esparciata. — Mas a Persia veiu logo a conhecer que tinha feito os Lacedemonios demasiadamente poderosos; tanto assim que estes sustentaram a revolta do joven Cyro contra seu irmão mais velho Artaxerxes.

Com effeito, aquelle Principe na flor dos annos, salvo da prisão e da morte por sua mãe Parysatis, desejando vingar-se, soube ganhar os Satrapas por seus agrados, e atravessando a Asia Menor, foi appresentar batalha ao Rei seu irmão no coração mesmo do seu imperio. Morto Artaxerxes pelas mãos de Cyro, este que se julgava vencedor antes de tempo, morre tambem por effeito de sua louca temeridade. Os dez mil Gregos, que o serviam, fazem aquella retirada espantosa, capitaneados ultimamente por Xenophonte, grande philosopho e grande soldado, que escreveu esta mesma retirada. Os Lacedemonios continuavam a attacar o Imperio dos Persas, que Agesiláo, Rei de Esparta, fez tremer na Asia Menor; mas as divisões da Grecia o fizeram voltar ao seu paiz.

Um sentimento de indignação começou então a apoderar-se de todos os Gregos contra esta Esparta implacavel e seus furores. Recordavam-se de Athenas a quem deviam a vida e a liberdade, e começaram por tanto a favorecer os projectos

dos Athenienses para lançar fóra, como lançaram, os trinta tyrannos, e restabelecer as suas leis; porém Athenas não voltou mais ao seu antigo lustre, nem recobrou a sua preponderancia, nem a sua antiga gloria. Em quanto duravam as desgraças de Athenas, esperaram sempre os Athenienses que Alcibiades os viesse libertar; e esta sua esperança era um flagello para os trinta Eparciatas, que os tyrannisavam; e por isso procuraram todos os meios de desfazerem-se do unico homem que lhes poderia fazer sombra. De acordo com o governador Persa da Asia Menor, debaixo de cuja protecção se tinha ido refugiar Alcibiades, foi este vilmente assassinado no mesmo retiro, que se lhe tinha dado por guarida; e assim acabou um dos mais distinctos, e ao mesmo tempo infeliz Atheniense. —

CAPITULO XXIV.

Socrates.

Quando os máus costumes se apoderam de toda uma cidade ou de toda uma nação, é mister possuir um gráu muito elevado de firmeza e de sabedoria para que um homem só possa permanecer livre do contagio, e virtuoso. Entretanto não é isto tão impossivel, que a virtude não deixe alguma vez de provocar o apreço e a admiração d'esses homens corrompidos; o que bem prova a vida de um dos Gregos mais virtuosos e mais sabios, que existiu n'aquelles tempos de uma desmoralisação espantosa: queremos fallar da vida de Socrates.

Foi Socrates filho de um esculptor, cuja arte aprendeu de seu pai, sem deixar comtudo os exercicios militares, de que tirou grande proveito; pois, como fica dito anteriormente, elle combateu muitas vezes com valor e prudencia por sua pa-

tria. Todavia nem a esculptura, nem a profissão das armas se casavam com suas inclinações; elle preferia reunir em torno de si uma porção de mancebos espirituosos e bem apessoados para instrui-los nas sciencias moraes, e forma-los nas virtudes, pelo que nada levava em retribuição; nem tão pouco era esta educação tão completa ou tão perfeita como entre os modernos. Consistia o seu methodo no geito e habilidade com que propunha todas as questões que pretendia resolver, entretendo-se em amigavel colloquio com seus discipulos, como se se tratasse de uma simples conversação.

A vida d'este philosopho era tão pura e tão irreprehensivel, que todos aquelles que o ouviam e praticavam, se lhe uniam pelos mais doces laços de affeição e da amisade; ainda assim o numero dos seus amigos não era crescido, posto que os sacerdotes da Grecia o proclamassem, em nome dos Deoses, o mais sabio dos homens; o que deve attribuir-se a ter elle vivido justamente na epocha da maior dissolução de Athenas. Pelo contrario o numero de seus rivaes e inimigos era mui grande; circumstancia esta que nunca pôde atenuar pela sua boa indole, nem por sua impassibilidade no meio das injurias. Citaremos alguns incidentes da sua vida, assim como a tranquillidade que presidiu á sua morte, para darmos uma idéa d'este homem celebre, creador da philosophia moral. Nada diremos a respeito da sabedoria das suas lições, porque a historia não comprehende a discussão das doutrinas.

Socrates era summamente sobrio; não comia nem bebia senão o que havia de mais commum e barato. Tinha uma só capa de panno grosseiro, que lhe servia ao mesmo tempo para o inverno e para o verão. Um dos principios fundamentaes da sua doutrina era, que o homem devia ter o menor numero de necessidades, que lhe fosse possível; assim é que se tinha acostumado a muitas privações. Andava sempre descalço, e quando vellava durante uma noite, achava-se por isso tão vigoroso ao outro dia, como se não tivesse interrompido o somno; e mostrava-se tão forte na lucta, como vivo e engenhoso na discussão. Um dos emulos de Socrates, que tinha adquirido muita fortuna educando a mocidade, lhe disse um dia: « Parece que a sabedoria deve trazer a felicidade, sem embargo tu não pareces feliz, porque na verdade levas uma vida de cão. »

Vejamos, respondeu Socrates, se realmente sou tão desgraçado como pensas: crês tu que o alimento simples de que uso, me dê menos força e saude? ignoras acaso que são aquelles, que menos tem, os que mais saboream a comida? Se, vestido no verão como no inverno, não trago sandalias, é porque o meu corpo preparado contra todas as estações, póde perfeitamente resistir-lhes; e não sei como isto possa ser para ti objecto de censura. Ha cousa mais prudente do que não habituar-se ao somno e á mollesa, pois que nem sempre teremos as commodidades da vida? O agricultor e o nauta poderiam prosperar com semelhantes commodos? Qual será mais

capaz de servir á patria ou ao seu amigo: um homem como eu, ou um d'aquelles a quem chamas felizes? Qual supportaria melhor as fadigas de uma campanha? Tu fazes consistir a felicidade no superfluo de uma vida voluptuosa, em quanto eu penso que, *é da essencia divina o não ter necessidade alguma, e aquelle que tiver menos será tambem aquelle que mais se assemelhará á divindade.* »

Socrates apesar do seu genio pacifico e moderado não gosava da felicidade domestica, porque sua mulher, Xantipa, tinha um caracter diametralmente opposto. Um dia em que ella o provocava, contentou-se em responder-lhe brandamente, e como ella se tornasse mais furiosa, levantou-se e saiu de casa; porém Xantipa exasperada lançou-lhe em cima uma celha d'agua. Logo vi, disse Socrates aos visinhos admirados, que depois de uma tormenta não deixaria de haver chuva. Achando-se em um banquete, pediram-lhe que dissesse alguma cousa digna da sua grande sciencia; respondeu elle: Perdoai, senhores, porque o que se costuma fallar n'estas occasiões não o sei; e o que sei não é a proposito para se fallar aqui.

Se acaso tinha sêde depois de uma carreira, ou da lucta, ou de outro qualquer exercicio do corpo, e passava por uma fonte, enchia um cantaro de agua, e punha-se a beber a tragos, não só para que lhe não fizesse mal, como para acostumar-se a dominar seus mais ardentes desejos. Passando uma vez por um dos principaes

sugeitos de Athenas cortejou-o, porém este não lhe correspondeu, tratando-o desdenhosamente. Os mancebos, que o acompanhavam, mostraram-se indignados por esta falta de attenção, porém Socrates lhes disse: De que pois vos escandalisais? Se encontrassemos um homem mais feio do que eu, de certo que o não levarieis a mal, e não sei porque mereça a vossa indignação outro só porque é menos civil do que eu.

Disseram-lhe um dia que certo homem tinha fallado mal d'elle em sua ausencia: Póde até espancar-me, disse Socrates, com tanto que eu não esteja presente. Queixando-se um dos mais ricos cidadãos da carestia dos generos da primeira necessidade, fallou da purpura, dos vinhos deliciosos, e de outros objectos semelhantes de grande luxo. Socrates o levou a diversos armazens, onde se vendiam viveres, e perguntando pelos preços da farinha, do azeite e de outros generos, productos dos campos circumvisinhos, passou depois ás lojas onde se vendiam pannos e telas ordinarias para os vestidos communs; então lhe disse: Já vêes que tudo é mui barato em Athenas, e que não tens motivo algum de queixa.

Queixava-se certo sugcito de cansaço por ter feito uma jornada a pé, e Socrates lhe perguntou se o seu escravo o tinha acompanhado;—Oh! sim! —Trazia elle alguma cousa? — Um volume bem pesado. — Então deve estar mais cansado do que vós. — Não, porque logo o mandei levar alguns recados. Bem, disse então Socrates, se tu tens

sobre o teu escravo as vantagens da fortuna, elle tem sobre ti as da natureza. Tu és rico e livre, porém fraco e effeminado; elle pobre e escravo, porém são e forte. Agora, diz-me, qual dos dois é mais feliz? Anthisthenes, discipulo de Socrates, vendo que seu mestre era admirado pelo desprezo que mostrava pelos bens exteriores, quiz exceder-lo em abnegação, e para attrahir a attenção publica usava de uma capa toda rota. Amigo, lhe disse Socrates um dia, a tua vaidade resurte por todos os buracos da tua capa.

Socrates desejava ter por discipulo a Xenophonte, espirituoso e gentil mancebo de Athenas (que fôra depois um dos mais celebres capitães da sua epocha). Encontrando-o em logar estreito, poz-se-lhe por diante, e levantando do seu bastão, fez parar o mancebo: peço-te que me digas, onde se vende o pão? — No mercado. — E o azeite? — No mesmo logar. — E a sabedoria? O mancebo não soube responder-lhe. Então seguem-me, lhe disse Socrates, porque eu quero ensinar-t'o. Desde este momento foram amigos inseparaveis; tanto assim que havendo caido Xenophonte do seu cavallo, em consequencia de uma grave ferida recebida em uma batalha, teria sido morto ou prisioneiro, se Socrates, que o viu n'este estado, o não tivesse salvado da refrega levando-o ás costas. —

Innumeraveis são os factos, que se referem ácerca da vida d'este, o maior philosopho d'aquelles tempos; basta dizer que de todas as partes da Grecia concorriam os mancebos para ouvi-lo

por entre mil difficuldades e até perigos, como aconteceu com Euclides de Megara. Quando os Athenienses publicaram aquelle celebre decreto condemnando á morte todo o habitante de Megara, que se encontrasse dentro da cidade de Athenas, Euclides, com todo o risco da sua vida, entrava furtivamente de noite com trages de mulher, só para ter o gosto de ouvir as lições de Socrates, retirando-se depois para a sua cidade natal, que distava oito leguas de Athenas. Outros muitos faziam longas jornadas diarias para não perderem um só dos seus discursos. —

Os invejosos e antagonistas de Socrates faziam entretanto tudo quanto dependia d'elles para torna-lo ridiculo e odioso; e por cumulo de maldade chegaram até a accusa-lo de desprezar os Deoses, e de corromper a mocidade, ensinando-lhe principios irreligiosos. Anyto e Melito, nomes infames na historia, foram os chefes da conspiração. Aristophanes, cujas comedias lascivas desagradavam a Socrates, picado sem duvida da preferencia que este dava ás tragedias de Euripides, foi o primeiro que o ridieulizou em uma scena de theatro. A sua peça das *Nuvens* poz á prova a paciencia do philosopho. Socrates assistiu á sua representação, e soffreu com sangue frio as risadas, imaginando, disse elle a seus amigos, *estar em um festim, onde a todos divertia*. Melito, tirando depois a mascara, o accusa de corromper a mocidade, e de introduzir novas divindades. Socrates ensinava havia quarenta annos; todos conheciam a sua doutrina; fazer-lhe d'ella um

crime tão tarde, era um absurdo escandaloso; porém a paixão, com tanto que se satisfaça, de nada se envergonha.

O accusado sem querer advogados nem sollicitadores, justifica-se com a simples exposição do seu procedimento: *Eu creio na existencia de Deos, mais do que os meus accusadores, expressou Socrates corajosamente; do que estou de tal sorte convencido, que me entrego a Deos, e a vós, assim de que me julgueis do modo que vos parecer mais util para vós e para mim.* Socrates foi logo condemnado sem pena determinada; elle bem podia elegeer uma multa pecuniaria, pois que os seus amigos se encarregavam de paga-la; porém recusou generosamente tomar aquelle partido com receio de se reconhecer culpado, declarando ao povo que elle julgava antes ter merecido pelas suas acções ser alimentado á custa da Republica. Aquella nobre altivez irritou mais os animos; votou-se por segunda vez conforme o costume, e o condemnaram a beber a cicuta: esta era a pena capital. Socrates disse tranquillamente aos seus juizes: *Parto a morrer por ordem vossa: para o que a natureza me tinha condemnado desde o meu nascimento; porém a virtude depressa condemnará os meus accusadores á infamia.*

Querendo os seus amigos tira-lo da prisão, e convidando-o a fugir, Socrates respondeu que isso seria um attentado contra as leis. Em o dia do supplicio, Socrates se entreteve com elles ácerca da immortalidade d'alma, e dos sentimentos que deve inspirar a esperança da outra vida, provando

que aquella verdade, ainda quando não fosse senão duvidosa, devia regular o procedimento de qualquer homem rasoavel. O mesmo Socrates os anima e consola, e vendo que lhe traziam a cicuta, bebe-a com imperturbavel serenidade. Sentindo-se desfallecer, disse a Criton um de seus discipulos: *Eu devo um gallo a Esculapio; cumpre esta promessa por mim, e não te esqueças* (*). Os Athenienses penetrados de vergonha e de remorsos, depois de terem perdido aquelle grande philosopho, decretaram as maiores honras á sua memoria, castigaram severamente seus accusadores, e amaldiçoaram a todo aquelle, que teve parte em similhante conspiração.

Se, como diz Cicero, foi Socrates o primeiro que fez descer do céo a philosophia, que a collocou nas cidades, e a introduziu pelas casas; que a obrigou a unir-se com os costumes, com as obrigações da vida, e com o exame do bem e do mal, devemos confessar que o seu processo serviu de muito maior deshonor para Athenas, do que a escravidão de que foi victima por suas proprias paixões, por sua corrupção espantosa, e por seus culpaveis desmanchos. Com effeito, existimos em um seculo em que todo o

(*) Era uso na antiguidade, quando se levantava alguém de uma grave molestia, sacrificar um gallo ao deus da medicina em signal de reconhecimento. Socrates considerando n'este caso a vida como uma enfermidade, como uma serie de miserias e de perigos, tomava a morte como cura de todos estes males. — Socrates morreu na primavera do anno 399 antes de J. C.

mundo presume de philosopho, mas comparando a moral de Socrates com os livros d'aquelles que se picam de sabios, conhece-se á primeira vista que aquelle philosopho, ajudado unicamente pelas luzes da rasão, raciocinou melhor sobre a lei natural e sobre a essencia da justiça do que aquelles que não reconhecem outra lei da natureza senão o instincto animal, nem outra justiça que o interesse do mais forte.

É cousa digna de notar-se, que um pagão elevasse um edificio de moral, cuja perfeição é devida a seus proprios esforços em tanto que os Christãos, que se jactam de ter herdado toda a sabedoria de Socrates, trabalham para destruir, não só a obra da intelligencia humana, e da rasão universal de todos os seres criados, senão a da revelação e de uma sabedoria infinitamente superior a toda a sabedoria dos homens. Porém, o que mais sorprehende, é ver que ha mais de dois mil annos Socrates respondera a todas as objecções, que se encontram nos escritos modernos sobre a religião natural, e destruiu esses systemas monstruosos, que ultimamente se tem improvisado como novas descobertas. Assim como a doutrina de J. C. foi espalhada por seus discipulos, a de Socrates, quasi quatro seculos antes, tinha tido a mesma sorte; e foram seus melhores interpretes Platão e Xenophonte. —

CAPITULO XXV.

Alexandre.

Em consequencia da guerra civil, chamada do Peloponeso, elevou-se Lacedemonia sobre as ruinas de Athenas; mas não tardou muito que o seu orgulho excitasse em toda a Grecia os mesmos queixumes, que tinham provocado a destruição da sua rival. Thebas, até então sem nenhuma importancia, fez humilhar por suas victorias a soberba Esparta; as tropas Thebanas debaixo do commando de Pelopidas e de Epaminondas, chefes mui habéis, lhe arrancaram a supremacia de que gosava. Epaminondas sobre tudo se distinguia pela equidade e moderação, tanto como por suas victorias. É notavel pela grande regra, que tinha, de não mentir jámais, nem ainda gracejando. Gentil nas suas acções, figurou nos ultimos annos de Artaxerxes, chamado *Mnemon*, por causa da sua prodigiosa

memoria, e nos primeiros de Ocho. Sob as ordens de tão valente capitão os Thebanos foram victoriosos, e todo o poder de Lacedemonia esmoreceu á sua vista.

Começam a florecer os Reis de Macedonia (359 annos antes de J. C.) com Felipe, pai de Alexandre Magno. Apesar das sugestões de Ocho e de Arsés seu filho, Reis da Persia, e apesar das difficuldades ainda maiores, que lhe suscitava em Athenas a eloquencia de Demosthenes, poderoso defensor da liberdade, este Principe victorioso pelo espaço de vinte annos, sugentou toda a Grecia, em que a batalha de Cheronea, que elle alcançou sobre os Athenienses e sobre os seus alliados, lhe deu um poder absoluto. N'esta famosa batalha, em quanto rompia pelos esquadrões dos Athenienses, teve o contentamento de ver Alexandre na idade de desoito annos penetrar as fileiras, e desbaratar as tropas Thebanas disciplinadas por Epaminondas; e o que é mais, até o esquadrão sagrado, que se chamava dos amigos e que passava por invencivel.

Por este modo senhor da Grecia, e sustentado por um filho que tão grandes esperanças dava, gisou na sua imaginação os mais vastos planos, e não meditou nada menos do que a ruina dos Persas, contra os quaes foi declarado Capitão General (*). Mas a destruição dos Persas estava

(*) Felipe foi um grande Rei na opinião de muitos historiadores celebres. A profundidade do seu engenho, os recursos de sua prudencia, a intrepidez do seu

reservada para Alexandre. No meio das festas e solemnidades de um novo casamento, Felippe foi assassinado por Pausanias, filho de uma grande casa, porque lhe não tinha feito justiça. O Eu-

valor, a humanidade e ainda a justiça, de que Felippe frequentemente deu provas, fazem reconhecer n'elle o discipulo de Epaminondas. Este Principe tinha muito bem experimentado as utilidades de uma educação excellente, para que as não procurasse para seu filho, nascido com as mais felizes disposições. Fazer de Alexandre um guerreiro era pouco para Felippe, o qual pretendia que seu filho fosse um homem illustrado. Aristoteles, o primeiro philosopho do seculo, devia ser o mestre e o aio de Alexandre. A carta que o mesmo Felippe escreveu ao philosopho é uma lição para todos os Reis: *tenho um filho; dou graças aos deuses, menos por m'o terem dado, que por permittirem que elle nascesse no tempo de Aristoteles. Lisongêo-me que vós o fareis digno de me succeder e de governar a Macedonia.*

Muitos rasgos de moderação e de justiça ornaram a vida d'este Rei, porém os mais notaveis são aquelles que fazem sobresair o seu amor pela verdade. Tal era o Principe de quem Demosthenes fallava em termos tão despreziveis: « Onde está, dizia aquelle orador, a indignação que manifestais a respeito de Felippe; o qual mui longe de ser Grego, e de pertencer aos Gregos por parte alguma, mui longe tambem de ter uma origem illustre entre os Barbaros, é um miseravel Macedonio filho de um lugar, d'onde jamais saiu um bom escravo? » N'este passo se conhece a vaidade do Atheniense. Felippe mostrava-se bem superior, quando galanteando a respeito do uso absurdo de eleger cada anno dez Generaes, dizia: *Eu em toda a minha vida não pude achar senão um unico General (Parmenião); porém os Athenienses acham dez todos os annos.*

nuco Bagoas n'esse mesmo anno (336 antes de J. C.) matou Arsés Rei da Persia e collocou no throno a Dario, filho de Arsames, por sobrenome Codomano. Sendo isto assim, temos dois Reis animosos entrando juntamente a governar: Dario filho de Arsames, e Alexandre filho de Felippe.

Afrontados de emulação, um contra o outro, parecia que o Céu os fizera nascer para se disputarem o imperio do mundo. Mas Alexandre quiz segurar-se antes de ir entender com o seu rival. Desafrontou a morte de seu pai; quebrantou os povos rebeldes, que motejavam da sua mocidade; desbaratou os Gregos que tentaram, mas debalde, sacudir o jugo; e assolou Thebas, onde levou tudo á espada, sem poupar cousa viva mais do que os descendentes de Pindaro, que pelas suas Odes tinha sido a admiração da Grecia. Poderoso e coberto de victorias, marchou então contra Dario, que elle desfez em tres batalhas campaes, destruiu Persepolis, antiga côrte dos Reis da Persia, e levando suas conquistas até as Indias, veiu morrer em Babylonia na idade de trinta e tres annos. — Porém não anticipemos os factos, e volvamos á primeira infancia d'este grande conquistador.

Era necessario um Alexandre para succeder a Felippe. A mocidade do primeiro annunciava grandes cousas. As lições de seu pai, juntas com as lições de Aristoteles (*), tinham educado e

(*) Alexandre dizia ser *devedor a um de viver, e a outro de viver bem*. O que não era reconhecer tudo o que devia

disposto o seu genio para a politica, para a guerra, para a philosophia e para as letras. O seu gosto pela Iliada de Homero era o gosto de um heróe, porque todos aquelles feitos gloriosos despertavam n'elle o desejo de imita-los. A sua paixão pela gloria era manifesta a respeito do genero de gloria que lhe convinha, e perguntando-lhe os seus amigos se não disputaria o premio dos jogos Olympicos, de que Felippe tinha sido tão cioso, respondeu que o faria sem duvida, se podesse ter Reis por antagonistas. Nada descobriu melhor o seu character e a sua alma, do que o modo com que entreteve um dia os embaixadores do Rei da Persia (*).

Dado desde a infancia a violentos exercicios, tinha conseguido um vigor extraordinario. Mandaram offerecer a Felippe um cavallo de batalha pelo qual pediam treze talentos (8:320 ~~7~~000 rs.), porém era tão indomavel que nenhum picador

a seu pai. Porém Alexandre era cioso da gloria de Felippe, e lembrava-se do divorcio de sua mãe Olympias, cousa que nunca pôde esquecer.

(*) Em logar de fallar com os embaixadores a respeito das maravilhas da pompa asiatica, objecto da curiosidade de tantos homens já feitos, Alexandre se informou do caminho da Asia superior, da distancia dos logares, das forças da nação, da natureza do governo e do procedimento do monarcha. Refere-se que os embaixadores todos admirados, fallando entre si diziam: *Este Principe é grande, o nosso é rico*. Os homens de espirito penetrante podiam, de semelhantes reflexões vivas e engenhosas, presagiar as suas emprezas e a sua grandeza.

podia monta-lo. N'este caso mandava o Rei devolver o cavallo quando Alexandre lhe supplicou que lhe permittisse ver se poderia doma-lo; e tomando o cavallo pela redea voltou-o contra o sol, porque havia observado que o animal tinha medo da sua sombra; foi acariciando-o pouco e pouco, e deixando cair a sua capa insensivelmente saltou sobre o cavallo, que partiu com a rapidez do raio. D'ahi a pouco voltou Alexandre meneando o ginete com tanta facilidade como garbo e bisarria, com geral admiração de todos os espectadores e de seu pai, que o foi logo abraçar dizendo: Meu filho, busca outro reino, porque a Macedonia é muito pequena para ti.

Alexandre não dissimulava a ambição, que o devorava. Com a noticia de alguma acção grande ou de alguma façanha de Felippe: *Meu pai tomard tudo*, dizia Alexandre aos seus amigos, *e não nos deixard nada a fazer*. Similhantes homens são ou a gloria ou o flagello do genero humano, conforme empregam bem ou mal os seus talentos e o seu poder. Quando subiu ao throno na idade de vinte annos, todos os povos sujeitos por seu pai julgaram-se livres: os Barbaros pegaram em armas, e Demosthenes, mais experimentado na arte de convencer do que na de conhecer os homens, animou os Gregos para se unirem contra *um rapaz e um tonto* (tal era o modo com que o orador tratava a Alexandre), *cuja fraqueza expunha o seu proprio Reino a grande perigo*. Os Macedonios assustados com este aparato de forças aconselhavam ao Principe meios de insinuação

e de brandura; porém Alexandre preferiu humilhar seus inimigos por estrondosas acções.

Os Triballos, os Illirios, os Thracios, os Getas e outros Barbaros foram castigados pela sua atrevida imprudencia. Depois d'aquelle ensaio de firmeza e de valor caiu o vencedor sobre a Grecia. Thebas foi destruida, mas perdôa a Athenas; e já sem opposição ajunta em Corintho os Deputados de todas as cidades, e faz-se nomear Generalissimo contra os Persas. Os principaes cidadãos e os mesmos philosophos o vieram então felicitar; e como não apparecesse Diogenes, Alexandre teve a curiosidade de ir ver um homem tão singular, que affectava o desprezo de tudo quanto os outros mais desejam. Achou-o aquecendo-se ao sol diante da pipa, que lhe servia de morada; fez-lhe varias perguntas, a que Diogenes respondeu com precisão e sabedoria, e satisfeito da sua altiva independencia, perguntou-lhe se lhe poderia prestar para alguma cousa: *nada quero de ti, disse o philosopho, senão que me não tires o que não me pôdes dar*; alludindo á sombra de Alexandre, que posto contra o sol, lhe impedia de aquecer-se. Voltando-se então o Principe para os seus, disse: Se eu não fosse Alexandre, quizera ser Diogenes (*).

(*) Muitos ditos picantes e espirituosos se attribuem a Diogenes. — Havendo assistido a umas festas publicas, perguntou-lhe um Atheniense, se tinha havido muita gente: *muitos espectadores, e poucos homens*, foi a sua resposta. Outra vez indo de Esparta para Athenas perguntaram-lhe, para onde ia: *venho da habitação dos homens*

Alexandre tornando para a Macedonia, apressou os preparativos da sua nova campanha, e como fizesse prodigas liberalidades aos officiaes, perguntou-lhe um o que reservava para si: A *esperança*, respondeu o Principe. Antipatro foi encarregado de guardar a Macedonia, e o Rei partiu com trinta e cinco mil homens, mas tropas excellentes, commandadas por velhos capitães e mui experimentados. Eram de certo muito fracos meios para conquistar a Asia; porém Alexandre contava com a sua fortuna, e com a fraqueza do Monarcha, cujo throno pretendia invadir, com o pretexto de vingar a Grecia tantas vezes insultada pelos Persas.

Com effeito havia muito tempo que o imperio de Cyro ameaçava ruina. A sua grandeza exces-

para o domicilio das mulheres, respondeu elle. Qual é a maneira mais sensivel de vingar-se um homem de seus inimigos? É sendo mais virtuoso do que elles. Ouvindo a um rapaz dizer uma insolencia, que fez corar a outro, disse para este: muito bem, meu filho, esta é a côr da virtude; e dirigindo-se ao primeiro: não tens vergonha de tirar uma espada de chumbo de uma bainha de marfim? Entrando por uma pequena villa, observou que tinha uma porta colossal, então disse para alguns de seus habitantes: Cidadãos, fechai a porta, para que a villa não fuja por ella. Em uma travessia foi tomado por um corsario, e vendido como escravo; esta circumstancia em nada alterou o seu bom humor, nem o seu character; elle sujeitou-se á sua nova condição com tanta fidelidade, que seu senhor tinha o costume de dizer, que um bom genio tinha vindo habitar a sua casa. Assim se conservou por longo tempo, morrendo de noventa annos de idade.

siva era um principio de destruição, ao qual se uniam os vícios do governo, a escravidão dos povos e a depravação dos Principes. Os Satrapas, muito distantes da côrte, eram quasi outros tantos Reis independentes. Uma multidão de povos, os quaes sómente eram communs na escravidão, formavam um corpo sem harmonia, sempre prompto para se dissolver. O grande Rei não era senão um despota effeminado em uma côrte cheia de crimes.

Alexandre atravessa o Helesponto, e chegando a Frygia visita a sepultura de Achilles, onde parecia invejar a dupla felicidade d'aquelle heróe: por ter tido em toda sua vida um amigo fiel, e depois da sua morte um cantor admiravel. O mesmo Alexandre cheio de entusiasmo, que inspira a gloria dos grandes homens, passa o Granico á vista do exercito Persa (*), attaca, bate o inimigo, e se apodera do seu campo com immensos despojos. Alexandre esteve quasi a perder a vida n'esta batalha; dois officiaes Persas que o conheceram pelas plumas do seu capacete correram sobre elle; e com quanto se defendesse com bravura, ia succumbir quando Clito, bravo Macedonio, chegou a proposito para livralo de um de seus inimigos, o outro caiu atra-

(*) O Granico, chamado hoje Oustvola, é um rio pouco consideravel; o exercito Persa estava do outro lado, e para passa-lo era mister combater. Os Generaes de Alexandre o quizeram dissuadir, mostrando-lhe a difficuldade da empreza; porém elle respondeu: *O Helesponto se envergonharia, se temessemos este pequeno rio.*

vessado por Alexandre. A conquista da Asia Menor foi o fructo d'esta victoria.

Voltando Alexandre da Capadocia para Tarso passou livremente pelos desfiladeiros da Cilicia, que o inimigo abandonou sem se atrever a esperar por elle; apossou-se das riquezas de Tarso, antes que fossem consumidas pelo fogo, porque os Persas principiavam a queimar a cidade. Em Tarso foi que Alexandre, depois de se ter banhado no Cydno coberto de suor, teve uma doença mortal, da qual o curou Felippe seu medico. Parmenião tinha escripto a Alexandre que aquelle medico, tendo-se deixado corromper, o devia envenenar. O aviso era falso, porém capaz de o agitar cruelmente. Alexandre mostrou a carta a Felippe, e ao mesmo tempo tomou de um jacto uma poção, que este lhe appresentava. *O unico favor, que vos peço, lhe disse o medico, é que socegueis o vosso animo; a vossa cura me justificard.* Alexandre, se fosse dotado de um espirito menos constante, estava perdido; o temor ou a desconfiança o teria morto; o seu valor de animo o salvou.

Dario avançava imprudentemente para combater; em lugar de esperar pelos Gregos nas planicies da Assyria, veio metter-se na Cilicia pelo passo de Amano em um desfiladeiro, onde a maior parte de seu exercito não podia manobrar. A batalha de Isso confundiu logo a presumpção do grande Rei; sómente trinta mil Gregos, que Dario tinha a seu soldo, podiam disputar a victoria, porém Alexandre os desba-

ratou depois de ter dispersado o resto. Dario ao menos mostrou valor, e não fugiu senão depois de ter visto atravessados de feridas os cavallos do seu carro. A perda dos Persas se avalia em cento e dez mil homens; Quinto Curcio reduz a dos Macedonios a quatrocentos e cincoenta tão sómente. A mãe de Dario, sua esposa e duas filhas caíram tambem em poder de Alexandre, que as tratou, não como cativas, mas com todos os respeitos devidos á sua elevada condição. —

Alexandre deveria ter ido no alcance do inimigo, sem dar-lhe tempo de respirar. Em logar de tomar aquelle partido marchou para Tyro e a destruiu, conquistou a Palestina, e veiu ao Egypto, cujos habitantes se lhe submeteram espontaneamente cançados da dominação dos Persas. Alli fundou junto do mar sobre a costa oriental, e não longe da embocadura dos sete braços do Nilo, a famosa cidade que tomou o seu nome, e que veiu a ser o emporio do commercio do antigo mundo, porque Tyro já não existia. Hoje ainda existe uma cidade Turca, que tem o nome de Alexandria, mas pobre e mediocre em comparação da antiga cidade, cujas ruinas magnificas, soterradas pelos comoros de areias, attestam todavia a sua primitiva grandeza.

Entretanto Dario por meio de uma embaixada tinha offerecido a Alexandre dez mil talentos e sua filha em casamento, com todas as terras situadas entre o Euphrates e o Helesponto. A prudencia não permittia vacillar. Parmenião disse que se fosse Alexandre accitaria aquelles offere-

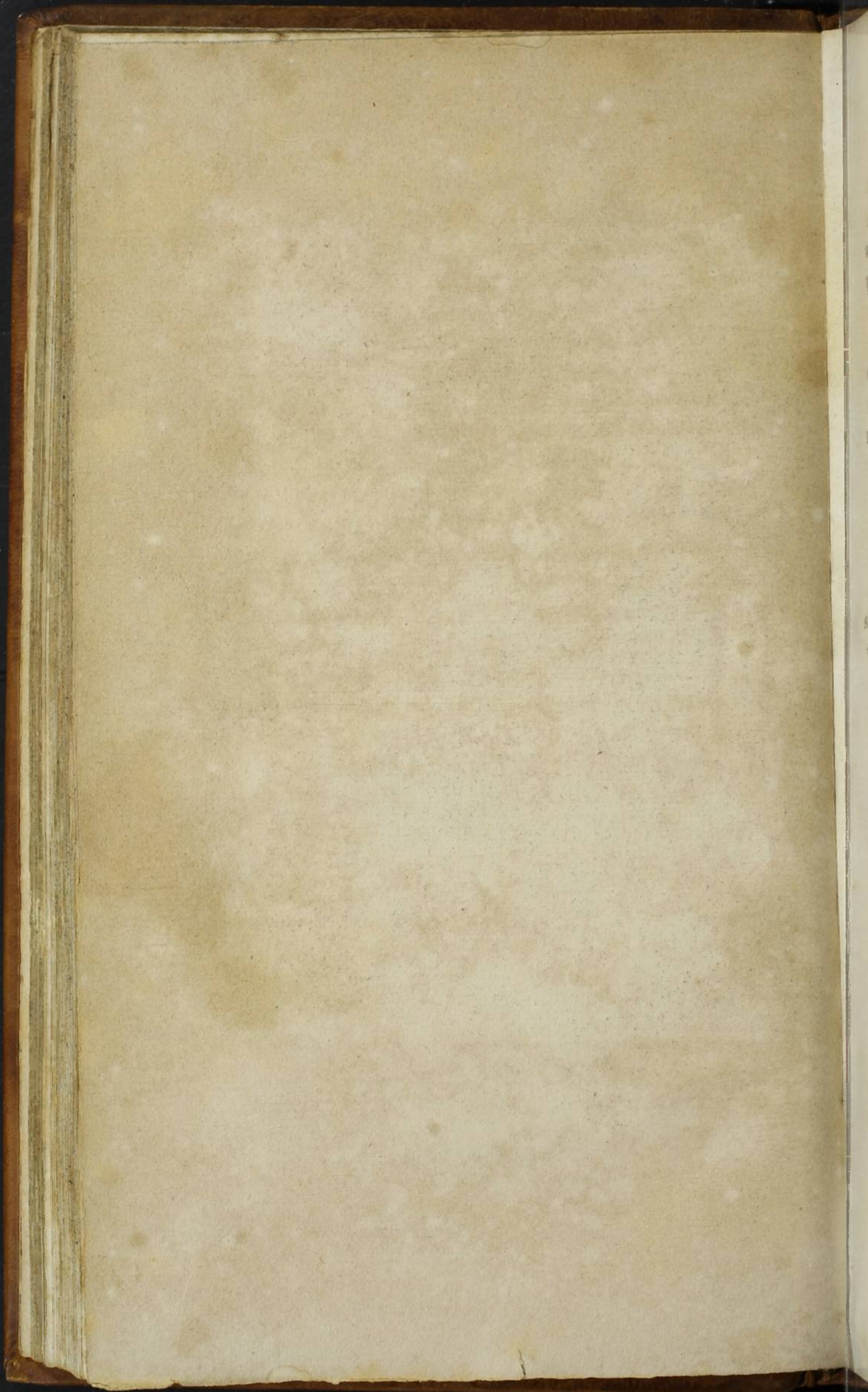
cimentos: *E eu tambem*, replicou o Rei, *se fosse Parmenião*. Alexandre os despresou, querendo ter tudo e expondo-se por este meio a perder tudo. Quinto Curcio refere que Alexandre dissera, que *o mundo não podia supportar dois sóes nem dois senhores*. Dario teve tempo para ajuntar setecentos a oitocentos mil homens. Alexandre, acompanhado sempre da fortuna, passou o Euphrates e o Tigre sem obstaculo, e appresentou-se diante do inimigo, confiando no valor das suas tropas. A famosa batalha de Arbella completou os seus felizes successos.

N'esta batalha, pelejada no outono de 331 antes de J. C., a ala esquerda mandada por Parmenião esteve em perigo; já a cavallaria de Dario pillhava o campo, quando Alexandre, vencedor, na outra ala, mandou dizer a Parmenião que se não importasse com a bagagem, e que sómente cuidasse em vencer. Esta ordem produziu o melhor effeito, e a victoria foi logo completa. Arrio conta quasi trezentos mil mortos do exercito inimigo, e menos de mil e duzentos dos Macedonios. Dario entre infinitos homens tinha mui poucos soldados; e esta foi a causa da sua desgraça. O valor lhe não faltou na occasião do combate, porém viu-se obrigado a fugir por causa da derrota do seu exercito.

Este desgraçado Rei fugitivo, receiando desgraçar aos Persas, recusou confiar a guarda da sua pessoa aos Gregos, que se achavam ao seu serviço. Dario, sempre perseguido por Alexandre, foi assassinado vilmente por Besso, um dos seus



ALEXANDRE



Satrapas, e morreu encarregando a um soldado Macedonio (se dermos credito a Plutarco) o agradecer ao seu inimigo as bondades, que tivera para sua mãe, mulher e filhos. Dario acabava de expirar quando chegou Alexandre; foi grande a emoção que este sentira á vista do Monarcha assassinado, e tirando a sua propria capa cobriu com ella o cadaver, que fez transportar com muita pompa para o jasigo dos Reis.

Babylonia, Suza, Persepolis e Ecbatana já estavam em poder do conquistador. As immensas riquezas que Alexandre achou n'aquellas cidades corromperam logo as suas tropas, e o incendio do palacio de Xerxes em Persepolis deve-se considerar como um preludio dos excessos, em que o mesmo Alexandre se ia precipitar. Arrio não falla da meretriz Thais, que, segundo outros escriptores, lhe inspirou aquella barbaridade em um banquete desordenado. Apenas se acharão d'aqui em diante alguns vestigios dos sentimentos virtuosos, de que Alexandre tinha dado tantas provas.

Os vicios, a crueldade e a ingratição denegriam toda a gloria de Alexandre. — Aquelles que o conheceram sobrio, e dado ao mais continuo exercicio, admiravam-se de vê-lo passar os dias e as noites em os banquetes. Affectando o luxo e os adornos d'aquelles Reis da Persia, tão despreziveis aos seus olhos, começou por desprezar o vestido e os costumes dos valerosos Macedonios, instrumentos das suas victorias; e querendo fazer-se adorar, expôz-se ás murmurações dos seus soldados, e mesmo á rebellião. Filotas, filho

de Parmenião, foi mandado executar como traidor; porém o seu verdadeiro crime era ter offendido o orgulho de Alexandre por uma imprudente altivez. O illustre Parmenião, velho de setenta annos, tão estimado de Felippe, e sem o qual Alexandre não teria executado acção alguma consideravel, foi assassinado por ordem do Rei, provavelmente com receio de que quizesse vingar a morte do filho.

O que serve de uma grande lição para todos os homens, é o horroroso expectaculo que apresenta o homicidio de Clito. Este bello official, amado de Alexandre a quem salvara no combate do Granico, conservava a austera liberdade dos costumes antigos. Um banquete, onde Clito a mostrou excessivamente, foi a occasião da sua morte. Alexandre, exaltado pelo vinho, começou elevando as suas façanhas, e abatendo as proesas de Felippe seu pai; porém Clito, cuja fidelidade alcançava além do tumulo do seu antigo monarcha, achou indigno do filho que desprezasse a gloria de seu pai, e assim o fez sentir ao soberbo Alexandre por palavras e por gestos de indignação e de despreso. O Rei enfurecido lança mão do dardo de um dos seus guardas, e mata aquelle a quem devia a vida.

Os remorsos e a desesperação seguiram-se immediatamente áquella acção. Alexandre encerrou-se por tres dias e tres noites na sua tenda sem comer nem beber, chorando amargamente a morte do amigo fiel, de que elle mesmo se tinha privado. Este estado de desesperação inquiet-

tava a todo o exercito, e para acalma-lo trataram os cortezãos de fazer acreditar a Alexandre, que a morte de Clito era o complemento do seu destino, e que ninguem era culpado por ter sido o instrumento da vontade dos Deoses. — Desde então a liberdade ficou quasi anniquilada em todos os corações; comtudo os Macedonios não se abattiam como os outros Gregos humildes, até prostituir ao Rei as honras divinas. O philosopho Callisthenes por lh'as haver negado experimentou logo a sua vingança, e morreu por causa de um crime imaginario, deixando a Alexandre a vergonha eterna de uma injustiça meditada.

Alexandre adiantou as suas conquistas até a Bactriana e a Sogdiana, onde Besso (o assassino de Dario) tendo-se feito acclamar Rei, foi castigado por todos os seus crimes. Os Scythas apesar da sua reputação de invenciveis foram derrotados. Alexandre imaginando dever caminhar sobre os passos de Hercules e de Baccho, emprehendeu subjugar a India. Não o seguiremos na sua marcha, porque os perigos, que soffreu, augmentariam pouca cousa a idéa, que nós temos formado do seu valor. Taxilo, um dos Reis d'aquelle continente, veiu ter com elle de seu motu proprio, e lhe fez, segundo Plutarco, este singularrissimo discurso: « Que necessidade temos, ó » Monarcha, de bater-nos, quando tu não pre- » tendes roubar-nos a nossa agua nem o nosso » pão, as unicas cousas pelas quacs um homem » sensato deve brigar? Em quanto ao que cha- » mam riquezas, se sou mais rico do que tu,

» estou prompto a ceder-te o superfluo, e se
» sou menos consinto em ser-te obrigado acci-
» tando de ti o que me falta. » Alexandre rece-
beu os seus presentes, que devolveu com summa
liberalidade, e ficaram amigos.

Poro, outro Rei da India, mais altivo e mais
valeroso, dispunha-se para rechaçar o conqui-
stador. Alexandre passa o Indo, chega á margem
do Hydaspe, além do qual Poro o esperava com
um exercito numeroso, e servindo-se de um
estratagem a derrotou o inimigo, apesar de seus
elephantes e do valor de Poro. O vencedor or-
dena que se guarde a vida áquelle Principe
valente, e mandando-o vir á sua presença, lhe
perguntou como queria ser tratado? « Como Rei,
disse Poro. » A cuja resposta replicou Alexan-
dre: « Consinto em que sejas tratado como Rei
por amor de mim mesmo. » Cumprindo a sua
palavra adquiriu em Poro um fiel alliado. N'esta
ocasião perguntou Alexandre a um Bramane
prisioneiro qual era mais forte, se a vida ou a
morte: a vida, respondeu o Indio, porque car-
rega com todos os males.

Um povo da India mandou uma embaixada a
Alexandre pedindo-lhe a paz; entre os embaixa-
dores vinha um velho respeitavel, cujo aspecto
agradou ao conquistador. Quando o velho lhe
perguntou quaes eram as condições que exigia,
respondeu-lhe Alexandre: que te elejam por seu
Rei, e que me enviem como refens cem dos *me-
lhores* cidadãos. Todavia, replicou o velho, o meu
reinado seria muito mais tranquillo se em logar

dos *melhores*, tu quizesse accitar os peiores. Alexandre admirado d'esta resposta contentou-se com um pequeno numero, e accedeu á paz que lhe propunham. Depois de tantas fadigas, e de incriveis proesas, obrigado a retroceder porque suas tropas se obstinaram em não dar um passo mais adiante, embarcou-se no Indo para ver o Oceano. Alexandre visitou duas ilhas pequenas, afim de poder jactar-se de uma expedição inaudita; e eis-ahi tudo quanto alcançou d'aquella empresa na India.

Voltando para a Persia, esforçou-se em remediar as desordens, que a sua ausencia tinha causado. Castigou os governadores corruptos; reprimiu as sedições das tropas (*); casou com duas Princezas do sangue real Persa; e para unir ambos os povos obrigou os Macedonios a semelhantes allianças. Alexandre ainda desceu pelo rio Euleo até o Oceano; formou novos projectos de conquistas; empreheudeu outras incursões; porém nada d'isto devia realisar-se porque já

(*) Os soldados Macedonios descontentes, prorompiam a cada passo em vociferações e queixas, produzindo a maior desordem, que os severos castigos não tinham podido evitar. Alexandre decidiu-se finalmente a mandar todos os Macedonios para o seu paiz, e ficar tão sómente com os Persas, que elle já tinha disciplinado. Esta ordem causou a maior consternação entre os Macedonios, tanto que foram lançar-se aos pés de Alexandre, pedindo-lhe que lhes perdoasse, e que d'ahi em diante elles se emendariam. O Rei enternecido perdoou-lhes e revogou a ordem de partida.

tinha chegado ao seu termo fatal. A morte de Efestião seu valido (*), causada por um excesso de vinho, não o tinha feito mais moderado nem mais prudente. Alexandre morreu do mesmo modo em Babylonia, tendo de idade trinta e tres annos.

Refere-se que, perguntando-lhe os seus capitães a quem deixava o Imperio, Alexandre respondera: *ao mais digno*; acrescentando que antevia as sanguinolentas exequias que lhe fariam. Tantas conquistas não terminaram, com effeito, senão em guerras civis, e na rotura inevitavel de um Imperio, infinitamente vasto para permanecer entre as mãos de um unico homem. As vozes de veneno, espalhadas alguns annos depois da morte d'aquelle Principe, eram, segundo a observação de Plutarco, ficções de gente que imaginava dever dar *um fim tragico a este grande Drama*. O mesmo autor observa, que Alexandre entrara em Babylonia despresando os prognosticos funestos dos Chaldeos; e que não obstante, se preocupou tanto dos terrores da superstição na sua molestia, que o palacio se encheu logo de sacerdotes e de agoureiros. Tão abatidos são algumas vezes os espiritos fortes á vista do perigo.

(*) *Efestião ama Alexandre*, dizia este Principe, e *Cratero ama o Rei*. Cratero era um cortesão virtuoso, que, conservando os costumes Macedonios, se interessava pela gloria do seu Rei. Razão porque se empregava Cratero para tratar com os Macedonios, emquanto Efestião só era para tratar com os Persas.

A vida de Alexandre será uma grande lição para os homens e para os Reis; os quaes vêm n'elle tudo quanto pôde a cegueira da fortuna em uma alma generosa e magnanima, que teria servido de modelo aos heróes, se não fosse inficionada pelo vicio. Aquella passagem rapida do bem para o mal, da sabedoria e da prudencia para a loucura, da moderação para o furor, e da gloria para o opprobrio, fará tremer o homem sensato á borda do abysmo que cavam as paixões. O heróe Macedonio merecia em parte a resposta d'aquelle Pirata, a quem perguntou, que direito tinha para infestar os mares: *O mesmo que tu tens para infestar o mundo. Porém chamam-me salteador e corsario porque ando a corso em um pequeno navio, e a ti chamam-te conquistador porque andas a corso com uma frota.* »

Alexandre, como dissemos, não tinha nomeado successor; assim foi que todos os seus generaes pensavam com rasão ter direito a um Imperio, que havia sido conquistado por elles. Cada um por tanto foi tratando de alliciar uma parte do exercito, d'onde se originou a guerra assoladora, que estrangulou este vasto Imperio. A guerra era geral, combatia-se na Grecia, na Macedonia, na Asia Menor, no Egypto e em Babylonia; e a grande fortuna de Alexandre foi retalhada em differentes e pequenos legados. Depois da sua morte, o Egypto tornou-se uma monarchia independente debaixo do sceptro dos Ptolomeos, dictado que depois tomaram todos os Reis do Egypto, assim como antes se chamavam Pharaós.

— Formou-se outro Reino na Syria, compreendendo Tyro e Sidonia, e todo o paiz além de Babylonia até o Indo; annos depois, debaixo do sceptro dos Seleucidas, este reino abrangeu toda a Asia Menor.

A Macedonia ficou como antes um reino separado; porém sempre em guerra com os Estados Gregos por causa da preponderancia, que ainda queria exercer sobre a Grecia. O Egypto e a Syria travaram-se de queixas e vieram ás mãos por muito tempo. — D'esta sorte enfraquecendo-se por frequentes guerras occorreram estes reinos á protecção estranha. Ora, o mais poderoso e florescente Estado da Europa, duzentos annos antes de J. C., era a Republica Romana na Italia. Era a ella que se dirigiam os fracos reclamando o seu apoio; ainda que muitas vezes os Romanos espontaneamente se mettiã nas contendas alheias sem serem chamados, e decidiam arbitrariamente e como lhes convinha; acontecendo muitas vezes, que a sua protecção era muito mais fatal aos outros povos do que o motivo porque a reclamavam.

Eis-ahi como, a pouco e pouco, reuniu aquella Republica debaixo da sua dominação universal quasi todos os paizes, que tinham pertencido á monarchia de Alexandre; isto é: a Macedonia, a Syria, a Grecia, a Asia Menor, e o Egypto; os quaes pelo tempo do nascimento de J. C. eram já provincias Romanas.

CAPITULO XXVI.

Roma desde sua fundação até a guerra de Pyrrho. Costumes dos antigos Romanos.

Romulo e Remo, descendentes dos antigos Reis de Alba por parte de sua mãe Ilia (*), res-

(*) Plutarco diz que Ilia era filha de Numitor; a qual, durante a usurpação de Amulio seu tio, se fizera Sacerdotisa de Vesta; porém que achando-se grávida algum tempo depois, estivera a ponto de ser enterrada viva, segundo a lei que obrigava as vestaes a uma virgindade perpetua, sem a protecção de Antho, filha de Amulio, que lhe obteve o perdão. Não obstante foi reclusa até que deu á luz dous gêmeos; os quaes foram lançados no Tibre por ordem de Amulio. As aguas levaram o berço até um lugar, onde baixando deixaram-no encalhado, e alli vinha uma loba nutri-los com seu leite. Porém o mais certo é que a mulher do pastor Faustulo achára estas crianças abandonadas, e as levára para cria-las, e que Numitor sabendo toda a historia concorria secretamente para a manutenção e educação de seus netos. A Ilia dão alguns autores o nome de Rhéa, outros de Silvia, e outros o de Rhéa Silvia.

tabeleceram no reino de Alba seu avô Numitor, de que seu irmão Amulio o tinha desapossado; e logo depois fundaram Roma, que devia ser algum dia senhora do mundo, e que veio a ser com o andar dos seculos o assento principal da religião catholica. Esta cidade foi fundada pelo fim do terceiro anno da sexta Olympiada, quatrocentos e trinta annos pouco mais ou menos depois da tomada de Troia, d'onde os Romanos julgavam que descendiam seus avôs, e 753 annos antes de J. C. Romulo criado grosseiramente entre pastores, e dado continuamente aos exercicios da guerra, consagrou esta cidade ao Deos Marte, de quem se fazia filho.

Pelo anno de 715 antes de J. C. aconteceu a morte de Romulo. Andou sempre em guerra, e sempre victorioso; mas no meio das guerras lançou os fundamentos da religião e das leis. Uma longa paz proporcionou a Numa, seu successor, os meios de completar a obra. Elle formou a religião e abrandou os costumes ferozes do povo Romano. No seu tempo as colonias, que vieram de Corintho, fundaram Syracusa na Sicilia, Crotona, Tarento, e póde ser que outras mais cidades n'esta parte da Italia, a que outras mais antigas colonias Gregas, espalhadas por todo o paiz, tinham já dado o nome de grande Grecia.

Roma ia crescendo, mas insensivelmente. Debaixo de Tullo Hostilio (671 annos antes de J. C.), seu terceiro Rei, e pelo famoso combate dos Horacios e Curiacios, Alba foi subjugada e arruinada. Seus habitantes encorporados com

a cidade victoriosa a engrandeceram e elevaram. Romulo se tinha servido já d'este meio para augmentar a cidade, quando recebeu os Sabinos e os outros povos vencidos, que se esqueciam da sua derrota e passavam a ser subditos fieis. Roma estendendo as suas conquistas ia formando a sua milicia; e foi em tempo de Tullo Hostilio que ella começou a aprender e usar d'aquella disciplina, que a veiu fazer depois senhora do mundo.

Anco Marcio, successor de Tullo Hostilio, declarou a guerra aos Latinos, e os sujeitou. Continuando a converter os seus inimigos em cidadãos, Roma os encerrava suavemente dentro dos seus muros. Os Veientes já enfraquecidos na vida de Romulo experimentaram novos reveses. Anco estendeu as suas conquistas até o mar visinho, e levantou a cidade de Ostia na embocadura do Tibre; incluiu no circuito da cidade o monte Aventino e o Janiculo, comprehendidos antecedentemente na Etruria. Mandou levantar uma ponte sobre o Tibre, afim de communicar com o Janiculo; e preparar marinhas de sal na borda do mar, distribuindo entre o povo a maior parte do sal, que d'ellas se tirava.

Tarquinio o antigo, quinto Rei de Roma, depois de haver sujeitado uma parte da Toscana, e aformoseado a cidade pela magnificencia das obras publicas, morreu assassinado com quasi oitenta annos de idade. No seu tempo os Gallos, capitaneados por Belloveso, se fizeram senhores na Italia de todas as terras que ficam

nas margens do Pó, em quanto Segoveso seu irmão conduzia pelo interior da Germania outro enxame da mesma nação. Servio Tullio, genro e successor de Tarquinio, estabeleceu o censo ou alistamento dos cidadãos repartidos em diferentes classes, por onde esta cidade immensa veiu a ser regulada como uma familia particular.

Servio Tullio, depois de haver ensanchado a cidade de Roma, concebeu o projecto de mudar a forma do seu governo e de a reduzir a Republica. Porém antes de realisar as suas pretensões acabou ás mãos de miseraveis assassinos, dizem que por conselhos de sua filha Tullia, monstro de ambição e de crueldade, e por mandado de seu genro Tarquinio denominado o soberbo, neto do rei do mesmo nome. Manchado com o sangue mais precioso, usurpador do throno, Tarquinio devia reinar como tyranno. Tendo tornado odiosa a dignidade real pelos seus excessos e tyrannia, o povo o arrojou do throno com a sua descendencia para nunca mais voltar.

Tarquinio provavelmente teria gosado até o fim de um poder usurpado, se o attentado de Sexto, seu filho, contra a casta Lucrecia não excitasse a mais viva indignação. Junio, por sobrenome Bruto, cujo pai tinha sido uma das victimas do tyranno, de quem elle mesmo não se livrava senão fingindo-se louco, aproveitou-se do momento de vingar-se para quebrar os ferros da patria. A sua eloquencia reanimou o valor dos senadores; o povo, ao nome da liberdade e á vista do cadaver de Lucrecia, que se matára

pelas suas proprias mãos, saiu do seu entorpecimento. Tarquinio e seus filhos foram condemnados a desterro perpetuo, e o governo consular estabelecido segundo os projectos de Servio Tullio; mas bem depressa foi perdendo o seu vigor pelo ciume do povo.

Logo no segundo consulado Valerio Publicola, Consul, celebre pelas suas victorias, fez-se suspeito de querer attentar contra a liberdade. Para satisfazer o povo foi necessario crear a lei que permittia appellar do Senado e dos Consules para o povo em todas as causas, em que se tratasse de castigar um cidadão. Os Tarquinius expulsos de Roma acharam protecção em Porsena, o mais poderoso rei da Etruria, o qual appareceu logo ás portas de Roma. Levada ao maior aperto, e quasi vencida, foi salva pelo valor de Horacio Cocles, que defendeu só a ponte do Tibre, em quanto se trabalhava para a cortar. Os Romanos fizeram prodigios pela sua liberdade: Scevola, mancebo intrepido, passou ao campo inimigo para assassinar o rei, e como apunhalasse outro que se achava na mesma tenda, queimou a mão em um brazeiro por se ter equivocado (*).

(*) Mucio Scevola julgando que tudo era licito para livrar a patria, entrou no campo do Rei Etrusco, e penetrou até a sua propria tenda, onde por acaso se achava o pagador das tropas de Porsena; apunhalou aquelle em lugar do Rei, e sabendo que se tinha enganado, queimou a mão em um brazeiro sem dar o menor signal de soffrimento. Depois declarou a Porsena que muitos cidadãos

Porsena mostrou-se mais generoso; deu liberdade ao assassino, e concluiu a paz com os Romanos, perdendo assim os Tarquínios todas as suas esperanças. Roma que se tinha sabido defender tão bem dos estranhos, esteve em perigo de acabar por si mesma. O ciúme tinha despertado uma nova guerra entre os Patricios e o povo. O poder consular, ainda que modificado já pela lei de Valerio Publicola, assim mesmo parecia excessivo a este povo muito cioso da sua liberdade. No seu furor corre para o monte Aventino; de nada valem as ameaças nem as medidas violentas; o povo não quiz ceder, e para applaca-lo foi necessaria toda a prudencia e condições pacificas de Menenio Agrippa. Compuzeram-se os animos, mas ficando o povo com Tribunos da sua parte, que o podessem defender contra os Consules. O pacto que estabeleceu esta nova magistratura foi chamado lei sagrada, e aqui tiveram o seu principio os Tribunos do povo.

Entretanto Roma derrotava seus inimigos, sem os deixar avistar as suas muralhas, e parecia que não devia ter medo senão de si mesma. Coriolano zeloso Patricio e o maior de seus capitães, desterrado apesar dos seus serviços pela facção do povo, foi offerecer-se aos Volscos

Romanos tinham formado o mesmo projecto: *Obrar e soffrer como heróe*, lhe disse Mucio, *é o caracter romano*. Scevola recebeu grandes honras do Senado; o certo é que Roma formava heróes premiando o valor.

para arruinar a patria, redusindo-a ao ultimo apuro; e o teria conseguido, depois de um apertado cêrco, se a rogos de sua mãe se não tivesse retirado. Os sentimentos da natureza domaram aquella alma orgulhosa. *Roma está salva*, exclamou elle, *porém perdeste o filho*. Coriolano fez a paz (*), e morreu, segundo alguns autores, assassinado pelos Volscos; e segundo outros, padecendo em uma triste velhice, e cheio de saudades da sua patria.

As novas mudanças, que se tinham operado no governo de Roma, não tinham servido senão para engrossar os partidos populares. Roma formada debaixo da autoridade real carecia das leis necessarias para a boa constituição de uma Republica. A reputação da Grecia, mais celebre ainda pelo seu governo do que pelas suas victorias, excitou nos Romanos o desejo de serem governados da mesma sorte. Para isto mandaram deputados a buscar as leis das cidades Gregas, especialmente as de Athenas, mais conformes ao estado da sua Republica. Sobre este modelo dez Magistrados absolutos, que se crearam um anno depois (450 antes de J. C.) debaixo da denominação de Decemviros, redigiram e compilaram as leis das Doze Taboas, que são o fundamento do direito romano.

(*) Em memoria do importante serviço que Veturia, mãe de Coriolano, tinha feito á cidade de Roma, o Senado mandou edificar um templo, dedicado á *Fortuna das mulheres*, no qual unicamente as Damas tinham o privilegio de entrar.

O povo entusiasmado pela equidade com que as ordenaram, lhes deixou usurpar o poder supremo, de que elles abusaram com incrível tyrannia. Houveram por isso grandes levantamentos pelo genio feroso de Apio Claudio, um dos Decemvros, e pela cruel morte de Virginia, que seu pai antes quiz apunhalar pelas suas proprias mãos do que deixa-la entregue á paixão libidinosa de Apio. O sangue d'esta segunda Lucrecia despertou o povo Romano, e o Decemvirato acabou para sempre; restabeleceu-se o Tribunato e o direito de appellação, considerados como os fundamentos das liberdades publicas. Valerio e Horacio foram eleitos Consules, e prohibiram que se creasse Magistratura alguma, da qual não fosse permittido appellar.

A cidade de Veias, que bem pouco lhe faltava para hombraear com a gloria de Roma, depois de um cerco de dez annos, nos quaes correu diversa fortuna, foi tomada pelos Romanos, sendo general Camillo. A sua generosidade lhe grangeou ainda uma segunda conquista: os Faliscos vendo-se em apertado sitio se lhe entregaram, admirados da franqueza com que este general lhes devolveu seus filhos, que a infame traição de um mestre de escola tinha posto em suas mãos. Roma não podia tolerar a infamia nem tirar proveito da perfidia de um vil, que se valeu da obediencia de uma idade innocente para commetter um crime.

Pouco depois os Gallos Senoneses entraram pela Italia e sitiaram Clusium. Os Romanos per-

deram contra elles a famosa batalha de Allia (390 annos antes de J. C.). Os habitantes foram passados á espada, e a cidade queimada. Em quanto os Romanos se defendiam no Capitolio, Camillo, que estava desterrado, reuniu alguns veteranos e veiu em seu soccorro, para remediar o apuro em que se achavam. Os Gallos assim mesmo estiveram sete mezes senhores de Roma, até que por fim se retiraram carregados de despojos, vendo-se obrigados a irem defender o seu proprio paiz accommettido pelos Venetos. Roma foi reedificada em um anno, mas semelhante a uma aldêa, sem alinhamento nem ordem; porque os Romanos em quanto ás artes, em logar de fazerem progressos, tinham declinado desde o estabelecimento da Republica.

No meio das suas conquistas, Roma lutava com os Samnites seus visinhos sem os poder reduzir, apesar do valor e prudencia de Papiro Cursor, o mais illustre dos seus generacs. Os Gallos da Italia, que suas guerras continuas e frequentes victorias tinham feito o terror dos Romanos, foram incitados de novo contra elles pelos Samnites, Brucios e Etrurios. Ao principio alcançaram os Gallos uma grande victoria, mas enxovalharam a sua gloria matando os embaixadores. Os Romanos estimulados por este procedimento marcham de novo contra elles, desfazem-nos, penetram pelas suas terras, tornam a derrota-los duas vezes, sugentam uma parte, e a outra é reduzida a pedir a paz.

Pyrrho, Rei do Epiro, tão valeroso como Ale-

xandre, reduzido a um pequeno reino, não cuidava senão de distinguir-se por meio de atrevidas emprezas, de que esperava grandes utilidades. A sua ambição só se contentava com a conquista da Italia para onde foi chamado pelos Tarentinos. A batalha de Heraclea, onde os Romanos foram vencidos pelo terror que lhes causaram os elephantes de Pyrrho, foi tão sanguinolenta e tão disputada, que o Principe Grego disse a respeito do seu triumpho: *Se alcanço outra victoria como esta, fico perdido.*

Os elephantes de Pyrrho aturdiram á primeira vista os Romanos pela sua novidade; mas o consul Fabricio bem depressa lhes deu a conhecer que o inimigo podia ser vencido. O Rei e o Consul pareciam contender entre si ainda mais na cortesia do que na gloria das armas: Pyrrho entregou ao Consul todos os prisioneiros sem resgate, dizendo que a guerra se devia fazer com o ferro e não com o dinheiro; e Fabricio em paga d'esta bisarria lhe remetteu o seu medico, que atraioçadamente se lhe tinha vindo offerecer para envenenar o seu proprio soberano. Este Principe desejava a paz com um povo tão difficil de vencer, e mandou Cyneas encarregado de tratar das condições; porém o Senado respondeu: que saisse da Italia e depois pedisse a paz.

O Occidente tinha os olhos empregados na guerra de Pyrrho com os Romanos. Emfim este Rei, desbaratado junto a Benevento pelo Consul Curio Dentato foi obrigado a fugir para o Epiro. Pyrrho, seis annos depois do principio da guerra,

abandonou a Italia, e foi tomar a Macedonia a Antigono Gonatas; e levando a guerra até o Peloponeso, foi morto no sitio de Argos. Os Tarentinos que Pyrrho engodava com esperanças, chamaram a si os Carthagineses, depois que o viram morto. Este soccorro lhes foi inutil, porque foram antes desbaratados com os Brucios e Samnites seus alliados. Os Samnites, depois de setenta e dois annos de uma guerra não interrompida, foram obrigados a submeter-se ao jugo dos Romanos.

A Tarento aconteceu o mesmo pouco depois; os povos visinhos não poderam resistir; e por este modo todos os antigos povos da Italia se viram sujeitos. Os Gallos, vencidos por muitas vezes, já não se atreviam a encarar com os Romanos. Foi assim que depois de quatrocentos e oitenta annos de guerra viram-se os Romanos senhores da Italia (*), e começaram a espraiair os olhos pelos negocios do exterior. Entraram em ciume contra os Carthagineses pelas conquistas, que estes faziam na Sicilia, e porque dando soccorro aos Tarentinos, podiam cair sobre elles e sobre a Italia.

Temos atravessado duas grandes epochas da historia Romana: a primeira comprehende a fundação de Roma até a extincção da monarchia em um periodo de duzentos e quarenta e quatro annos; e a segunda desde o estabelecimento da Republica (509 annos antes de J. C.) até a con-

(*) Polyb., L. 1, 2, cap. 1.

clusão da guerra de Pyrrho (275 annos antes de J. C.), abrangendo um periodo de duzentos e trinta e quatro annos. — N'este estado suspendemos por um pouco o fio da narração para dizermos alguma cousa sobre os costumes d'este povo, tão celebre entre os mais bellicosos da antiguidade; a cujos costumes attribuem todos os autores a grande vantagem dos Romanos sobre todos os seus inimigos.

Foram os Romanos no seu começo um povo sem leis e sem costumes, e cuja origem passando por tantas fabulas, ainda assim é bem fraca e miseravel. Romulo foi o primeiro que lhe deu leis, e conteve a sua natural ferocidade. O mesmo Romulo augmentou o numero dos seus subditos abrindo um asilo a todos os ladrões e a todos os facinorosos que quizessem obedecer-lhe. Os Sabinos negaram-lhes mulheres, mas elles roubaram as filhas e as esposas dos Sabinos, e casaram com ellas. Se Romulo tivesse sido um simples aventureiro, a sua cidade teria sido destruida pelos povos visinhos; porém elle tinha idéas politicas, e firmou a sua obra tanto com leis como com as armas.

Numa, que lhe succedeu, serviu-se de um artificio para introduzir os sentimentos religiosos; a Religião foi o movel principal de que o novo Rei lançou mão para sugeitar a obrigações o caracter aspero dos Romanos. Erigindo um altar à *Boa Fé* tornou sagradas as promessas, e instituindo as festas do Deos *Terminus*, fez com que fossem inviolaveis os limites das herdades. A

agricultura foi uma fonte de felicidade e de virtude que Numa abriu para o seu povo; repartindo as terras conquistadas obrigou a todos ao trabalho, e para anima-lo nomeou certos homens encarregados de recompensar a industria e de castigar a preguiça. D'esta arte foi a agricultura tão respeitada entre os Romanos, que do arado passavam aos primeiros cargos; e nunca o Estado foi mais glorioso do que quando, depois do triumpho, se voltava para o arado.

A vida laboriosa traz comsigo a sobriedade; assim é que os Romanos foram nos primeiros tempos sobrios e trabalhadores; circumstancia que os tornava fortes e vigorosos, e por isso aptos para a guerra. O clima suave da Italia e da Grecia concorre tambem muito para que os habitantes d'estes paizes necessitem de menos alimento do que os povos dos paizes septentrionaes. Para comprehender o que acabamos de dizer basta observar que comemos muito mais no inverno do que no verão. Os Romanos contentavam-se com uma só comida substancial por dia; jantavam ás cinco horas da tarde, e tomavam uma simples refeição pela manhã entre as dez e as onze do dia.

As primeiras habitações dos Romanos foram tão simples como todos os seus costumes, e eram feitas de adobes secos ao sol sem nenhuma architectura, nem alinhamento, nem ordem. A primeira legislação se ressentia de seus habitos rudes e crueis; a autoridade do pai sobre os filhos, até poder priva-los da vida, e a do credor sobre

o devedor insolúvel, é a prova mais positiva da rudesza de seus antigos costumes. Este povo marcial não podia supportar a oppressão nem a injustiça; no instante em que a tyrannia pesou sobre elle, arrojou-a de si, desfazendo-se da realesa, que começava a opprimi-lo com a familia dos Tarquínios.

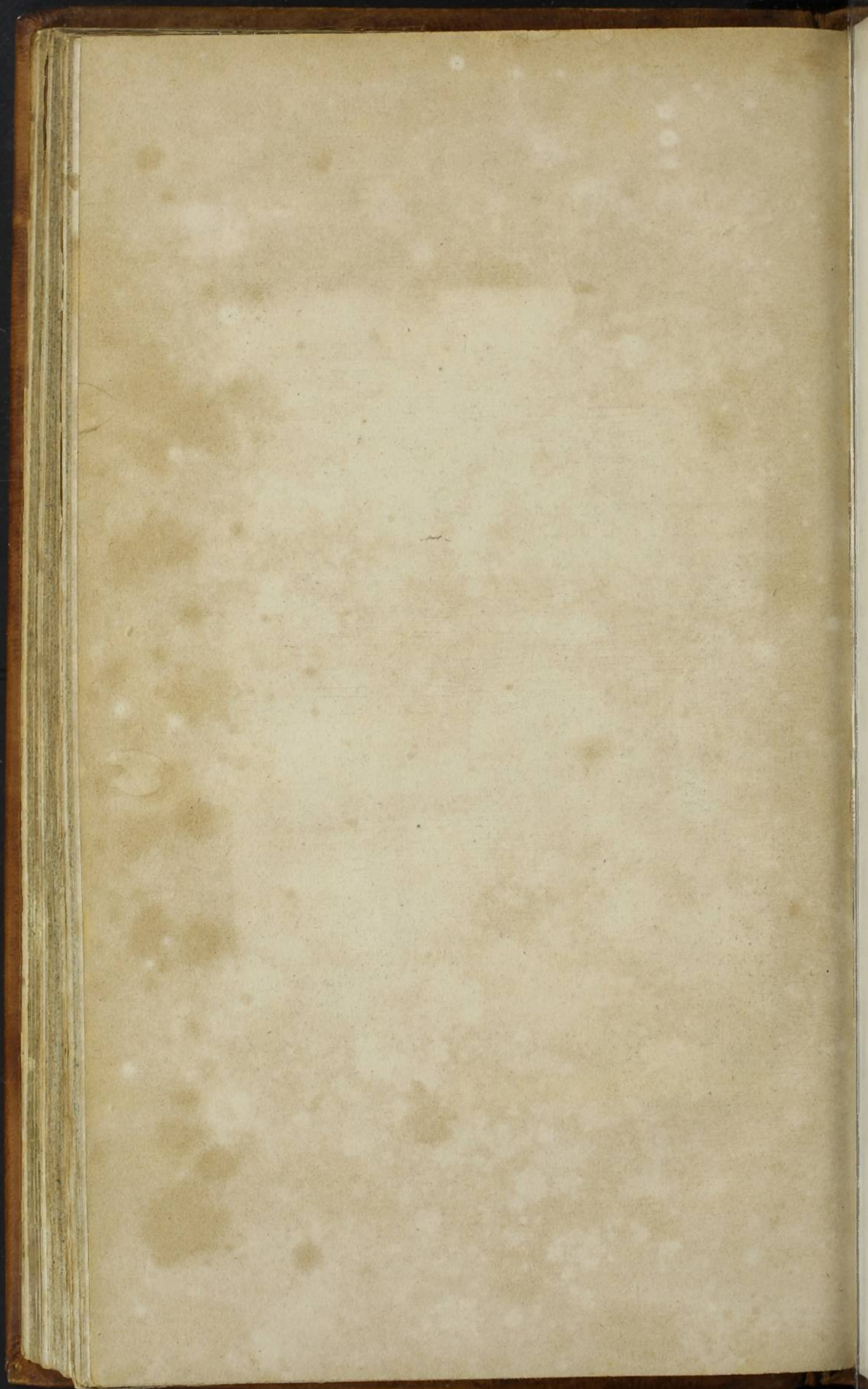
A austeridade dos costumes dos Romanos dependia de duas causas bem notaveis: a primeira consistia, como já dissemos, na sobriedade e no amor do trabalho; a segunda no apêgo aos principios religiosos, de que foram imbuidos por Numa. D'ahi proveiu essa lealdade a toda prova, essa boa fé nos contractos, e sobretudo o compromisso inviolavel da palavra, que fazia com que um Romano se votasse á morte só por não faltar a ella. Citaremos alguns exemplos para provarmos o que temos dito ácerca dos costumes dos primeiros Romanos.

Depois que os Tarquínios foram expulsos de Roma, Bruto foi nomeado Consul. A mocidade Romana, sedusida pelas promessas dos filhos de Tarquinio, tentou restabelece-los no throno; a conjuração foi descoberta, e dois filhos do mesmo Consul acharam-se compromettidos n'ella. Bruto condemnou á morte os conjurados, e quando pensavam todos que o amor paternal faria alguma excepção, elle mesmo mandou cumprir a sentença, e assistiu á execução de seus proprios filhos.

Porsena instigado por Tarquinio appareceu ás portas de Roma; porém a resolução de Horacio



BRUTUS



Cocles impediu que se apoderasse da cidade. — Correndo diversa fortuna propôz elle mesmo a paz, que foi acceita, e Roma lhe enviou alguns refens, entre os quaes uma donzella chamada Clelia, e algumas companheiras mais. Na seguinte noite evadiu-se Clelia com outras donzellas do campo inimigo, e atravessando o Tibre a nado appareceram em Roma; porém o senado mandou-as devolver sem dilacão em cumprimento da sua palavra, e lealdade do tratado. — Porsena admirado tanto do valor de Clelia, como da fidelidade dos Romanos, deu-lhe a liberdade e mandou-a embora com outras suas companheiras, que ella elegeu entre as que tinham vindo de refens.

Morto o Consul Valerio em um assalto dado ao Capitolio, tiraram Cincinnato do arado para o pôr no seu lugar. Depois do seu consulado, Minucio, um dos seus successores, deixou-se cercar pelos Equos. Assim que aquella noticia chegou a Roma, o perigo do exercito obrigou logo a crear um Dictador; a eleição recaiu em Cincinnato. Este illustre lavrador deixa novamente o seu campo, põe-se á frente dos cidadãos, liberta Minucio, subjuga os Equos, renuncia a dictadura, e volta outra vez a conduzir o seu arado, do qual fazia mais caso do que das honras. Quando Cincinnato salvou a Minucio, fez-lhe renunciar o consulado por se ter deixado surprender pelo inimigo. *Tu, ó Minucio, debes aprender a arte da guerra como tenente, antes de mandares as legiões como consul.*

— O amor da pobreza pertencia aos grandes homens; se esta virtude não era muito commum, pelo menos desviava os vícios corruptores; e a disciplina militar, junta com a força do corpo e a valentia, devia fazer invenciveis os Romanos. O Senado enviou a Pyrrho embaixadores para tratar dos resgates dos prisioneiros; o virtuoso Fabricio, pobre entre os honorificos empregos, era da embaixada. — Os offerecimentos de dinheiro, que o Rei lhe fez, serviram só para manifestar o seu desprezo das riquezas (*). Cyncas, embaixador de Pyrrho, veiu a Roma tratar do ajuste da paz; ninguem, nem homens nem mulheres, quiz acceitar os presentes, que elle trazia

(*) Tendo procurado Pyrrho ganhar-se a Fabricio por meio de presentes, e não o tendo conseguido, quiz aterra-lo por um stratagemma. Fez collocar na tenda um enorme elephante encoberto por uma cortina, e assim que acabou de fallar, levantou-se a cortina, e o elephante estendendo a tromba sobre a cabeça de Fabricio, deu um forte bramido: *Hontem, disse o Romano, não me seduziu o vosso ouro, hoje não me aterra o vosso elephante.* Quando Fabricio participou a Pyrrho a traição do seu medico, disse este: *Será mais facil desviar o sol da sua carreira, do que este Romano das vias da integridade.* Pyrrho, que era ao mesmo tempo valente e generoso, não quiz ficar devedor das bisarrias dos Romanos, e permittiu a todos os prisioneiros que fossem a Roma para assistir ás festas, que se deviam fazer n'aquella occasião, com a condição de voltarem depois ao seu campo. Foram com effeito, e acabadas as solemnidades do estilo voltaram todos, porque o senado decretou a pena de morte contra aquelle que faltasse a este solemne ajuste.


em nome do Rei seu amo. Voltando Cyneas a dar conta da sua embaixada, disse ao Rei : *Que Roma lhe parecêra um templo, e o Senado uma assemblea de Reis.*

A severidade da *Censura* não contribuiu menos para a conservação dos costumes, em que essencialmente se fundava a gloria de Roma. Os Censores excluíram do Senado a Cornelio Rufino, que havia sido Dictador, e consul duas vezes, por possuir alguma cousa mais de quinze marcos de prata em sua baixela. Julgar-se-ia que o incorruptivel Curio fosse accusado no mesmo tempo de ter reservado grandes quantias de dinheiro dos despojos da guerra? Curio, afim de se justificar, apresentou um vaso de páu de que se servia para os sacrificios, jurando ser aquelle todo o despojo, que recolhera em sua casa. Depois da derrota de Pyrrho, tendo-lhe offerecido o Senado cincoenta geiras de terra conquistada, Curio respondeu que vivia bem com sete geiras, e que nunca se resolveria a dar um máu exemplo.

Um desinteresse tão nobre excitava a emulação entre os Romanos. Os embaixadores mandados ao Egypto, com o fim de tratar da alliança com Ptolomeo Philadelpho, trouxeram ricos presentes d'aquelle Principe, que depositaram no Thesouro, visto que não puderam esquivar-se de os receber. O Senado agradeceu aos embaixadores o seu procedimento por terem feito d'este modo respeitaveis diante das nações estrangeiras os costumes Romanos. As riquezas na verdade não eram ainda muito conhecidas, pois que em Roma não se

cunhou moeda de prata senão depois da conclusão da guerra de Pyrrho (*).

(*) O que tanto se admira da antiguidade, é hoje para nós um facto mui trivial. — Ainda este anno o Presidente dos Estados-Unidos, M. Van Buren, recusou acceitar os presentes, constando de cavallos e de armas ricamente aparelhadas, que lhe enviara expressamente o Sultão de Muscat, respondendo-lhe que pela Constituição do seu paiz era-lhe prohibido receber presentes de Principes estrangeiros. O Presidente dirigiu uma mensagem ao Congresso, para participar-lhe esta occurrencia, dizendo ao mesmo tempo que lhe parecia prudente modificar esta prohibição no caso em que uma similhante denegação pudesse comprometter as relações de gabinete com algum paiz estrangeiro. (Courrier des États-Unis, 30 de Maio de 1840.) Nós mesmos no Brasil não podemos acceitar emprego, pensão ou condecoração de qualquer paiz estrangeiro sem licença do Imperador; — e a suspeita tão sómente já importou a perda dos direitos politicos a um dos nossos mais distinctos concidadãos.



CAPITULO XXVII.**Roma e Carthago.**

Dissemos no Capitulo XVI, que Carthago tinha sido fundada por uma colonia dos Phenicios, no anno 890 antes de J. C. — Os autores differem na origem que dão a esta celebre cidade, mas alguns concordam em que fôra devedora do seu nascimento á avareza e crueldade de um Principe Phenicio. Pygmalião, Rei de Tyro, tendo mandado matar o esposo de Elisa ou Dido, sua irmã, para se fazer senhor dos grandes bens que possuia, aquella valerosa Princeza fugiu com os thesouros de seu marido, e fundou na ponta mais septentrional da Africa, precisamente onde hoje se acha Tunis, a famosa cidade maritima, que tão afamada foi por seu commercio como por sua ruina (*).

(*) Todas as grandes cidades antigas tiveram origens fabulosas, e Carthago devia contar outro tanto d'esses

A republica de Carthago possuia as duas costas do mar Mediterraneo. Além da costa Africana, quasi toda sua, tinha-se dilatado do lado da Hespanha pelo Estreito. Senhora do mar e do commercio, tinha invadido as ilhas da Corsega e da Sardenha. A Sicilia mal se podia defender, e a Italia era ameaçada de muito perto para se não assustar. D'alli vieram as guerras punicas, apesar dos tratados tão mal observados de uma e outra parte. Não faltava senão um pretexto para o primeiro rompimento entre dois povos rivaes, que se olhavam com ciume desde muito tempo; apresentou-se a occasião tão desejada por ambos, e a guerra começou.

Os Mamertinos, povos originarios da Campania, tinham-se apoderado de Messana na Sicilia (*),

prodigios, com que outras se fizeram celebres n'aquelles tempos de ignorancia e de superstição. Refere Justino, que abordando Dido áquella costa, comprara o terreno em que fundára Carthago; mas como o espaço ajustado devia ser igual a um couro de boi estendido, ella fez cortar em tiras tenuissimas uma grande pelle, com as quaes demarcou os limites da cidade. (*Justino traduzido em Portuguez por F. de Vasconcellos da Cunha; Lisboa 1726.*)

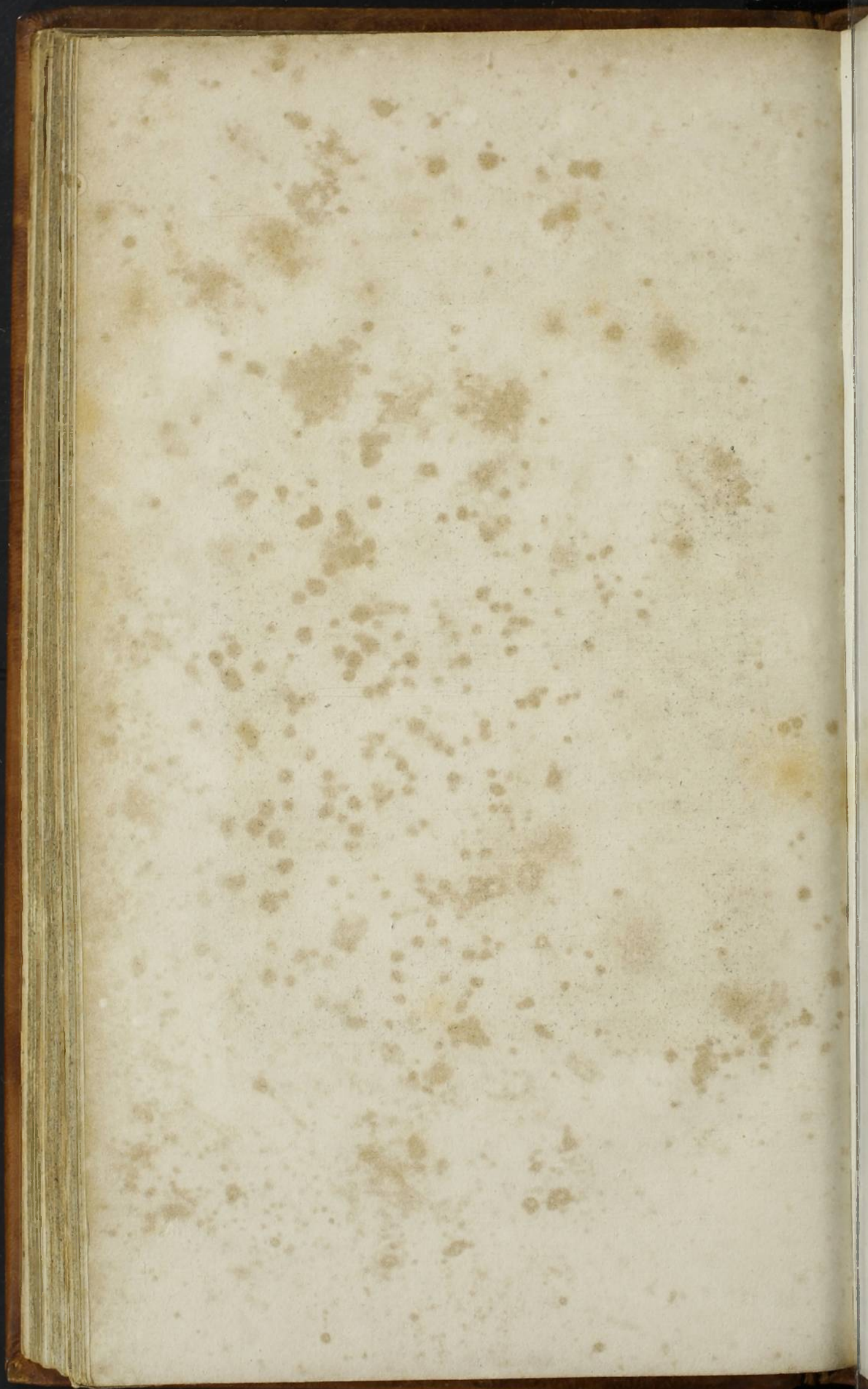
O chão aqui compraram, que do feito
Tem o nome de Byrsa derivado,
Quanto podesse ser largo ou estreito
C'uma tourina pelle rodeado.

(Virg. J. F. Barreto, 1.º C., oit. 85.)

(*) Hoje chama-se Messina; está situada perto do estreito, que separa a Sicilia da Italia. Sobre a costa ha um pharol muito elevad. Ora, como pharol se diz *faro* em italiano, d'ahi veio o chamar-se todo o estreito *Faro de Messina*.



DIDO



por um attentado semelhante áquelle que os Romanos tinham castigado severamente em Rhegio. Hieron os acommetteu; Carthago os soccorreu. Porém temendo os Mamertinos o auxilio dos Carthagineses tanto como as emprezas do Rei de Syracusa, puseram-se debaixo da protecção dos Romanos. A honra não permittia que o Senado se declarasse a favor dos Mamertinos; mas o povo, menos delicado a respeito do decoro, queria uma guerra, de que esperava tirar grandes utilidades. — A vontade do povo fez a lei, e foi assim que começou a luta entre Roma e Carthago, que durou vinte e tres annos, desde o de 264 ao de 241 antes de J. C.

O Consul Apio Claudio passou o estreito com uma pequena frota, derrotou Hieron e os Carthagineses ao mesmo tempo, deixou guarnição em Messina, e voltou cheio de gloria, pois era a primeira vez que os Romanos experimentavam as suas armas fóra do Continente. Hieron por prudencia ou por fraqueza fez um tratado com os Romanos, a fim de salvar os seus Estados. Agrigento, cidade famosa, foi tomada depois de um sitio dilatado; os inimigos foram derrotados, e estes successos deram aos Romanos novas esperanças. Vendo a necessidade que tinham de uma marinha empreendem forma-la, porque os Romanos não tinham frota, que merecesse este nome.

Uma galera Carthaginesa, que havia dado á costa na Italia, lhes serviu de modelo. Trabalharam com tanto esforço que em dois mezes,

segundo refere Polybio, armaram com galeras de cinco ordens de remos, e vinte de tres ordens. Os remadores tinham-se exercitado na borda do mar assentados em bancos, como se tivessem aprendido em chusma nas galés. Comtudo os navios e a manobra dos Romanos não podiam competir no principio com a pratica de um povo, que tinha o imperio do mar. Para alcançar a superioridade era mister achar o meio de combater a pé firme sobre as ondas, e de inutilisar a destreza e a sciencia maritima dos Carthagineses.

O Consul Duilio mandou pois acrescentar a cada galera uma machina chamada *Corvo*, que caindo em um navio inimigo, prendia-o formando uma especie de ponte para a abordagem. Aquella invenção teve todo o successo imaginavel. Duilio derrotou os Carthagineses, matou-lhes sete mil homens, fez sete mil prisioneiros, mettu a pique treze galeras, e tomou oitenta. Nunca os Romanos tiveram uma victoria tão agradavel. — Duilio gosou toda a sua vida de uma honra extraordinaria: quando voltava para casa depois de haver ceado fóra, era precedido por uma tocha acesa, e ao som de musica; honra que se fazia tão sómente aos vencedores no dia da sua entrada solemne.

Em poucos annos as victorias se multiplicam; Corsega e Sardenha cáem em poder dos Romanos. A batalha de Ecnoma, em que os Carthagineses perderam mais de sessenta galeras, collocou os Romanos em estado de acommetter a Africa. Regulo, um dos consules victoriosos, levou a guerra

à costa Africana (*); e tendo-se adiantado até as portas de Carthago offerece ao inimigo umas condições de paz tão intoleraveis, que, apesar do terror que tinha causado a sua marcha, foram despresadas. O mesmo Regulo dizendo: *Que era necessario saber vencer ou sujeitar-se ao vencedor*, tinha alentado novamente o animo dos vencidos por meio da vergonha e da desesperação.

Auxiliares Gregos, pagos pelos Carthagineses, chegaram em uma circumstancia tão critica. O Lacedemonio Xantipo fórma as tropas, ensina-lhes a arte militar, acostuma os soldados á disciplina, e enche-os de ardor e confiança. Xantipo acommette então o presumido Regulo; o qual julgando-se invencivel, nenhuma cautela tomava para vencer. Os Romanos foram batidos e o seu general prisioneiro. Exemplo muito proprio, conforme a reflexão de Polybio, para confiar menos em nós, e sermos mais prudentes. Depois d'este revez, Roma duplica os seus esforços, e continua com vigor uma guerra, cujos primeiros successos não podiam desvanecer-se; mas as tempestades e os naufragios destruíram a frota Romana.

O imperio do mar porém dava grande superioridade ao inimigo, e para contrasta-la os Romanos trabalharam com ancia para armar uma

(*) No principio do sitio de Lilybea era o dinheiro tão raro, que um alqueire de trigo em Roma custava apenas um *asse*, a decima parte do *dinheiro* ou da *drachma*. Pelo mesmo preço tinha-se um *congio* de vinho, que vem a ser mais de tres canadas: doze arrateis de carne, dez libras de azeite, &c. (Plin., Liv. 17, cap. 3.)

nova frota. Antes de sair ao mar, o Pro-Consul Metello alcançou junto a Panormia (hoje Palermo) uma completa victoria. Sessenta elephantes ornaram o seu triumpho; foi um novo espectaculo para os Romanos. Finalmente a frota saiu e foi bloquear Lilybea, a praça mais forte que tinham os Carthagineses na Sicilia, onde obteve vantagens em varios encontros parciaes. Por este tempo enviaram os Carthagineses a Roma embaixadores para propôr a paz com a troca dos prisioneiros. Se é necessario dar credito a muitos historiadores, apesar do silencio de Polybio, o mesmo Regulo acompanhou a embaixada; e chegando a Roma persuadiu que se não accitasse a paz, voltando para Carthago em virtude do seu juramento a soffrer o supplicio mais horroroso, apesar das supplicas da sua familia e das instancias do Senado, para que se não expuzesse. Os Romanos para vingarem a sua morte entregaram os principaes prisioneiros ao furor da sua mulher e filhos, os quaes não se mostraram menos barbaros que os Carthagineses, porque n'aquelles tempos a ferocidade confundia-se com a propria virtude.

Ambos os povos, no espaço de nove annos, que durou o sitio de Lilybea, serviram-se de todos os seus recursos. Claudio Pulcher, Consul orgulhoso e imprudente, acommettendo os Carthagineses no porto de Drepano, perdeu a frota de Roma, que foi destruida por Adherbal. Outras muitas desgraças, como tempestades e naufragios, anniquilaram a marinha. O zelo porém dos cida-

dãos suppriu a falta do thesouro (*). Todos conforme as suas posses contribuíram para um novo armamento, e depressa se prepararam duzentas galeras de cinco ordens de remos. O Consul Lutacio destruiu a frota de Hannon, derrotou depois Amilcar Barcas, pai do grande Annibal, obrigou os Carthagineses a pedirem a paz, e dictou-lhes as condições imperiosamente.

Estipulou-se que os Carthagineses evacuariam toda a Sicilia: que pagariam aos Romanos dois mil duzentos talentos (tres e meio milhões de cruzados): que entregariam sem resgate os prisioneiros e fugitivos, e finalmente que não fariam a guerra a Hieron nem aos seus alliados. O povo Romano confirmou aquelle tratado, obrigando além d'isso os Carthagineses a abandonarem todas as ilhas situadas entre a Sicilia e a Italia. A Sicilia, excepto o reino de Syracuse, foi declarada *Provincia* dos Romanos. D'este modo em vinte tres para vinte quatro annos de guerra successiva (porque o tratado foi feito no anno 241 antes de J. C.), Roma, sem riquezas e sem marinha, deu leis á opulenta Carthago. Uma constancia inflexivel nas resoluções, uma paixão decidida pela gloria, o continuado costume dos combates, e a exacta severidade da disciplina determinaram a fortuna a declarar-se em favor dos Romanos.

O orgulho de Roma chegou a um ponto que

(*) Foi n'essa occasião que o exercito romano teve de combater aquella prodigiosa serpente, contra a qual foi mister empregar as machinas de guerra.

se fez intoleravel; desvanecida pela superioridade que havia obtido sobre sua rival, não respeitou mais tratado algum. Em quanto Carthago se achava a braços com a discordia intestina, apoderaram-se os Romanos da Sardenha e da Corsega; e quando os Carthagineses reclamaram contra esta usurpação, não sómente foram ameaçados com a guerra, como ainda foram obrigados a indemnizarem os invasores de todos os gastos, que tinha occasionado aquella occupação sacrilega. Carthago, não podendo vingar-se n'aquelle momento, teve que ceder. Uma paz geral permitiu fechar o templo de Jano, que tinha estado aberto desde o reinado de Numa, porém só por poucos mezes, porque a guerra era o elemento dos Romanos.

Os Carthagineses não estiveram muito tempo sem reparar as suas perdas por meio de novas conquistas na Hespanha, até onde Amilcar levara a guerra, depois de ter feito jurar a Annibal, seu filho, de idade de nove annos, odio irreconciliavel aos Romanos. Amilcar no espaço de poucos annos dilatou muito por aquella terra o dominio de Carthago, a qual extraía de Hespanha thesouros immensos. Asdrubal seu genro succedeu-lhe no mando, seguiu os seus passos, fundou Carthagea sobre a costa do Mediterraneo, e augmentou um poder, cujos progressos deviam inquietar sobremaneira a soberba Roma. Morto Asdrubal, foi seu successor Annibal, implacavel inimigo de Roma.

Annibal, de idade de vinte e cinco annos, já

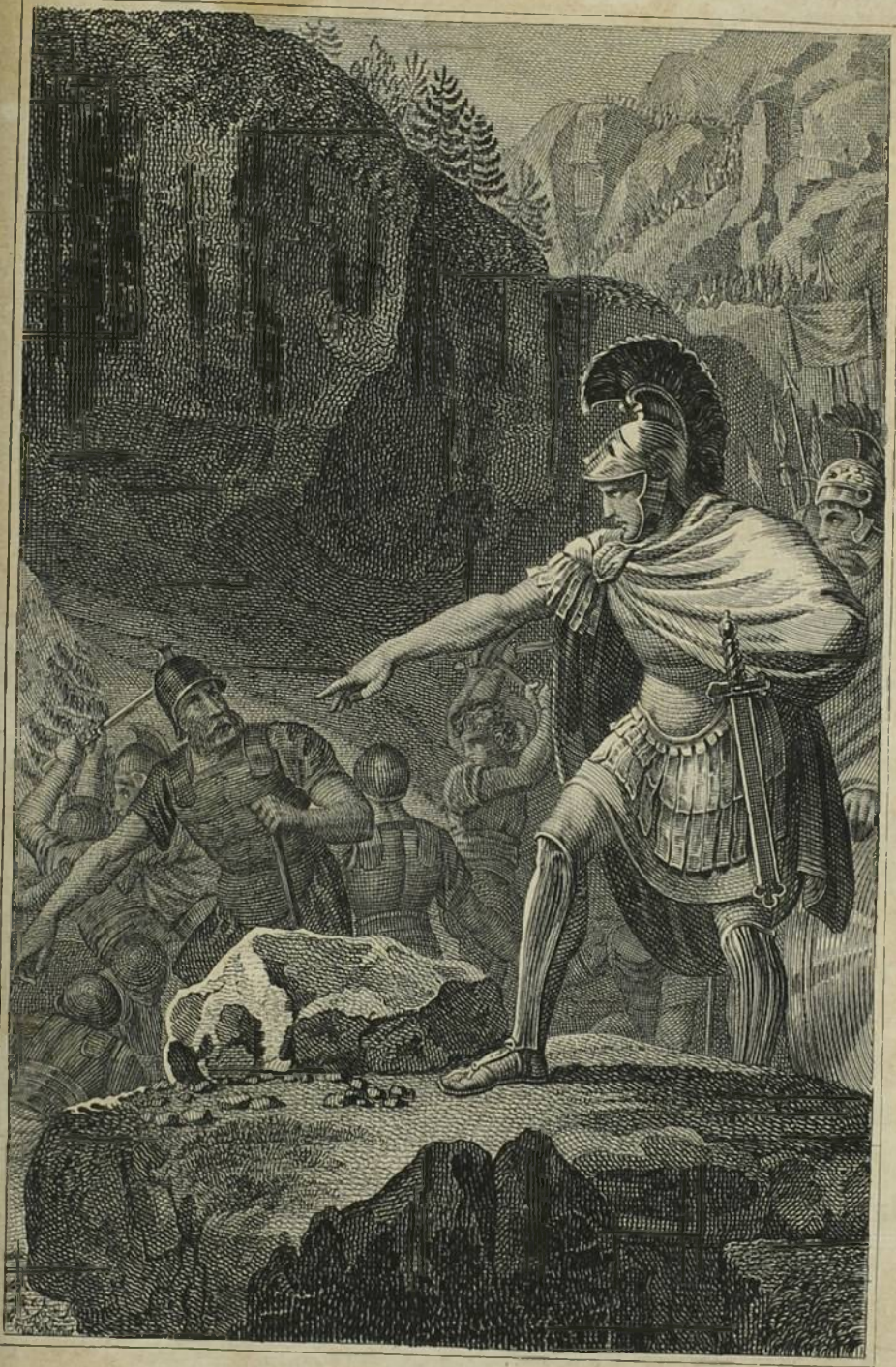
unia a prudencia com a heroicidade. Os soldados o adoravam porque era ao mesmo tempo o seu modelo e o seu bemfeitor. Sobrio, vigilante, incansavel, familiarizado com os trabalhos, não dando ao somno senão o tempo em que podia respirar depois dos negocios, dormindo algumas vezes pelo chão entre as sentinellas, recompensava liberalmente em os outros as acções e virtudes militares, das quaes elle mesmo parecia fazer as suas delicias; e para desgraça dos Romanos, Annibal possuia os talentos de uma politica artificiosa, como se já fosse um completo general. —

Posto que o partido, de que seu pai tinha sido chefe, dominasse em Carthago, Annibal não quiz emprender cousa alguma sem approvação da Republica. Queixando-se dos Saguntinos pelos seus emissarios, e tornando os Romanos odiosos e suspeitos, alcançou pleno poder de obrar a respeito de Sagunto, como julgasse conveniente aos interesses de Carthago. Sagunto sitiada implora o soccorro de Roma; e como nada obtivessem os Saguntinos por meio dos seus embaixadores, vendo-se redusidos á ultima extremidade depois de sete mezes de sitio, queimam quanto tem de mais precioso, lançam fogo á cidade, e com suas mulheres e filhos perecem no meio das chammas. — Os que escaparam do incendio foram passados ao fio da espada pelos Carthagineses.

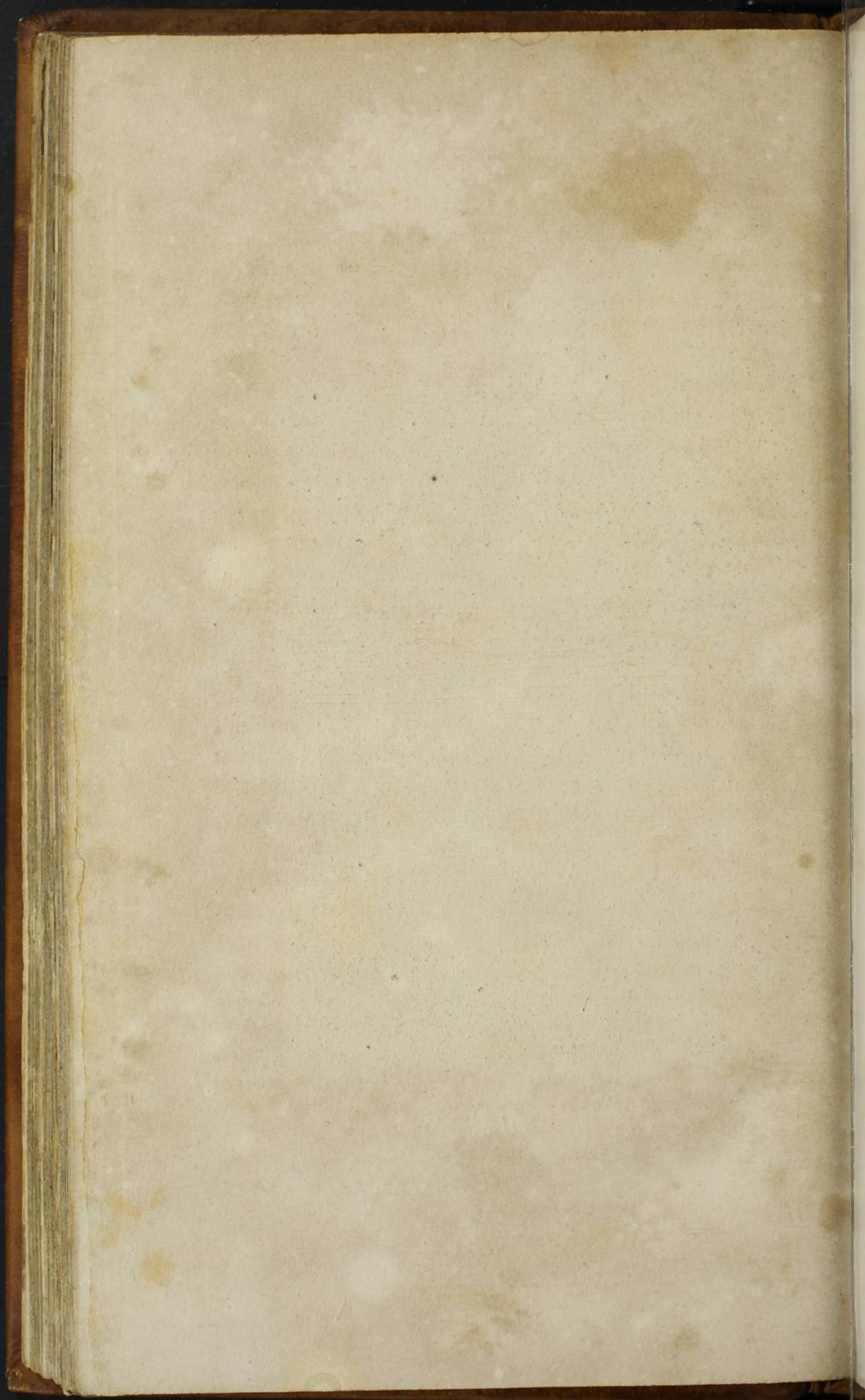
Roma logo se arrependeu de não haver soccorrido alliados tão fieis, e preparando-se para a guerra mandou uma embaixada a Carthago, afim de pedir rasão de uma empresa contraria

aos tratados e ao direito das gentes. Em logar de entregar Annibal, como os Romanos pretendiam, o Senado justificou o sitio de Sagunto com o proprio exemplo de Roma. Fabio, chefe d'aquella embaixada, sem entrar em superfluas discussões, envolvendo-se no seu manto, disse com soberba arrogancia: *Trago aqui commigo a paz ou a guerra, escolhei.* O chefe do Senado com um tom tambem altivo lhe declarou, que elle mesmo podia eleger. *Ahi tendes a guerra,* replicou Fabio desembuçando-se. O partido Barquense a desejava; a guerra foi pois acceita voluntariamente. Novo incendio se ateou entre Roma e Carthago, que durou por espaço de dezaseis annos, desde 218 a 202 antes de J. C.

N'este estado era de Annibal que tudo dependia. Os Romanos esperavam o primeiro ataque por mar, e buscaram ao mesmo tempo alliciar os Hespanhoes e os Gallos contra os Carthagineses; mas os seus embaixadores acharam por toda a parte grandes prevenções contra a Republica. Entretanto, Annibal preparava-se para ir fazer a guerra na Italia. Nunca maior empresa foi concertada com mais valor nem com tanta prudencia. A passagem do Ebro e dos Pyreneos, por onde gloriosamente deu principio a sua empresa, não é nada em comparação da passagem do Rhodano e dos Alpes. Scipião, com a noticia da sua marcha, tinha chegado com toda a diligencia a Marselha, resolvido a combater na Gallia; porém, enganado pela promptidão do inimigo, não o pôde encontrar, nem impedir de passar o Rhodano. —



HANNIBAL



Annibal tendo até alli salvado os seus elephantes, chega ás faldas dos Alpes no mez de Outubro; acha-os cobertos de gelo, e guardados por uns montanhezes ferozes, que podiam destruir as suas melhores tropas ás pedradas. Nada o amedronta porque todos os obstaculos estavam previstos; passa os Alpes em quinze dias com infinito trabalho, e chega finalmente ao bello paiz, que propunha aos seus soldados, como a recompensa dos seus immensos soffrimentos. Havia cinco mezes e meio que Annibal tinha partido de Carthagera á frente de cincoenta mil homens de infantaria, e de vinte mil cavallos, dos quaes não conservava senão vinte mil infantes e dois mil cavalleiros (*).

Depois de haver dado algum descanso ás suas tropas, quiz Annibal assignalar-se por meio de alguma empresa, que levasse ao longe a fama do seu nome, e infundisse o terror das suas armas: a tomada de Turim foi o seu preludio. Scipião tinha vindo promptamente soccorrer a Italia. Este Consul encontrando-se com os Carthagineses além do Tesino, acceita o combate e

(*) Esta marcha de quasi 400 leguas, por entre innumeraveis obstaculos, deve-se contar entre as proezas dos mais famosos conquistadores. A relação, que Polybio nos deixou de semelhante marcha, é admiravel, posto que n'ella se não encontrem as maravilhas nem a pompa de Tito Livio. O vinagre com o qual este autor faz dissolver os rochedos dos Alpes, é muito semelhante ás quimeras de Herodoto. Quanto vinagre não seria necessario para semelhante empresa!!

fica ferido : a sua cavallaria foge, julgando-o morto, e Scipião torna a passar o Pó perseguido por Annibal. Os Gallos o abandonaram, e passaram para o inimigo; Sempronio, vão e presumido, sendo chamado da Sicilia, julgou que podia vencer os Carthagineses sem a coadjuvação do seu collega, que ainda estava impossibilitado por causa da ferida que recebera no primeiro combate.

Sempronio, apesar das admoestações de Scipião, tomou taes medidas, tão fóra de logar e tempo, como adverte Polybio, que ambos os exercitos consulares foram derrotados na margem do Trebia. Sempronio, desde o principio da acção atraído por uma astucia de Annibal, tinha passado aquelle rio apesar da neve que caía. Os soldados Romanos enregelados e famintos apenas podiam soste as armas, ao mesmo tempo que os Carthagineses estavam armados contra os rigores da estação e da fadiga. Podia-se prognosticar o successo á vista de um erro tão crasso em estrategia.

O vencedor tenta então passar o monte Apennino, onde experimentou uma horrorosa tempestade, quasi tão funesta como as que passara nos Alpes; perde muita gente a pé e a cavallo, e sete dos poucos elephantes que lhe restavam. Ao sair do monte teve ainda outra refrega com Sempronio, mas sem victoria decisiva; e penetrando pela Etruria encontra o rio Arno fóra de margens por uma inundação espantosa. As suas tropas estiveram com agua pelos joelhos por es-

paço de quatro dias e quatro noites; Annibal, montado no unico elephante que lhe ficára, apenas pôde tirar-se do lodo, onde esteve em risco de perecer, e a final perdeu um olho por causa de um defluxo occasionado pela intemperie e pela fadiga.

Um novo Consul, indigno de mandar, o temerario Flaminio, appresenta-se para augmentar a gloria de Annibal. Offendendo a superstição romana, com um despreso arrogante dos auspicios, procura impaciente os Carthagineses, até que dando em uma emboscada junto ao lago Trasimeno soffreu completa derrota. Sómente seis mil Romanos escaparam da mortandade para se renderem no outro dia; quatro mil mais que vinham reforçar o exercito de Flaminio, foram tambem batidos e prisioneiros. Annibal parecia dominar a fortuna. Sempre afavel e generoso tratava com grande humanidade os alliados dos Romanos, restituindo seus prisioneiros sem resgate, a fim de os atrair ao seu partido. D'este modo marchava sobre Roma, apoderando-se de todos os paizes visinhos, quando um novo competidor veiu tolher-lhe o passo.

O Senado via com surpresa o triumpho dos Carthagineses, e receioso de suas funestas consequencias nomeou a Fabio general e dictador, em cuja prudencia todos confiavam. O povo porém nomeou general da cavallaria a Minucio, má eleição que realçou o merecimento do dictador. Fabio não se deixou illudir pelas astucias de Annibal; fez guardar todas as montanhas e desfiladeiros, e resolveu prudentemente deixar con-

sumir-se o inimigo por falta de viveres. N'essas marchas e contramarchas, evitando o combate, cançou o inimigo, e quasi esteve a ponto de se apoderar do ardiloso Carthaginez; mas esgotou tambem a paciencia dos seus soldados, que começaram a chama-lo *vagoroso* (cunctator), alcunha que elle adoptou mais tarde como um titulo de gloria.

Fabio occupando sempre o alto das montanhas evitava o combate, que Annibal desejava apresentar-lhe. Entretanto achou-se o Carthaginez encerrado em um valle, cujas avenidas estavam perfeitamente guardadas pelos Romanos. O caso era bem difficil, mas o genio de Annibal lhe proporcionou ainda um meio de escapar-se; fez prender aos chifres de dois mil bois grandes fachos, e quando chegou a noite, fê-los acender, e mandou dirigir a manada sobre todos os pontos tomados pelos Romanos. Esta illuminação inesperada os aturdiu, porque julgaram que era todo o exercito Carthaginez, que se punha em movimento em todas as direcções; e d'esta confusão aproveitou-se Annibal para sair d'aquella penosa situação.

Minucio tão intrepido, quanto Fabio era prudente, tratou de desacredita-lo como timido, e até chegou a excitar nos soldados a suspeita de que Fabio entretinha com Annibal criminosa intelligencia; só porque passando este pelas terras do Dictador tinha dado ordem para as poupar, talvez mesmo com o objecto de o tornar suspeito. Em consequencia de um pequeno encontro com

os Carthagineses, cuja vantagem ficou da parte de Minucio, foi a autoridade do mando dividida entre Fabio e o seu general de cavallaria; Fabio entregou logo a metade das tropas áquelle temerario. Apenas Minucio se achou livre de alheia autoridade, deixou as eminencias, e foi cair nas ciladas de Annibal, das quaes nem um só homem se teria escapado, se Fabio não voasse em seu auxilio.

Annibal tinha cercado a Minucio quando Fabio por uma manobra atrevida o veiu tirar d'este apuro; foram então os Carthagineses que bateram em retirada. Minucio envergonhado dirigiu-se aos seus soldados e lhes disse: « Amigos! aquelle que dá um bom conselho deve ter o primeiro logar, e aquelle que o segue o segundo; porém aquelle que não sabe dar nem seguir um bom conselho merece o desprezo geral. Fabio nos salvou, vamos a render-lhe graças como nosso libertador; fique-nos ao menos a gloria de termos corações agradecidos. » Então Minucio depôz a sua autoridade nas mãos do Dictador, e ficou debaixo do seu commando. — Todos se abraçaram cordialmente, e este dia que, poucas horas antes, parecia de luto e de maldição, tornou-se de jubilo e de festa para todos.

No seguinte anno (216 antes de J. C.) os Romanos elegeram dois generaes de caracteres tão oppostos, que isto só bastava para tornar quasi nullo o mando do exercito; tanto assim que Annibal não desejava outra cousa senão encontrar-se com o inimigo. Dois generaes, tendo cada

um igual autoridade e principios contrarios, e mandando alternadamente, são duas cabeças que querem conduzir o mesmo corpo para logares oppostos. Os dois generaes Romanos eram: Varrão, audaz e inconsiderado, e Emilio, que gosava da reputação de bom capitão; ambos mandavam um poderoso exercito, que teria sido invencivel dirigido por Emilio unicamente, mas que soffreu completa derrota em Cannas na Apulha pela temeridade de Varrão.

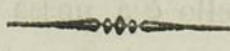
Os Romanos cercados por uma manobra de Annibal soffreram tão horroroso destroço, que depois de tres horas de matança já se empenhava o general Carthaginez exclamando pela conservação dos vencidos. O Consul Emilio perdeu a vida juntamente com cerca de quarenta mil homens, dos quaes mais de tres mil eram cavalheiros Romanos. Varrão fugiu para Venusa acompanhado de uma pequena escolta de cavallaria. A consternação, quando se soube em Roma de semelhante desastre, foi tão grande, que prohibiu-se ás mulheres o saírem á rua, porque os seus alaridos augmentavam o terror e a perturbação. Annibal apoderou-se de toda a Italia inferior; e se tivesse recebido os auxilios que pedia a Carthago, Roma teria succumbido ás armas victoriosas dos Carthaginezes.

Porém as mesmas victorias tinham esgotado as forças do exercito de Annibal, em quanto os Romanos faziam todo o genero de sacrificios para recuperar as que tinham perdido. Aquelles que arguem o vencedor de não ter sabido aproveitar-se

da victoria sitiando Roma, nada reflectem sobre os obstaculos, que teria encontrado no caracter pertinaz do povo Romano. Annibal achava-se em uma posição melindrosa, ao passo que seus emulos em Carthago lhe faziam a mais cruel opposição. Em logar dos auxilios que elle pedia, responderam-lhe: « Que se tinha alcançado victorias tão decisivas, não precisava de soccorros, e que se enganava o Senado com falsas relações, então não os merecia. »

Entretanto Varrão tinha conseguido reunir dez mil homens das reliquias do exercito, e voltando para Roma, o Senado foi ao seu encontro e lhe agradeceu solemnemente *o não ter perdido a confiança na Republica*. Os Senadores levaram para o thesouro todo o seu dinheiro; os cavalheiros e todas as tribus fizeram o mesmo. Alistou-se a mocidade capaz de levar armas: armaram-se oito mil escravos (*), e prohibiu-se todo o resgate de prisioneiros afim de conservar as rendas do Estado, ou de animar a tropa a não deixar-se cair em poder do inimigo. Levantaram-se na cidade quatro legiões, e dez mil cavallos, e os alliados concorreram com todas as tropas, que se lhes pediu. O seguinte capitulo mostrará qual foi o desenlace d'este drama.

(*) Antes de se alistarem perguntava-se-lhes, se queriam servir. Elles respondiam *volo* (eu quero), d'onde lhes veio o nome que lhes deram de *volones*. Esta pergunta não se fazia aos cidadãos, porque eram todos obrigados ao serviço militar.



CAPITULO XXVIII.**Conquista da Sicilia. Destruição de Carthago, de Corintho e de Numancia.**

Annibal, emquanto passava o inverno em Capua, tratou de fazer allianças com a Macedonia e com a Sicilia afim de obter os auxilios, que lhe negava Carthago; porém Felippe, Rei da Macedonia, tendo-se appresentado na grande Grecia, foi batido por Livinio e tornou a embarcar-se. O mesmo Annibal teve de retirar-se da Sicilia fugindo de Marcello (*), que depois se immortalizou pelo sitio de Syracuse, um dos maiores feitos d'aquella guerra. Hieron, fiel alliado dos Romanos, acabava de expirar em uma idade muito avançada; Hyeronimo, seu neto e successor, seguiu outro partido, e uniu-se com

(*) Os Romanos costumavam dizer: Fabio é o nosso escudo, porém Marcello é a nossa espada.

os Carthagineses; apesar de ter sido morto por seus proprios subditos, ainda assim os Syracusanos declararam-se contra Roma. Marcello tenta subjuga-los e põe sitio a Syracusa.

Esta cidade tinha resistido aos Athenienses, e por isso havia adquirido certa reputação que não queria desmentir. O illustre Archimedes, parente dos ultimos Reis, e o maior geometra do seu seculo, fazia a conquista mais difficultosa do que no tempo de Alcibiades. O prodigioso effeito das suas machinas, levantando pesos enormes e arrojando-os sobre as galeras inimigas, obrigou Marcello a mudar o bloqueio em sitio, depois de extraordinarios porém inuteis esforços. Alguns autores accrescentam que, com certos espelhos ardentes, chegou a incendiar desde as muralhas a frota Romana (*). O certo é que Marcello cui-

(*) Com effeito, cerca de dois mil annos passou por uma fabula ardeiramente inventada, a queima da esquadra de Marcello por Archimedes; muito principalmente porque nem Polybio, nem Tito Livio, nem Plutarco, dizem uma palavra sobre os espelhos *ustorios*. Entretanto a meiado do seculo passado se provou evidentemente a possibilidade do facto, e neste seculo já não é possível duvidar da realidade.—Os espelhos ardentes ou *ustorios* são instrumentos que tem uma superficie concava e polida, pela qual são reflectidos os raios do sol reunidos em um ponto. Assim é que os objectos feridos por este ponto ardentesão logo inflammados ou derretidos. Estes espelhos podem ser feitos de quasi todos os metaes á excepção do estanho e do chumbo, como tambem de cristal, de madeira forte, e até de cartão. Novas experiencias tem demonstrado que não é impossivel o facto do incendio

dava da retirada, quando lhe asseveraram que a cidade podia ser assaltada pelas muralhas; com effeito tentou-se o assalto de noite, e Syracusa foi rendida no anno 210 antes de J. C.

Marcello tinha ordenado que se poupasse a vida de Archimedes. Um soldado entra em casa do Geometra, quando este ainda ignorava que a sua patria estava já em poder dos Romanos, e sobre uma meza riscava figuras mathematicas para calcular os seus effeitos; distraído pelo soldado que lhe exigia o seu thesouro, Archimedes conjurou-o que o deixasse acabar aquelle calculo; mas o soldado que não entendia de similhantes negativas, traspassou-o com a espada sem lhe perguntar o seu nome. Dizem que Marcello, magoado por este accidente, honrara a memoria d'este grande homem, cuja capacidade sustentou por tres annos o apertado sitio dos Romanos. Desde então ficou

da esquadra de Marcello; porque Buffon abrazou uma trave na distancia de 200 pés do fóco, derreteu estanho a 150 pés, chumbo a 130, e prata a 60. — O espelho ustorio mais famoso é aquelle que fabricou em 1687 o Barão de Tschirnhausen, com um diametro de quasi quatro pés e meio; é feito de cobre. O Barão queimava por meio deste instrumento a madeira dentro d'agua, cosia ovos, tornava os adobes em vidro; e era tal a potencia do seu fóco, que o diamante perdia nelle a sua duresa. Este espelho acha-se actualmente em Dresde. Se dermos credito a todas as relações exaggeradas, que enchem a historia do Baixo Imperio, veremos tambem que no anno 513 a frota de Vitelliano foi queimada em frente de Constantinopla por Proclo com um espelho ustorio feito de bronze.

sendo Syracuse, juntamente com o resto da Sicilia, uma provincia de Roma.

Os Romanos atacaram Capua e a tomaram, assim como a Tarento; emquanto Annibal para fazer uma diversão emprende o sitio de Roma. A guerra em Hespanha não era menos viva; depois de muitas victorias que já tinham alcançado os dois Scipiões, foram estes mortos por se haverem separado. Comtudo a perda d'estes dois generaes (Publio e Cneo) parecia irreparavel, quando o grande Publio Scipião, filho do primeiro, se offereceu para continuar a guerra, não tendo mais de vinte e quatro annos de idade. Com effeito, chega a seu destino, restabelece a disciplina, attaca e toma Carthagená em um só dia, e occupa toda a Hespanha, onde reuniu muitos alliados por seu nobre desinteresse e grande prudencia (*).

Os Carthagineses resolveram por fim enviar soccorros a Annibal; Asdrubal, seu irmão, tinha já passado os Alpes com um grande exercito, quando foi batido e morto; cujo successo dissipou todos os reccios da Republica Romana. Uma manhã lançaram dentro das trincheiras de Annibal uma cabeça: era a de seu irmão. Carthago!

(*) O Pro-Consul augmentou a sua gloria por meio do maior exemplo de virtude. Sendo conduzida á sua presença uma cativa, moça de singular belleza, Scipião enamorou-se della; porém sabendo que se achava desposada com um dos Principes daquella terra, entregou-a ao seu esposo sem nenhum resgate; cujo procedimento lhe atraiu muitos alliados.

vejo agora qual será o teu destino! exclamou o Carthaginez. Annibal concentrava-se ainda mais na baixa Italia, enquanto os Romanos se apoderavam de suas conquistas na Hespanha. Scipião propôz então ir fazer a guerra em Africa. O Senado persuadido de suas rasões, apesar da opposição de Fabio, deu-lhe o governo da Sicilia, permittindo-lhe passar á Africa, se assim julgasse util.

Um anno se passou em preparativos, até que recebeu ordem de executar a empresa. Apenas Scipião chegou ao Continente e alcançou uma vantagem contra os Carthagineses, Massinissa se declarou a favor dos Romanos. Sifax, outro Rei Numida, declara-se contra os Romanos; mas foi derrotado em varios encontros, e por fim morto. Scipião batia já ás portas de Carthago, depois de haver destroçado Asdrubal, general Carthaginez, quando Annibal, chamado da Italia, chegou á costa d'Africa, e recebeu ordem de atacar os Romanos. Porém Annibal logo conheceu a superioridade do inimigo, e quiz ver se obtinha a paz por meio de uma entrevista que pediu a Scipião. Os dois maiores generaes do seu tempo entraram em uma conferencia, da qual se separaram sem outro resultado mais do que a certeza de um inevitavel combate.

A celebre batalha de Zama devia decidir da sorte de ambas as nações. Os auxiliares de Carthago foram os primeiros que fugiram; porém já Scipião começava a perder a esperança de romper a phalange Carthaginesa, que Annibal

formára dos seus veteranos, quando Lelio e Massinissa voltando da perseguição dos fugitivos, a accometteram pela retaguarda, e completaram a victoria. Os inimigos perderam quarenta mil homens entre mortos e prisioneiros, e os Romanos sómente dois mil. Annibal pôde apenas salvar-se a muito custo. A cavallaria Numida ou Hespanhola era muito superior á Romana, e por isso os Carthagineses com ella tinham sempre obtido grandes victorias; porém com a alliança de Massinissa os Romanos tinham ganho a mesma vantagem, e repararam a sua desigualdade.

O terror que Roma experimentou depois da batalha de Cannas, experimentou Carthago depois da batalha de Zama. O mesmo Annibal declarou, que o unico recurso que havia era a paz, e Scipião a desejava, temendo que qualquer Consul lhe tirasse a gloria de haver terminado a guerra. Todavia Carthago devia receber a lei do vencedor, e assim aconteceu, impondo-lhe Scipião as seguintes condições: « Os Carthagineses conservarão as suas leis, e tudo quanto possuíam em Africa antes da guerra; porém Roma ficará com a Hespanha e com as ilhas do Mediterraneo. Os Carthagineses entregarão os prisioneiros e os desertores, os seus elephantes, e todas as suas náus de guerra, excepto dez galeras de tres ordens de remos. Não poderão fazer a guerra, nem em Africa nem em outra qualquer parte, sem o consentimento do povo Romano. Pagarão dez mil talentos no espaço de cincoenta annos. Entregarão a Massinissa tudo quanto lhe tomaram

ou aos seus antepassados. Darão cem refens, á eleição de Scipião, para segurança da sua fidelidade. »

Quinhentas náus Carthaginesas entregues a Scipião, e queimadas a vista de Carthago; aquelle maritime poder reduzido a dez galeras pequenas; todos os cidadãos fintados para pagar um vergonhoso tributo; o soberbo Annibal obrigado a subscrever o aviltamento da sua patria; e a lembrança das antigas victorias suffocada pelos recentes desastres, foram o fructo da segunda guerra punica. Roma augmentando o seu imperio crescia tambem em soberba. Roma recebeu com enthusiasmo o vencedor; o seu triumpho foi magnifico. O sobrenome de *Africano* era para Scipião a recompensa mais gloriosa.

Antioco o Grande, Rei da Syria, e quinto successor de Seleuco, foi o inimigo que os Etolios suscitavam contra os Romanos. Annibal perseguido pela inquieta ambição de Roma tinha-se refugiado na sua côrte, porque Roma tinha exigido que Carthago lhe entregasse aquelle heróc, em quanto trabalhava em reformar os abusos, e em reparar as infelicidades da sua patria. Talvez Annibal teria vingado Carthago, se Antioco tivesse n'elle a confiança de que era digno. O conselho de fazer a guerra na Italia, junto com o Rei de Macedonia, era a unica maneira de obter um exito feliz, porém foi despresado o conselho de Annibal, e o resultado justificou a sua previsão.

Tão grande foi o vigor que os Etolios mostraram desde o principio da guerra, quanta foi a inercia

e a mollesa do soberbo Antioco, que preso de amores por uma donzella de Chalsis, logo se esqueceu do objecto da sua expedição. Prevenido pelos Romanos, foi derrotado junto ao desfiladeiro das Thermopylas por Acilio; Antioco salva-se com quinhentos homens, e os Etolios perdem Heraclea, sua capital, depois de uma vigorosa defeza. Finalmente sitiados em Naupacta, os Etolios pediram e obtiveram uma tregoa para se sujeitarem a Roma. Em lugar de defender valerosamente as costas do Helesponto como lhe convinha, Antioco retirou d'ellas as suas tropas; mas forçado a um combate junto a Magnesia, foi completamente derrotado pelos Romanos; fugiu para Antioquia, e mandou pedir a paz.

Scipião Africano, declarando aos embaixadores a resolução do Conselho, lhes disse: « Que os Romanos não se abatiam com a desgraça nem se ensoberbeciam com a fortuna; que depois da victoria contentavam-se com aquillo mesmo que antes tinham pedido: que Antioco devia evacuar toda a parte da Asia, que ficava a quem do monte Tauro; que pagaria todos os gastos da guerra; que daria vinte refens, e de resto entregaria Annibal e o Etolio Thoas, a fim de dissipar todo o motivo de desconfiança. » Estas condições foram accitas. Annibal vagando de asylo em asylo, sempre exposto ao furor implacavel dos Romanos, morreu na côrte de Prusias, Rei da Bithinia, depois de haver tomado um pouco de veneno, que trazia comsigo para não cair em mãos de

seus inimigos. Scipião, seu vencedor, morreu no mesmo anno de 183 antes de J. C. Um e outro tiveram a mesma sorte, pois que Scipião tambem morreu fóra da patria, proscripto pela inveja de seus concidadãos.

Os Romanos principiam a corromper-se na Asia, entretanto que a severidade excessiva de Catão o Censor era já um contraste para aquelles tempos, em que a lei Oppia foi abrogada (*). Depois de ter perseguido a Scipião Africano, Catão fez condemnar injustamente a seu irmão chamado o Asiatico. Exhalando com a mascara de um zelo pharisaico todo o amargo do seu fel, ia o velho Censor lisongeando o povo, unico fito a que atirava. Os Romanos empenharam-se em novas guerras, onde se descobre de mais a mais a sua ambição. Perseo, filho de Felipe Rei de Macedonia, instigando toda a Grecia contra Roma, fez-lhe a guerra e derrotou o Consul Licinio; porém foi logo desbaratado e feito prisioneiro por Paulo Emilio, e o Reino de Macedonia augmentou o numero das provincias Romanas.

Depois da morte de Philopemenes, chamado o ultimo dos Gregos, dissolveu-se a liga dos

(*) A lei Oppia permittia meia onça de ouro tão sómente para adorno das mulheres romanas; prohibia-lhes os carros e os vestidos de diversas côres. Esta lei foi publicada quando Annibal ameaçava Roma e assolava a Italia. Concluida a paz com Carthago, e não subsistindo o motivo da lei, as damas empregaram todo o seu credito para a sua revogação, o que conseguiram não obstante as amargas invectivas de Catão.

Acheos; do que se aproveitou o Senado Romano para preparar a total sujeição da Grecia. Porém nada descobre melhor o character dos Romanos do que o seu procedimento contra a Syria. Popilio Lenas prohibiu em nome do Senado a Antioco Epifanio, usurpador, de fazer conquistas no Egypto; e tendo traçado um circulo á roda do Monarcha: *Antes de sair d'este circulo*, lhe disse Popilio, *responde ao Senado*; e Antioco respondeu que obedeceria. Roma aspirava evidentemente á conquista do mundo; a ruina de Carthago lhe descubriu o caminho.

Massinissa, entregue totalmente aos Romanos, e seguro da sua protecção, tinha usurpado algumas terras do dominio de Carthago. Os Carthagineses queixaram-se, e Roma enviou commissarios afim de terminar estas contendas. Catão, um dos commissarios, voltando a Roma descreveu com tal arte a força dos Carthagineses, accusando-os de se armarem contra a Republica, que concluiu exclamando: *É necessario destruir Carthago*. Entretanto Massinissa derrota os Carthagineses em uma batalha, e manda matar cincoenta e oito mil, que se tinham rendido prisioneiros. Então os embaixadores de Roma tirando a mascara declararam a guerra aos vencidos. Procedimento odioso, que foi seguido de outros actos ainda mais infames.

Os Carthagineses atemorizados, querendo fugir da tormenta que os ameaçava, offerecem a Roma a sua submissão. O Senado Romano promette deixar-lhes a liberdade, com tanto que façam

tudo quanto os Consules exigirem, e que mandem tresentos refens. Entretanto os Consules, Marcio e Manilio, chegam na frente de um exercito formidavel, e exigem que Carthago lhes entregue todas as suas armas. Em vão lhes representam que Carthago está ameaçada por seus visinhos: *Roma encarrega-se da vossa defeza, obedeci.* Como esta resposta não admittia replica alguma, obedeceram. Assim que os Consules viram os Carthagineses despojados das suas armas e machinas de guerra, lhes intimaram que saíssem da cidade porque devia ser destruida, podendo estabelecer-se em outra parte, com tanto que fosse dez milhas arredado do mar, e sem fortificações.

Similhante perfidia reanimou o valor dos Carthagineses, excitando a desesperação. Os Senadores, cujo parecer foi de que se entregassem as armas, foram mortos pelo povo cruelmente. Fabricam-se novas armas com incrível anciedade. Os palacios e os Templos foram transformados em outros tantos arsenaes; o ouro, a prata, os vasos sagrados e as estatuas supprem o ferro e o cobre; as mulheres sacrificam as suas joias, e cortam os seus cabellos para d'elles fazer cordas para os arcos. Os Romanos julgando que uma cidade desarmada não poderia resistir-lhes, deram o assalto, mas foram rechaçados, e a sua frota queimada dentro do porto. Depois de dois annos de sitio, no de 146 antes de J. C., foi eleito Consul Scipião Emiliano, neto adoptivo do Africano, e foi logo para a Africa. Scipião não tardou muito em justificar similhante eleição.

Carthago foi então bloqueada e sujeita a extrema penuria. Os Carthagineses, comtanto que lhes conservem a sua cidade, se submettem a tudo, porém o Consul regeitou a proposição. Os Romanos por um ataque falso se apoderaram de uma porta, entraram por ella, e disputando palmo a palmo as ruas da cidade lograram apoderar-se de toda ella. De setecentos mil habitantes apenas se tomaram vivos cincoenta e nove mil, que foram vendidos como escravos. Scipião obedecendo contra a sua vontade ás ordens do Senado, mandou pôr fogo nos edificios; o incendio durou dezasete dias, no fim dos quaes bem se poderia dizer: *Aqui existiu Carthago*. Um magnifico triumpho, e o sobrenome de Africano, perpetuado d'este modo na sua familia, coroaram a expedição de Scipião o moço.

No mesmo anno destruíram os Romanos a rica cidade de Corintho, e a liberdade da Grecia acabou para sempre. Derrotados e desfeitos os Acheos, o Consul Mummio finalisa a guerra com o saque e incendio de Corintho, uma das mais florescentes e sumptuosas cidades da Grecia. A Republica dos Acheos, sob a denominação de Achaia, ficou redusida a provincia Romana. Roma enriqueceu-se e adornou-se com novos despojos. As obras insignes da arte, que para Roma se transportaram, juntas com os envenenados fructos da Asia, foram a origem do luxo Romano, precursor da corrupção dos costumes. Paterculo refere uma prova irrecusavel da ignorancia de Mummio.

Este general vendo que os soldados, encar-

regados do transporte de tudo quanto havia de mais precioso entre os paineis e as estatuas de Corintho, o faziam com desleixo e pouco cuidado, lhes declarou, que se chegasse a perder-se algum pedaço, ou arruinar-se, elles seriam obrigados a repôr um pedaço semelhante á sua custa. O historiador não duvida preferir, para o interesse da Republica, esta ignorancia crassa á illustração do seu seculo. Mummio, tão desinteressado como valente, nada conservou para si das riquezas e dos ornatos de Corintho. Mas se o gosto das bellas artes tivesse polido assim os seus costumes, como os de Roma, por ventura Corintho teria sido exposta ás chammas e destruida? Não ha maior infelicidade para as nações do que corromperem-se pelo luxo; porém destruir-se pela barbaridade, ainda é maior desgraça.

Não parou aqui esse espirito de dominação, que era o principal movel dos Romanos, pelo qual não houve perfidia, que não commettessem, nem crueldade que não praticassem. Para vingar as derrotas que Viriato, general dos Lusitanos, lhes tinha dado tantas vezes, fizeram-no assassinar ignominiosamente; e como um crime sempre vem acompanhado de outro crime, mostraram-se igualmente perfidos para com Numancia, cidade consideravel da Hespanha sobre o rio Douro. Depois de violarem dois tratados, que tinham concluido com aquella cidade, exigiam a sua entrega assim como a de todos os seus habitantes sem condições. É memoravel a resistencia que fizeram os Numantinos; porém tiveram que ceder

ao nome e poder de Scipião Emiliano, e Numancia foi destruida pelo mesmo que tinha destruido Carthago.

Roma por meio do commercio dos Gregos illustrou-se, adquiriu o gosto das bellas artes, e poliu os seus costumes. É verdade que vemos assenhorear-se de Roma a corrupção, ao mesmo tempo que n'ella florescia a litteratura. Porém a corrupção foi o fructo da sua grandeza e opulencia, e a litteratura, em vez de ser a causa do mal, lhe podia dar remedio. O abuso das letras é semelhante ao abuso da religião: é um grande mal, por ser o objecto de que se abusa um grande bem. Catão o Censor lamentou-se amargamente do adiantamento de Roma. Posto que tambem fosse historiador, declarou-se contra os Gregos como perigosos, porque ensinavam a embaraçar a razão por meio de sophismas, ou a dar á mentira as côres da verdade; pelo que foram expulsos de Roma os philosophos e rhetoricos Gregos. Porém esta maxima não prevaleceu por muito tempo, porque o gosto das sciencias e das artes já se tinha apoderado dos Romanos (*).

(*) Por todos esses tempos a philosophia florescia na Grecia. A seita dos philosophos Italianos, e a dos Ionicos, a enchiam de grandes homens, entre os quaes entravam muitos extravagantes, a quem a Grecia curiosa não deixou de dar o nome de philosophos. No tempo de Cyro e de Cambises, Pythagoras deu principio á Seita Italica, na grande Grecia, nas circumvisinhanças de Napoles. Pelo mesmo tempo, com pouca differença, Thales de Mileto formou a Seita Ionica. Della saíram aquelles grandes philosophos,

CAPITULO XXIX.**Situação politica de Roma. Pompeu. Julio Cesar.**

Em quanto Roma levava por toda a parte suas armas victoriosas, e se engrandecia por successivas conquistas, vieram as discordias intestinas collocar á borda do precipicio este monstruoso imperio. As riquezas, o luxo e o orgulho de uma

Heraclito, Democrito, Empedocles, Parmenides; Anaxagoras, que pouco antes da guerra do Peloponeso fez ver o mundo edificado por um Espirito eterno; Socrates, que logo depois applicou a philosophia ao estudo dos bons costumes, e foi o pae da philosophia moral; Platão, seu discipulo, e chefe da academia; Aristoteles, discipulo de Platão e mestre de Alexandre, chefe dos Peripateticos; debaixo dos successores de Alexandre, Zenon chamado Citiense, de uma cidade da Ilha de Chipre onde nasceu, chefe dos Stoicos; e Epicuro, Atheniense, chefe dos philosophos que se jactam do seu nome, se podemos chamar philosophos aos que negavam ás claras a Providencia, e que destruindo todos os deveres, definiam a virtude pelo deleite. Podemos

classe, contrastando com a miseria e aviltamento de outra, a licença de ambas, e a ambição de muitos foram as causas d'este incendio occulto, que pouco a pouco foi lavrando pelo coração da Republica até rebentar como um volcão. Os Romanos no meio das suas riquezas acharam terriveis inimigos na espantosa multidão de seus escravos. Euno, um d'estes escravos, foi o primeiro que os incitou a rebellarem-se na Sicilia, e todo o poder Romano foi necessario empregar para os poder reduzir.

Algum tempo depois o testamento de Atalo, Rei de Pergamo, pelo qual fez seu herdeiro o povo Romano, foi causa de um grande tumulto na cidade. O sedicioso Tribunado de Tiberio Gracco, um dos primeiros cidadãos de Roma, occasionou a sua morte; todo o Senado o matou pelas mãos de Scipião Nasica, não podendo descobrir outro meio de estorvar a perigosa repartição de dinheiro, com que este eloquente Tribuno

contar entre os maiores philosophos a Hippocrates, pae da medicina, que se fez distinguir entre todos os outros por aquelles felizes tempos da Grecia.

Os Romanos tinham nesse mesmo tempo outra especie de philosophia, que não consistia em disputas, nem declamações, mas que se fundava na parcimonia, na pobreza, nos trabalhos da vida do campo e nos da guerra; e punham toda a sua gloria na da patria, e do nome Romano, por cujos principios se fizeram senhores da Italia e de Carthago; porém esta escola tinha-se já convertido n'outra especie de sciencia, na ambição, e a philosophia de Epicuro começava a ganhar terreno na terra classica da sobriedade e do amor do trabalho.

lisongeava o povo. Caio, irmão de Tiberio, não pôde soffrer que matassem um tão grande homem por modo tão desastrado: alentado por estímulos que dizia serem inspirados pela sombra de Tiberio, armou os cidadãos uns contra os outros; e na vespóra de tudo destruir, acabou com o mesmo género de morte que pretendia desagrar.

Em Roma tudo se alcançava com dinheiro. Jugurtha, Rei de Numidia, tendo morto seus irmãos, que o povo Romano protegia, defendeu-se por muito tempo, ainda mais pelas suas larguezas e dadivas do que por suas armas. Mario, de origem plebea, mas de elevados pensamentos, apesar de haver triumphado de Jugurtha, não pôde alcançar o governo senão açulando o povo contra a nobreza. Os escravos se armaram ainda segunda vez na Sicilia, e esta segunda revolta não custou menos sangue aos Romanos do que tinha custado a primeira.

Mario abatteu a soberba dos Teutões, dos Cimbrões e dos outros povos do norte, que penetraram nas Gallias, na Hespanha e na Italia. As victorias que alcançou d'elles, lhe deram occasião para propôr novas repartições de terras; Metello que se oppoz a uma tal proposição não teve mais remedio do que ceder ás circumstancias, e a questão não se acabou senão com a morte de Saturnino, Tribuno do povo. Em quanto Roma protegia a Cappadocia contra Mitridates, Rei do Ponto, e que um tão poderoso inimigo cedia ás forças Romanas, a Italia exercitada nas armas

por tantas guerras, esteve em risco de perder o seu imperio por uma revolta universal.

Roma viu-se a braços com a mais tremenda guerra civil pelos furores de Mario e de Sylla: um que tinha feito tremer o Meio-Dia e o Norte; o outro era o vencedor da Grecia e da Asia. Sylla chamado o Feliz (desgraçadamente o foi contra a patria, que sua dictadura reduziu á escravidão), pôde por fim abdicar voluntariamente o poder; mas não pôde embarçar o effeito do máu exemplo: todos queriam governar. Sertorio, affincado partidista de Mario, se foi acantonar na Hespanha ligando-se com Mitridates. Foi inutil a força contra um soldado tão valente; e Pompeo não pôde sopear este partido senão semeando a discordia entre os alliados. Até Espartaco, simples gladiador, se lembrou de aspirar ao governo. Este escravo não deu menos que fazer aos Pretores e Consules do que Mitridates tinha dado a Lucullo. A guerra dos gladiadores se fez medonha a todo o poder Romano: Crasso não a pôde acabar, e foi necessario mandar contra elles o celebre Pompeo.

Lucullo ia tomando ascendencia no Oriente. Os Romanos passaram o Euphrates, mas o seu general, invencivel contra o inimigo, não pôde conter os seus proprios soldados. Mitridates perdendo tantas batalhas não perdia o valor, e a felicidade de Pompeo parecia necessaria para concluir esta guerra. Acabava de expurgar os mares dos piratas, que os infestavam, desde a Syria até as columnas de Hercules. Então é que

a sua gloria pareceu elevada ao galarim. Depois de vencer aquelle valente Rei, submetteu a Armenia, onde se tinha refugiado, a Iberia e a Albania, a Syria, a Judea, em uma palavra, todo o Oriente. Mas não triumpharia de tantos inimigos a não ser o Consul Cicero, que salvou a cidade das chammas, que lhe preparava Catilina, seguido da mais illustre nobreza de Roma. Este partido temivel foi desbaratado pela eloquencia atroadora de Cicero, ainda mais do que pelas armas de Caio Antonio, seu collega.

Nem por isso a liberdade do povo Romano ficou mais segura. Pompeo reinava no Senado, e o seu grande nome o fazia senhor absoluto de todas as deliberações. N'este tempo um patricio, Julio Cesar, genro de Cinna, formava em silencio empresas mais vastas. A brandura, os adornos e a vida licenciosa não annunciavam desde a sua mocidade mais que um homem entregue ás delicias, e de quem Roma nada tinha que esperar nem que receiar. É esta a descripção que fizeram de Cesar a Sylla para o salvarem da proscricção. O dictador julgando melhor de Julio Cesar: *Não vedes vós*, disse elle, *n'este mancebo outro Mario?* Cesar então fugiu; e assim que pôde entrar na carreira dos empregos publicos, apresentou-se com todas as vantagens da eloquencia e de uma profunda politica.

Cesar para atrair a si o amor do povo, esbanjou o seu patrimonio em espectaculos publicos, comprando impunemente as dignidades, e reanimando os restos do partido de Mario. Toda a sua alma

propendia para as honras e para a gloria. Lendo um dia a vida de Alexandre, exclamou com os olhos arrasados em lagrimas: « Ah! quando Alexandre tinha a minha idade havia conquistado muitos Reinos, e eu nada tenho feito ainda memoravel. » Atravessando os Alpes, ouviu em certo logarejo a um individuo da sua comitiva perguntar por zombaria, se alli tambem se disputavam os empregos: « Eu preferiria antes, disse Cesar, ser o primeiro n'este logar do que em Roma o segundo. » Era tal a superioridade do seu genio, que dominava a todos quantos o cercavam; o seguinte facto prova bem essa influencia magnetica com que por tanto tempo fascinou o povo Romano.

Em uma viagem, que empreendeu para a Asia Menor, foi tomado por uns piratas; e como conhecessem que era pessoa de distincção, pediram-lhe vinte talentos pelo seu resgate: Como assim, disse Cesar, pois exigis tão pouco por um homem da minha condição? dar-vos-hei cincoenta; e com effeito mandou buscar a somma offercida. Entretanto esteve seis mezes prisioneiro, e soube de tal modo fazer-se respeitar dos piratas, que parecia mais bem seu chefe do que seu cativo. Quando queria dormir, impunha-lhes silencio, e elles se calavam: lia-lhes muitas vezes pedaços de alguns poemas, ou relações que elle mesmo tinha composto; e em vez de fazer-lhes elogios, ameaçava-os com fazê-los castigar logo que estivesse em liberdade.

Voltaram finalmente os criados de Cesar com

o dinheiro, que elle tinha mandado buscar, e apenas pagou o seu resgate, partiu para um dos portos da Asia, onde fez equipar alguns navios bem armados e tripulados, e com elles se dirigiu em volta dos piratas, perseguiu-os por toda a parte, e apoderou-se a final do seu navio; exigiu então a restituição do seu dinheiro, e depois levou os piratas para a Asia menor, onde conseguiu fazê-los crucificar, como lhes tinha prometido, quando estava entre elles. Este e outros factos semelhantes mostram perfeitamente qual era o fundo do character de Cesar; e por isso não deve admirar tudo quanto elle praticou depois.

Dissemos já que Pompeo, voltando a Roma depois dos seus felizes successos, reinava sobre o Senado; só um homem lhe fazia opposição: era Crasso, cujas riquezas prodigiosas lhe tinham dado grande ascendencia sobre o povo. Ambos estes competidores se aborreciam. Cesar, que pretendia o Consulado, necessitando de um e de outro, tratou de os reconciliar, e por este meio unindo os seus interesses aos de Pompeo e de Crasso, conseguiu o que desejava. Catão previu logo que este triumvirato arrastaria a ruina da liberdade. Sem embargo todos applaudiram uma reconciliação, que parecia extinguir a discordia. Apenas Cesar obteve o Consulado, propoz logo uma lei agraria, para que o povo lhe fosse favoravel. Esta lei não tinha os inconvenientes das precedentes, pois se limitava a certas terras da Campania distribuidas por vinte mil

cidadãos pobres, que tivessem tres filhos pelo menos.

Cesar liga-se ainda mais com Pompeo dando-lhe sua filha em casamento; e como temesse a influencia de Cicero fez elevar ao tribunato o sedicioso Claudio, inimigo irreconciliavel d'aquelle orador. Claudio perseguiu a Cicero, que abandonado por todos os seus amigos, saiu de Roma e retirou-se para a Grecia. Entretanto tinha alcançado Cesar o governo das Gallias por cinco annos, e quatro legiões, prevendo que só o poder militar o podia habilitar para a execução de todos os seus intentos. A primeira campanha de Cesar nas Gallias fez abrir os olhos a Pompeo, que tratou logo da restituição de Cicero, a quem tinha abandonado irreflectidamente. Cicero foi recebido com honrosas demonstrações; porém a sua volta não podia impedir os triumphos de Cesar.

Pompeo e Crasso obtiveram o Consulado e governos consideraveis; o primeiro alcançou o governo da Hespanha, e o segundo o da Syria, do Egypto e da Grecia, ambos por espaço de cinco annos; no que convieram os amigos de Cesar, com a condição de que este continuasse no das Gallias pelo mesmo espaço de tempo. Crasso depois de haver roubado o templo de Jerusalem, empenhou-se em uma imprudente expedição contra os Parthos, povo guerreiro e valente, cujo crime era ser rico. O exercito romano foi derrotado, e Crasso ficou morto juntamente com seu filho. Crasso equilibrava o poder

de Cesar e de Pompeo; a sua morte veio fazer perder este equilibrio, e d'ahi por diante tudo foi discordia e violencia. Milão matou a Claudio, e este homicidio foi o signal da guerra civil.

Os amigos de Pompeo empenharam então todos os seus esforços para o fazer nomear Dictador, emprego que elle mesmo muito desejava secretamente. Catão, para salvar a liberdade, çontendo a Pompeo sob o jugo das leis, propoz que o elegessem Consul unico, porque ao menos seria responsavel do seu procedimento; o que sendo uma cousa sem exemplo, muito o devia lisongear. Pompeo foi com effeito Consul unico; concederam-lhe novas tropas, e permittiram-lhe continuar com o governo da Hespanha, para onde podia mandar os seus Tenentes. Antes de acabar o seu Consulado elegeu elle mesmo um collega, moderação fingida com que soube captar-se a benevolencia de todo o Senado.

Em menos de dez annos tinha Cesar domado os Helvecios, vencido Ariovisto, um dos mais poderosos Reis da Germania, subjugado os Belgas, redusido toda a Gallia a provincia Romana, e levado o terror das suas armas até a Grãa-Bretanha. Entre as suas proesas contam-se oitocentas praças tomadas, trescentos povos sujeitos, e tres milhões de homens derrotados em diversas batalhas. Os Gallos, apesar de mui valentes, estavam divididos em pequenos Estados, e eram governados por chefes que tinham pouca autoridade. Cesar sujeitou os Gallos, não sómente por seu valor e por seus talentos militares, mas tam-

bem pela sua astuta politica, fomentando as dissensões entre elles, e armando uns contra os outros.

Cesar intrepido, sobrio, incansavel, sempre prompto para combater, e sempre attento aos negocios, ao mesmo tempo que ia no alcance dos inimigos, cuidava nas intrigas de Roma, e derramava o ouro ás mancheias, para comprar os votos e ter creaturas suas: só o Consul Emilio lhe custou 150 talentos. Enriquetendo aos seus officiaes e soldados, que já não eram aquelles mesmos soldados da patria, nada emfim deixava de fazer para reinar, porque o seu grande genio era superior a todos os obstaculos. Comtudo, já o termo do seu governo se approximava. Privando a Cesar do mando militar, o teriam confundido com os demais cidadãos; era esta a esperança de Pompeo, que sollicitava por baixo de mão que o chamassem.

O tribuno Curio, vendido a Cesar, dissuadiu o projecto sem se mostrar de partido algum. Propoz então fazer continuar ou revocar o governo dos dois generaes, ambos capazes igualmente de inspirar grandes receios á Republica. Como Pompeo, por muita moderação que affectasse, não consentia em ser o primeiro despojado, foi Curio de parecer, que se ambos quizessem conservar os seus governos, fossem, um e outro, declarados inimigos do povo Romano. Cesar estava prompto a ceder comtanto que o seu competidor cedesse igualmente. Este, menos habil, menos perspicaz, e persuadido que as tropas de

Cesar o abandonariam, chegava a dizer com a sua presumida confiança, *que lhe bastava bater com o pé no chão, para fazer surgir um exercito.*

Pompeo, depois de algumas negociações, regeitando todo e qualquer ajuste, tornou a guerra civil inevitavel. Elle tinha os Consules e o Senado da sua parte; e da parte contraria havia o povo e um exercito victorioso ás ordens do maior capitão que jamais houve. Da parte de Pompeo havia mais apparencia de justiça; e da parte de Cesar mais habilidade, mais valor e maiores recursos. A mesma justiça, quando se mostrasse clara e manifesta sem rebuço algum, achar-se-hia muito fraca em similhantes circumstancias.

Se Cesar persistisse em não querer ceder o mando, era declarado inimigo de Roma; já Pompeo estava encarregado da defesa da Republica, posto que não fosse Consul. Cesar chegando á margem do Rubicon, pequeno rio que divide a Gallia Cisalpina do resto da Italia, fica irresoluto. *Se eu não passar, diz Cesar, estou perdido; e se passar, quantas desgraças não ameaçam a Roma!* Porém reflectindo no odio de seus adversarios, exclama: *a sorte está lançada.* Cesar passa o Rubicon, apodera-se de Rimini, e enche de terror a Italia. O Senado declara que ha *tumulto*, isto é, que a cidade está em perigo, e ordena que todos os cidadãos peguem em armas.

Nada havia prompto contra um inimigo tão activo e tão formidavel. Pompeo desampara a cidade e a Italia. Cesar vai sugeitar a Hespanha, onde o partido contrario era poderoso; d'aqui

volta triumphante, e indo no alcance do seu rival até a Macedonia, logra em Pharsalia de uma victoria decisiva. Viu-se nesta acção que a superioridade do numero nada vale contra a disciplina e o valor. Uma multidão de moços Patricios, effeminados e frouxos por causa do luxo, conservavam a cega confiança de Pompeo. Parecendo-lhes certa a victoria, já repartiam com anticipação os seus fructos. Cesar prevendo que o receio de serem desfigurados faria n'elles maior impressão do que o desejo da gloria, tinha recommendado aos seus veteranos, que os ferissem no rosto. Com effeito os Patricios foram logo derrotados.

Cesar fez queimar todos os papeis de Pompeo, sem ler nenhum. Eu quero antes, disse elle, ignorar os crimes, do que ser obrigado a castiga-los. O famoso Pompeo, tanto tempo arbitro da Republica e da fortuna, agora vencido e fugitivo, toma finalmente o caminho do Egypto, onde se lisongeava de ser bem acolhido por Ptolomeo, filho de Auletes, que elle tinha restabelecido no throno; porém longe da hospitalidade, que esperava, foi assassinado, e a sua cabeça appresentada a Cesar, que em vez de alegrar-se, como suppunham, mostrou-se summamente indignado e pesaroso. Cesar chegando ao Egypto sustenta a guerra de Alexandria, em que morreu o Rei e o ministro que a provocára, e tendo posto a Cleopatra sobre o throno, marcha contra Pharnace, Rei do Bosphoro, a quem sugeitou. Foi então que, dando conta da sua expedição,

se expressou com estas tres palavras: *Cheguei, vi, venci.*

Consul por cinco annos, Dictador, chefe perpetuo dos collegios dos Tribunos, e authorisado para fazer a paz e a guerra, como julgasse conveniente, Cesar voltou a Roma dois annos depois da passagem do Rubicon. Em quanto esteve no Egypto, mais do que devia, Catão, os filhos de Pompeo e outros republicanos tinham ajuntado forças na Africa, onde se preparavam para uma vigorosa defesa; porém Cesar tendo atravessado o mar, venceu tres batalhas successivas. Catão fere-se com a sua propria espada, e morre não podendo sobreviver á ruina da Republica. Cesar voltando a Roma recebe honras quasi divinas; a sua Dictadura foi differida por dez annos, e depois por toda a vida; decretaram-lhe quatro triumphos em um mez, e a sua estatua foi collocada no Capitolio, ao lado da estatua de Jupiter, com esta inscripção sacrilega: *A Cesar Semi-Deus.*

Ambos os filhos de Pompeo, um dos quaes se tinha escapado de Utica na Africa, levantaram novas tropas em Hespanha; porém Cesar acudindo immediatamente acabou de destruir a Republica com a victoria de Munda (*); em cuja

(*) Cesar em vinte e tres dias percorreu por terra, desde Roma até Serra Morena, um espaço de 450 leguas; que assim mesmo hoje, correndo pela posta noite e dia, gastaria doze pelo menos. — A batalha de Munda no sentir de Napoleão é um dos mais brilhantes feitos de Cesar, em que este General mostrou mais coragem, mais resolução e

acção, dizia elle, tinha mais combatido pela vida do que pela gloria. Voltando a Roma trabalhou mais que nunca para conciliar os animos e atrahir os corações; porém, fosse por orgulho ou por imprudencia, irritou alguns zelosos republicanos. Outros attribuem a conjuração, que logo se formou contra elle, ao detestado titulo de Rei, que elle ambicionava; porém o certo é, que havendo-lhe Marco Antonio, seu collega no Consulado, offerecido publicamente um diadema, elle o rejeitara.

Todavia a conspiração progrediu; Cassio, que era o chefe, fez entrar n'ella a Marco Bruto (descendente do primeiro Consul, genro e imitador de Catão), a quem Cesar amava como a seu proprio filho, e a quem enchera de favores depois de lhe haver salvado a vida. Alguns bilhetes anonymos que Bruto, então Pretor, achara sobre a sua cadeira no tribunal, despertaram n'elle os sentimentos republicanos: *Oh! Bruto, tu dormes? acaso já não és o mesmo?* lhe diziam n'esses escriptos, e seu animo abalado por estes meios acabou de ceder pelas instigações de Cassio (*).

mais presença de espirito. Cesar esteve a ponto de perder a batalha, tanto assim que quiz suicidar-se, porém diz o mesmo Napoleão que teria feito um grande disparate, porque um Magistrado, um chefe de partido, não pode abandonar os seus de seu motu proprio, — e porque semelhante resolução não prova virtude, coragem, nem energia d'alma. (*Napoléon, Précis des guerres de César.*)

(*) Porcia, filha de Catão e mulher de Bruto, conhe-

Estando o Dictador quasi a partir para a Asia a fazer a guerra contra os Parthos para vingar a derrota de Crasso, devia ser assassinado em pleno Senado. O dia 15 de Março do anno 44 antes de J. C., foi o destinado para a sua morte. Não foram os suppostos oraculos, como referem muitos historiadores, mas sim suspeitas e presentimentos interiores os que puzeram Cesar na duvida, se iria ou não á assembléa. Porém imaginando-se, como lhe diziam os seus lisongeiros, que a sua conservação interessava a toda a Republica, e que ninguem se atreveria a commetter attentado contra a sua pessoa, Cesar expoz-se ao perigo sem cautela. Um amigo em caminho ainda teve tempo de passar-lhe um bilhete em que lhe descobria toda a conjuração; mas elle não o leu, levado como ia pelo seu mau fado.

Depois de tomar assento no Senado, cercaram-no os conjurados, e um d'elles lhe pediu a revogação do desterro de seu irmão, a que Cesar

cendo que seu marido andava muito agitado, e que lhe occultava alguma cousa de grande importancia, fez uma ferida profunda em uma coxa para experimentar as suas forças contra a dôr.

Certa de poder guardar segredo nos proprios tormentos, quando se achava devorada por uma violenta febre, chamou seu marido, mostrou-lhe a ferida, e communicou-lhe o motivo d'aquella dolorosa experiencia; pelo que obteve a confidencia que desejava. *Queira o Céu*, exclamou Bruto, *que eu me mostre digno esposo de Porcia!* A alma de Catão respirava n'aquella mulher, educada ainda por aquella philosophia austera dos primeiros tempos, que a tornava superior aos homens do seu seculo.

denegou-se, em quanto os outros se approximavam mais. Então recebe Cesar uma ferida no hombro, e voltando-se arrancou o punhal das mãos do assassino, gritando-lhe: *Miseravel, o que fazes?* Ao mesmo tempo todos os conjurados tiram de seus punhaes e cáem sobre elle, que ainda se defendeu corajosamente, até que vendo Bruto entre seus assassinos, exclamou: *Tu, tambem, meu filho!* Cesar deixa de defender-se, e cobrindo o rosto com a sua toga, recebe a morte como homem, que não sentia mais perder a vida. — Crivado de vinte e tres feridas foi cair ao pé da estatua de Pompeo. Assim acabou o maior capitão dos tempos antigos na idade de cincoenta e cinco annos, sem que a sua morte mudasse os destinos da Republica.

Conforme as maximas e as leis de Roma toda a pessoa, que pretendesse usurpar o soberano poder, era inimiga da Republica, e como tal entregue ao furor dos cidadãos. Cesar parecia condemnado por este aresto, e qualquer homicidio suppria a falta do poder da justiça. Porém se Roma não podia conservar-se por mais tempo livre; se desde o primeiro Graccho a sua constituição tinha sido violada pelo mesmo povo; se em tempo de Sylla as leis todas tinham sido calcadas aos pés; se as enormes riquezas de alguns particulares, se o credito de outros deviam cedo ou tarde mudar a republica em monarchia; se era preciso que Roma se sujeitasse ao alvedrio de qualquer ambicioso, porque os costumes e os principios, columnas da liberdade, estavam destruidos; por

ventura não merecia Cesar que o seu dominio fosse preferido a novas guerras civis?

A morte de Cesar não foi justificada pelo resultado, nem pelo consenso do povo. A atroz acção de Bruto, que mata o seu bemfeitor, o seu amigo, e como muitos pretendem, seu proprio pai, na chimerica esperanza de uma gloria phantastica, tem merecido em todos os tempos a execração universal. Os conjurados contra Cesar talvez fossem levados d'aquelle fanatismo republicano, que depois das perseguições da igreja, tornou-se religioso; porém o certo é que Roma não era já, nem podia ser, o que tinha sido em tempo do primeiro Bruto. A civilisação, o luxo e as riquezas tinham corrompido todos os costumes, tinham viciado todas as leis; Roma tinha levantado um throno, Cesar sentou-se n'elle; com a sua morte outro occupou o seu lugar, porque o throno não foi destruido (*).

(*) Quando consideramos que Julio Cesar, Pompeo, Catão, Bruto, Atico, Livio, Cicero, Hortencio, Antonio, Augusto e Marcos Varrão foram contemporaneos e viveram ao mesmo tempo dentro dos muros d'aquella cidade, que bem pode chamar-se «*Roma virum genitrix*» e quando reflexionamos que esta brilhante constellação era acompanhada de outra de ordem inferior, e composta de estrellas de menor magnitude, porém que teriam lusido com não menos-brilho em outro qualquer horisonte; não nos admiramos que uma capital capaz de alimentar e educar homens similhantes, aspirasse ao orgulhoso titulo de senhora do mundo. Mas o observador attento não examina só as causas, que concorreram para esta maravilhosa reunião de talentos, senão tambem a razão porque

CAPITULO XXX.

Augusto. Antonio. Cleopatra. Octavio. Livia.

Assim que Cesar expirou, correram os seus assassinos por toda a cidade gritando, com o punhal na mão, que o Rei de Roma já não existia. O povo porém, longe de applaudir, só mostrou consternação e abatimento. Enganados em suas esperanças retiraram-se os conjurados

estes talentos foram tão improductivos para a sua patria; e porque mais a consumiram do que a confortaram, ou mais a escaldaram do que illuminaram. Talvez a conclusão não seja muito honrosa para a natureza humana, nem para os principios de uma liberdade illimitada. Um estado de certa liberdade civil é absolutamente necessario para produzir, educar e polir os grandes genios; porém a sociedade necessita de garantias para que estes genios, assim criados e aperfeiçoados, não aspirem a governar em vez de obedecer; e para que não destruam essa mesma liberdade a que deveram a sua propria superioridade. Sem fallarmos de todos os outros, comparemos tão sómente

para o Capitolio: Marco Antonio Consul, e Lepido General da cavallaria, mostram-se desejosos de vingar a morte do Dictador, com o fim de se apossarem do poder. O primeiro fez ler em publico o testamento de Cesar, onde alguns de seus assassinos eram nomeados com honra, e deixava ao povo Romano legados consideraveis. Aproveitando-se da ternura e do reconhecimento que aquelle testamento tinha inspirado, o mesmo Marco Antonio acabou de inflammar o povo com o elogio d'aquelle grande homem; e mostrando a sua toga ensanguentada apontava para o cadaver, que estava exposto para as exequias.

Foi tal a impressão, que a plebe furiosa queria lançar fogo na casa dos conjurados; e estes tiveram que sair de Roma, fugindo d'aquelles mesmos a quem pretendiam ter feito grande serviço. Um mancebo de desoito annos appareceu repentinamente na scena para representar o primeiro papel. Era Octavio neto de Julia, irmã de Cesar,

os quatro seguintes: Cesar não podia tolerar um superior, nem Pompeo um igual: Bruto, quando não aspirasse a mandar por si, estava resolvido a que não mandasse outro: e Catão, que podia ter feito muito para salvar a patria, *se tivesse emprehendido menos*, desgostou a seus amigos, e exasperou seus inimigos com aquelles vãos esforços para realisar as magnificas ficções da Republica de Platão com as feses de Romulo. Estes quatro homens formados com toda a prodigalidade da natureza, porém oppositos entre si, não podiam deixar de pôr o mundo em convulsão, quando, encontrados em suas carreiras, se chocassem como dois corpos celestes.

tão celebre depois com o nome de Augusto. O Dictador seu tiu o tinha adoptado deixando-lhe as tres quartas partes da sua successão. Roma caiu portanto nas mãos de Marco Antonio, de Lepido e do joven Octavio: tres insupportaveis tyrannos, cujo triumvirato e proscipções ainda hoje causam horror, quando se lêem. Estes tres homens repartiram entre si o imperio; Octavio escolheu a Italia, e mudando de repente em doçura suas primeiras crueldades, teve a habilidade de persuadir a todos, que não era elle o tyranno, mas os seus collegas.

Bruto e Cassio tinham-se retirado, um para a Grecia e outro para a Asia, onde o seu partido contava vinte legiões. Esta attitude reactiva assustou os triumviros, que de commum accordo trataram de exterminar todos os seus inimigos. Seria impossivel pintar a atrocidade de semelhantes proscipções; os tyrannos principiaram sacrificando uns aos outros as cabeças de seus parentes e de seus amigos: Lepido sacrificou a de seu proprio irmão: Antonio a de seu tiu: e Octavio a de Cicero, que muito havia concorrido para a sua elevação. Tresentos Senadores e mais de dois mil cavalheiros foram degolados impunemente. Os triumviros, fartos de mortes e de roubos, acceleraram a execução do seu projecto contra os Republicanos.

Finalmente Lepido ficou encarregado da guarda de Roma; Octavio e Antonio passaram á Macedonia, onde Bruto e Cassio se tinham reunido. Nunca houve exercitos romanos tão numerosos

como aquelles que iam decidir do destino da Republica. Havia de uma e de outra parte mais de cem mil homens exercitados nos combates, e animados do ardor que a ambição e a liberdade inspiram. A batalha de Philippo, nos confins da Macedonia e da Thracia, foi a ruina do partido Republicano. Em quanto Octavio era derrotado por Bruto, Antonio derrotava a Cassio, o qual mandou a um dos seus libertos que o matasse, ignorando a victoria de Bruto. Restabelecida porém a ordem no exercito Consular, foi o de Bruto novamente attacado e derrotado, e julgando este aniquillada a liberdade, matou-se com a sua propria espada, para não sobreviver á morte da Republica.

Depois de tão assignalada victoria ainda houveram supplicios bem horriveis, entre outros o do Senador Favonio, philosopho e amigo de Bruto, porém que se não tinha manchado com o assassinio de Cesar. Antonio estando na Sicilia citou perante elle a Cleopatra, Rainha do Egypto, por se haver condusido durante a guerra civil com um procedimento equivoco. Compareceu a Princesa, e Antonio ficou captivo da sua formosura e attractivos (*). O grande General, o ambicioso

(*) Cleopatra quiz prevenir Antonio por uma maneira brilhante, a fim de que a primeira impressão lhe fosse favoravel. Tendo de comparecer como culpada, era-lhe preciso captar as boas graças d'aquelle que ia ser seu juiz, e para isto mandou preparar uma galera com os remos todos de prata, as velas de purpura, e dourada por dentro e por fóra. A galera vogava ao som de uma musica deli-

politico, adormecendo no seio do amor, de tudo mais se esqueceu. Octavio occupado unicamente dos seus interesses, e resolvido a reinar só, aproveitou-se de uma paixão tão cega, supprindo por uma profunda habilidade as qualidades militares, de que carecia.

Depois da derrota e destruição de Sexto, filho de Pompeo, que tinha causado mui serios temores na Sicilia e na Sardenha, Octavio se aproveitou de um pretexto para se livrar de Lepido, homem sem merecimento, cuja maravilhosa exaltação parecia não ser mais do que uma extravagancia da fortuna. Este miseravel, depois de supplicar a vida, contentou-se de acabar entre o desprezo e a obscuridade. — Fulvia, viuva do sedicioso Claudio e esposa então de Antonio, o tinha desunido de Octavio para ver se assim o retirava d'entre as mãos de Cleopatra. Foi esta a causa de uma pequena guerra, cuja victima foi Perusa. Tendo-se feito a reconciliação, Antonio achava-se

ciosa; Cleopatra, vestida com ricas telas para fazer realçar as bellas formas do seu corpo, parecia a Deosa Venus, cujas attitudes imitava. Outros navios ricamente apparelhados acompanhavam a galera de Cleopatra; nelles vinham gentis mancebos e bellas raparigas, em trages dos diversos Deoses, para imitar o sequito da Deosa da formosura. Quando os Romanos viram todo esse brilhante aparato, exclamaram: *é Venus que vem vêr a Baccho*; fazendo allusão ao papel que Antonio tinha representado em Epheso vestido como aquelle Deus. Com effeito, Cleopatra não se enganou, porque foi recebida e tratada como Rainha ou como Senhora dos pensamentos de Antonio.

viuvo por morte de Fulvia, e querendo Octavio perpetuar esta união, tantas vezes dissolvida, deu-lhe em casamento sua irmã Octavia.

Com effeito, a doçura e bondade de Octavia parecia conduzir Antonio por melhor caminho; porém isto não durou muito. Vivendo na Grecia empreheudeu novas expedições, nas quaes se tornou odioso e desprezível por seus excessos. Volta outra vez aos amores de Cleopatra, proclama-a Rainha do Egypto, de Chipre, da Africa e da Cele-Syria, e distribue entre os filhos illegitimos d'ella as Provincias Romanas. Octavio irritado o accusa perante o Senado; determinou-se a guerra, para a qual Antonio tambem se preparava; e repudiando a Octavia, irmã do seu collega, priva-se de toda a esperança de nova reconciliação. Finalmente a batalha naval de Acio firmou o destino do Imperio.

Antonio, posto que tivesse superioridade em terra, determinou-se a combater no mar por conselho de Cleopatra, a qual durante o combate fugiu com as suas galeras. O seu amante, cujo valor experimentado estava a cima de toda a prova, esquecendo-se de si mesmo, do seu nome e da sua reputação, desampara tudo para a seguir. Octavio, ou antes Agrippa seu General, alcança a victoria. O exercito de Antonio, composto de dezanove legiões e de doze mil cavallos, tendo esperado em vão por elle, passou-se todo para o vencedor, e o Egypto se submetteu. Antonio abandonado por todos matou-se em Alexandria; Cleopatra, reservada para honra do

triumpho, evitou similhante opprobrio morrendo com valor pela picada de um aspide ou por algum outro veneno (*).

Deste modo o sobrinho de Cesar á força de astucias, de docilidade, de audacia e de crueldade, chegou a alcançar o supremo poder, a que aspirava desde longo tempo. Roma lhe estende os braços, e fica unico senhor de todo o Imperio debaixo do nome de Augusto, e com o titulo de Imperador. Subjuga os Cantabros e os povos das Asturias para a parte dos Pyreneos, que se haviam sublevado: a Ethiopia lhe vem pedir a paz: os Parthos cheios de espanto lhe mandam de presente os estandartes de Crasso, que tinham

(*) Depois da morte de Antonio, Octavia sua esposa retirou-se com seus filhos para cuidar da sua educação; mandou buscar tambem os filhos illegitimos que seu marido tinha tido de Cleopatra; depois da morte desta, adoptou-os e os educou juntamente com os seus, de maneira que vieram a ser no futuro homens illustres e mulheres mui distinctas, porque o exemplo de Octavia foi para elles um manancial de virtude, que nunca se esgotou. — A este respeito citaremos o que diz Iselin ácerca da educação materna. « Se conhecessemos exactamente a historia de todos os homens, que mais se distinguiram por sua integridade e virtudes, veriamos que nove, entre dez, foram devedores desta vantagem ás suas mãis. Ainda não apreciamos justamente quão importante é para toda a vida do homem o haver tido uma infancia pura e sem mancha. — A maior parte daquelles, que tiveram esta fortuna, devem-no ás suas mãis. Não resta duvida alguma sobre a opinião, de que a perfeição e a felicidade do genero humano dependem essencialmente do bom senso e das virtudes das mulheres.

ficado em seu poder, com todos os prisioneiros romanos: as Indias sollicitam a sua alliança: o peso de suas armas faz render e opprime os Rhetos ou Grisões, apesar da guarida de suas montanhas: a Panonia o reconhece: a Germania o teme, e o Weser recebe suas leis. Victorioso por mar e por terra, fecha o templo de Jano. O Universo vive em paz debaixo do seu poder, e JESU-CHRISTO vem ao mundo.

Até aqui temos referido os successos mais notaveis das guerras civis, agora daremos uma idéa do reinado de *Augusto*, nome com que o Senado distinguiu a Octavio depois dos seus grandes triumphos. « Augusto, diz Montesquieu, estabeleceu a boa ordem, isto é, uma escravidão permanente. » Porém já que os Romanos deviam deixar de ser livres, o bom regimen que Augusto estabeleceu, comparado com as desordens e com as infelicidades precedentes, faz desaparecer uma parte dos defeitos da sua vida. Roma respirou pacificamente no tempo do seu reinado; o que já era muito, depois dos horrores e calamidades por que tinha passado.

Augusto affectou renunciar o supremo mando, para mais assegura-lo; a maior parte dos Senadores, segundo toda a apparencia, penetravam as suas intenções, todo o seu comportamento passado as dava bem a conhecer; porém era mister contemporisar porque não havia outro remedio. Com effeito, supplicaram-lhe que não largasse as redeas da Republica, e a final o assenso do Senado e os votos do povo vieram legitimar o seu poder,

que elle conservou até a sua morte, renovando por intervallos a mesma cerimonia. Em vez de sublevar os animos adoptando o titulo de Rei, Augusto regeita até o character de Dictador, e contenta-se com a nomeação de Imperador, titulo honorifico em tempo da Republica, e que não conferia poder algum.

O procedimento particular de Augusto, a sua modestia exterior, a sua affabilidade e os seus beneficios, lhe foram sem duvida muito uteis. Aquella alma refohada sabia conformar-se com todos os moldes. Augusto mostrava grande respeito pela memoria de Bruto. Condemnando-se um dia em sua presença a obstinação inflexivel de Catão: *Todo aquelle*, disse Augusto, *que sustenta o governo estabelecido, é um bom cidadão, é um homem honrado.* Aquella apologia de Catão redundava em sua propria vantagem. O historiador Tito-Livio celebrou a Pompeo, sem perder a sua amisade. Augusto chamou-lhe por galantaria o partidista de Pompeo, mas evitou parecer que condemnava os seus louvores.

Um dos actos de generosidade mais assignalado foi sem duvida o seguinte: Cinna, neto de Pompeo, conspirou contra a vida de Augusto; o qual sabendo da conspiração manda que Cinna venha á sua presença. Todos esperavam que o delicto fosse atrozmente castigado; porém longe disto, Augusto apenas o reprehende mostrando-lhe a fealdade da sua perfidia, e nomeando-o Consul ganha por este modo um amigo tão zeloso, como fiel. Bem fosse clemencia ou politica, o certo é

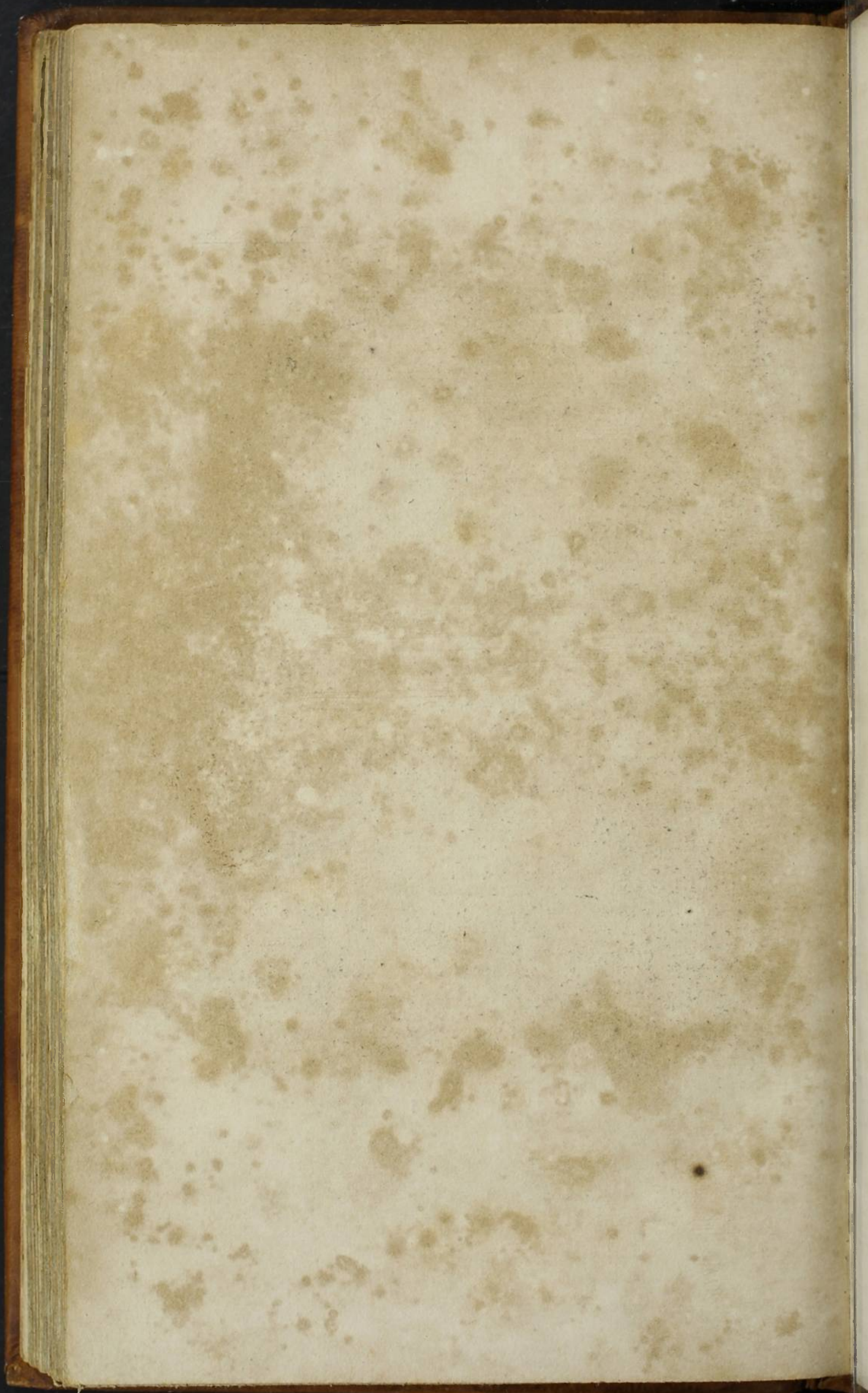
que esta acção merecia ser celebrada, como foi, por um Corneille. Estes e outros muitos rasgos de politica ou de clemencia, que para nós não vem ao caso, perpetuaram um poder usurpado e o legitimaram pelo unanime consentimento.

Entre honras divinas, que servilmente lhe tributavam, e no cumulo das riquezas e do poder, teve Augusto finalmente grandes provas de infelicidade, pois na sua propria familia teve sempre uma origem inexaurivel de pesares. Marcello, seu sobrinho e seu genro, destinado para ser seu successor, Principe de grandes esperanças, morreu ainda bem moço. Agrippa, que casou com a viuva de Marcello, tambem morreu, voltando de uma expedição contra a Panonia; perda irreparavel para o Imperio e para Augusto, porque já o amava como a seu proprio filho. Casado em terceiras nupcias com Livia, mulher de genio inquieto e muito ambiciosa, vivia em continuo soffrimento por causa dos zelos que ella nutria contra sua filha Julia.

Caio e Julio, netos de Augusto, objectos do seu amor e das suas esperanças, dos quaes elle mesmo pretendêra ser mestre, corresponderam tão mal ás suas caricias e cuidados, que foi necessario aparta-los de si; e ambos morreram ausentes, um na Asia e o outro em Marselha. Julia, sua filha, cujas desordens só elle ignorava, prostituiu-se com tanta publicidade e escandalo, que o mesmo Augusto foi obrigado a accusa-la perante o Senado, e condemna-la a desterro. Sua neta, do mesmo nome, imitando o exemplo



H. B. W. A. N.



de sua mãe, soffreu a mesma pena. Tiberio, seu enteado (porque era filho, em primeiras nupcias, de Livia e de Tiberio Nero), e tambem seu genro, porque elle mesmo o tinha feito casar com Julia, depois da morte de Agrippa; irritado do infame procedimento de sua esposa, tinha-se retirado para Rhodes, onde residiu sete annos como se estivesse desterrado. Quantas afflicções e quantos pesares com toda a apparencia de felicidade!!!

Os Dalmatas e os Panonios, opprimidos pelas exacções dos Romanos, rebellaram-se; porém foram domados por Tiberio e por Germanico, filho do celebre Druso. Quando todos estavam transportados do gosto, que excitára esta victoria, recebeu-se uma triste noticia. Varo, que mandava na Germania com tanta confiança como avarosa, deixou-se surprehender pelos Germanos. Hermann, que os Romanos chamavam Arminio, cioso da liberdade da sua patria, os tinha sublevado e combatia na sua frente. Tres legiões foram nesta surpresa completamente destroçadas, e Varo se matou de desesperação.

Augusto, assim que soube a noticia, entregou-se logo a um sentimento pusillanime, capaz de consternar todos os animos, que muito importava socegar. Refere-se que Augusto batia com a cabeça pelas paredes, exclamando: *Oh! Varo, restitue-me as minhas legiões!* Socegado Augusto, depois da primeira impressão, expediu Tiberio contra o inimigo. A tranquillidade foi restabelecida em duas campanhas, e Tiberio alcançou

grandes honras pela sua vigilancia, pela sua exactidão na disciplina, e por um procedimento tão prudente, quanto tinha sido cégo o do seu predecessor.

Tiberio sem acção alguma brilhante satisfez sem duvida os desejos de Augusto, porquanto, depois que voltou, foi associado ao imperio. Augusto o não amava pelo grande conhecimento que d'elle tinha; não obstante o adoptou, porque o julgou necessario, depois da morte de seus netos, e o nomeou seu successor. Para isto muito concorreram as intrigas de Livia, que tendo sabido separar de Augusto todas as pessoas, que lhe eram mais afeiçoadas, logrou extorquir-lhe esta preferencia em favor de seu filho predilecto. Outros pretendem que a morte prematura de todos os herdeiros de Augusto foi obra do veneno, mandado applicar pela ambiciosa Livia.

Augusto, na idade de setenta e seis annos, tendo reinado quasi quarenta e quatro, acabou sua carreira com maior animo, do que tinha mostrado nas batalhas. Sentindo-se para morrer: *Por ventura, não representei bem o meu papel?* disse elle aos que o cercavam; *a comedia está acabada, applaudi.* Com effeito, poucos tem sido os actores que o igualassem no grande theatro da ambição e da politica; porém devemos confessar que Roma, tendo de obedecer a um senhor, foi feliz em ter antes a elle do que qualquer outro. Augusto apagou o facho da guerra civil; restituiu a abundancia juntamente com a paz; reanimou a agricultura; oppoz leis ás desordens; favoreceu as

letras; e finalmente governou mais como Rei sabio e prudente do que como tyranno.

Uma de suas maximas era: Que não se deve emprehender a guerra, nem arriscar batalha, sem ter muito que esperar e pouco que receiar. Augusto comparava os que obram de distincto modo com aquelles, que pescassem com anzões de ouro: a perda de um só anzol poderia arruinar o pescador. Os louvores, que Augusto recebeu dos oradores e poetas, provam que elle favorecia as letras e recompensava os talentos. Os Virgílios e os Horácios lhe prodigalisaram incensos, e a elles foi que Augusto deveu particularmente a sua fama. Havia certamente muita politica em favorecer a estes genios, tão capazes de enleiar os contemporaneos, e de attrair os votos da posteridade.

Quem attribuisse a Augusto a honra do bom gosto, que então reinava, muito se enganaria. Lucrecio, Cicero, Sallustio, Cesar e outros floresceram antes d'elle; a carreira estava aberta (*).

(*) Para darmos uma idéa do estado da litteratura em Roma por aquelles tempos, citaremos parte de um artigo da Revista Britannica sobre o commercio dos livros na antiga Roma. » Os Romanos distinguiram os *Librarii* ou copistas de livros, dos *Bibliopolaë*, mercadores de livros; duas expressões diversas, das quaes por vezes se confundiu o sentido. Chamavam-se tambem *antiquarii*, porque transcreviam antigas obras: *amanuenses*, porque esta transcripção fazia-se á mão. Sabemos hoje que os Romanos conheciam uma especie de *Stereotypia*, assim como a arte da *Stenographia*, da qual o poeta Ennio era tido como inventor. Quasi

Os Romanos já tinham apprendido dos Gregos a pintar a natureza, já o gosto se tinha formado, já as luzes estavam derramadas. A Comedia, a Eloquencia, a Historia e a Philosophia tinham produsido as suas obras admiraveis; só faltava disputar a palma a Homero e a Pindaro: os dois poetas, amigos de Augusto e de Mecenas, o conseguiram felizmente. Ovidio, apesar dos seus grandes defeitos, occupava um logar distincto entre os escriptores d'aquelle seculo. O seu máu procedimento lhe grangeou a desgraça: Ovidio morreu desterrado.

Augusto devia uma grande parte da sua gloria a Mecenas, que apesar de Epicurista e de amar

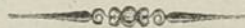
todos os copistas eram escravos; todavia, os que serviam bem a seus senhores, e conseguiam captar sua affeição, tinham a certeza de obterem a sua carta de alforria; comtudo não deixavam por isso de pertencerem á casa de seu senhor, onde eram tratados com honrosa distincção. Sabe-se a viva amisade que Cicero consagrava a seu liberto Tirão, a quem confiára a educação de seu filho. Os cidadãos ricos e instruidos tinham grande numero de copistas, occupados principalmente em transcrever obras Gregas. Quasi todas as grandes personagens caprichavam em ter uma bibliotheca magnifica: apontam-se sobre todas as de Sylla, Attico, Lucullo, Julio Cesar, que encarregou o illustre Varrão da direcção da sua; ao mesmo tempo que acolhia em sua casa com nobre hospitalidade o celebre juriconsulto Labeão, a quem sua qualidade de Gallo e de estrangeiro tirava o direito de professar publicamente em Roma. » Pelo que fica dito vê-se, que todas essas grandes bibliothecas e outras muitas existiram antes do reinado de Augusto, e que as letras floresciam antes que este Imperador as protegesse.

o descanso, tinha bastante valor para dizer-lhe algumas vezes verdades bem amargas. Um dia em que Augusto ia pronunciar sentenças de morte, não podendo Mecenas chegar ao pé d'elle, pela multidão de povo que o cercava, escreveu estas palavras: *Oh! algoz, desce do tribunal.* Augusto, depois de as ler, retirou-se sem sentenciar. A sua moderação, depois da extincção do triumvirato, foi provavelmente o fructo dos conselhos d'este ministro; e como Mecenas muito concorria para a gloria de seu amo, pelas mercês que prodigamente liberalisava aos homens de letras, Augusto sentiu tanto mais a sua morte, quanto era difficil substitui-lo por outro de igual merecimento.

Dizia-se que Augusto elegêra Tiberio seu successor para augmentar a sua gloria por meio do contraste do seu governo. Esta suspeita tem mais de malignidade que de bom senso; porém o governo de Tiberio foi effectivamente uma tyrannia odiosa, propria para realçar a memoria de Augusto. A dissimulação mascarava todos os seus sentimentos, e sómente servia para os fazer mais perigosos. D'aqui em diante começa a historia dos Imperadores a ser mais hedionda; os successores de Tiberio, comquanto não fossem tão crueis, não deixaram de ser tão corrompidos nem tão malvados como elle; entre os mais perversos conta-se Nero, cujo nome ainda hoje passa em proverbio: elle fez matar sua mãe e seus mestres: incendiou Roma, e condemnou os Christãos aos mais barbaros tormentos, como culpados

d'este incendio, que elle mesmo tinha ateado.

Durante o primeiro seculo da nossa era, todos os Imperadores foram talhados pelo mesmo molde; mais ou menos perversos, eram tão corrompidos uns como os outros. Todavia no segundo seculo appareceram alguns, como Trajano, Adriano, Antonino, e Marco Aurelio, que mereceram as honras de Principes honestos, prudentes, justos e virtuosos; seus reinados cicatrisaram algumas chagas, porém o corpo do Imperio estava gangrenado, e tarde ou cedo havia de perecer. Desde o principio do terceiro seculo não appareceu mais um só Imperador, que pudesse retardar a carreira precipitada que este colosso levava para a sua ruina; a relaxação dos costumes era tão geral em todo o Imperio, que não era mais possivel obstar á sua dissolução.



CAPITULO XXXI.**A Allemanha, ha vinte seculos.**

As primeiras noções sobre a Germania, que nos legaram os povos antigos, foram sem duvida as que os Romanos recolheram nas suas primeiras incursões além do Rheno. Cesar foi o primeiro que passou este rio e penetrou na Allemanha, onde apenas se demorou dezoito dias, tendo de repassa-lo outra vez, e de queimar a ponte, que tinha feito construir defronte de Colonia. Eis ahi porque as primeiras relações foram mui inexactas; um paiz novamente descoberto ou explorado é sempre origem de fabulas e de exagerações, porque estas fazem augmentar o credito dos primeiros exploradores. Tambem o contraste entre o clima suave da Italia e o aspero da Allemanha devia augmentar a idéa dos rigores das estações, e da barbaria dos homens que os supportavam.

Os Romanos, que n'aquelle tempo já gosavam de todas as commodidades da vida, que tinham palacios, quintas, banhos publicos, templos e theatros, exaggeraram muito não só a asperesa do clima, o grande frio da Germania, como a profunda ignorancia e barbaria dos seus gigantescos habitantes. Entretanto é de suppôr que alguma cousa houvesse de verdade em tudo quanto referiram. As relações mais exactas dos seculos posteriores nos pintam a Allemanha toda coberta de bosques, e em grande parte apaulada; e por consequencia mais humida, mais fria, e menos productiva do que actualmente. Os bosques tem a propriedade de attrair as nuvens, e impedindo que os raios do sol aqueçam a terra, produzem essa humidade constante das grandes mattas.

Logo que os bosques desaparecem o sol começa a exercer a sua acção sobre a terra, e os brejos se vão dessecando; a atmospherã torna-se mais quente, o ar mais são, e o clima perde por isso todo o rigor que estas causas lhe augmentavam. — Tal era a situação da Allemanha, ha vinte seculos; não é portanto de admirar, que seja hoje menos frigida do que n'aquelles tempos. Todas as plantas, que exigiam mais calor, não podiam vegetar nem fructificar; e é esta a razão porque os Romanos não acharam uma só arvore fructifera na Germania. A primeira introduzida pelos mesmos Romanos foi a cerejeira, que Lucullo tinha transplantado da Asia menor.

A Allemanha não possuia quasi nenhuma es-

pecie de hortaliça, á excepção da cenoura e do rábão, nenhuma planta leguminosa. Os antigos Germanos não se davam com grande zelo á cultura dos campos, e apenas semciavam alguma aveia e cevada; da primeira faziam uma especie de canja, que lhes servia de alimento commum, e da segunda uma bebida fermentada, de que já fallámos no Capitulo VI. A sua unica riqueza consistia nos numerosos rebanhos de gado vacuum e cavallar. Não somente se serviam dos cavallos para a guerra e para as viagens, como tambem se nutriam da sua carne, que elles achavam deliciosa; e este costume durou ainda por muito tempo depois da nossa era.

Nas florestas sagradas, que lhes serviam de templos, guardavam um certo numero de cavallos, todos brancos, destinados unicamente para o culto religioso. Esta cerimonia consistia em um carro, dirigido pelo chefe da Tribu, ou pelo Summo Sacerdote. Estes cavallos, cujo relincho erà interpretado como predicções do futuro, eram mantidos á custa do Estado, e não os empregavam em nenhum outro serviço, porque os consideravam como uma propriedade dos Deoses. Havia igualmente na Allemanha grande quantidade de cavallos e bois selvagens, e tão bravios e ferozes, que brigavam com os ursos e leões, e os matavam. Para apanha-los era mister fazelos cair em fossos expressamente feitos, ou mata-los na caça. Reputava-se uma gloria, ou tinha-se como exercicio de guerra, o matar um touro bravo; tanto que os moços levavam como

brasão um chifre de touro engastado em prata, que lhes servia de cópo para beber.

Estes animaes selvagens foram diminuindo á proporção que os bosques foram desaparecendo pelas derrubadas, e que as charnecas iam sendo roteadas; a caça, por outro lado, foi estragando muitas especies, principalmente depois da invenção da polvora; tanto assim que hoje já não existem algumas que foram bem conhecidas, e só proprias d'aquelles paizes. Parece tambem que, á proporção que a especie humana se multiplica, vão desaparecendo as raças de animaes bravios. A Allemanha d'este seculo differe muito a este respeito do que era ha dois mil annos; tanta população amontoada deve ter mudado a superficie do solo e a natureza selvatica d'aquella região.

Os antigos Allemães não conheciam o ouro; foram os Romanos os primeiros que o introduziram no seu paiz em tempo de Augusto, como dissemos no Capitulo XV. — Estes povos distinguam-se particularmente das outras nações, não sómente pelo seu talhe elevado, como pelos seus olhos azues e pela côr avermelhada ou amarelhada dos seus cabellos. Os Romanos gostavam d'elles para soldados, por causa da sua altura. A côr dos cabellos allemães fez-se de moda em Roma, tanto assim, que grande quantidade ía para aquella cidade afim de ornar as cabeças das damas e dos moços elegantes. O caracter mais distinctivo dos costumes allemães era a paixão pela guerra. Quando um adolescente chegava á virilidade, recebia com muita solemnidade

as armas, que o constituíam homem, guerreiro, e apto para todas as funcções publicas.

A prova mais evidente do apreço, que se fazia d'estas armas, é que aquelle que as recebia, nunca mais as deixava. Em casa, como fóra d'ella, estavam os homens constantemente armados, e assim se sentavam á mesa, e iam para as assembleas ou para os tribunaes; dormiam com as armas, e por fim eram enterrados com ellas. O juramento mais solemne era aquelle que se fazia sobre as armas; assim como entre nós os militares o fazem sobre o punho da sua espada. Na occasião da cerimonia do casamento o noivo brindava á sua desposada um par de bois, um cavallo sellado e enfreiado, uma espada e um escudo, e recebia d'ella outras armas. As mulheres tambem iam aos combates ao lado de seus maridos para exhorta-los á coragem. Conta-se que fugindo algumas vezes batalhões inteiros, eram detidos pelo denodo de suas mulheres, e voltavam á peleja.

Este character bellicoso dos Allemães creou naturalmente o direito do mais forte, porque, com valor e com audacia era muito facil dominar; do que resultava que estes povos viviam em continua guerra entre si. Os nomes dos Allemães eram commummente escolhidos entre os dos animaes de rapina, mais ferozes ou mais astuciosos, como o leão, o urso, o cavallo selvagem ou a raposa; porém o nome de *lebre* era uma injuria. A occupação mais nobre dos Allemães era a caça; elles davam pouco valor á agricultura;

o seu sustento ordinario consistia em leite, queijo e carne. Não havia propriedade territorial; cada um construía a sua choupana onde bem lhe parecia, e apascentava o seu gado onde achava melhor pasto. Este espirito locomotivo era mui apparente para alimentar a sua paixão pela guerra.

Como guerreiros não podiam supportar nenhuma especie de sugeição; o trabalho era para elles um martyrio, e por isso os mais fortes e alentados fugiam do trabalho; a cultura dos campos e os cuidados domesticos estavam a cargo das mulheres, dos velhos e das crianças. O homem vigoroso gastava o seu tempo a comer, beber, dormir e caçar. Esta ociosidade honorifica, porque era o privilegio dos homens livres, fazia reunir em banquetes muitos d'esses ociosos, d'onde se originavam disputas quasi sempre sanguinolentas. Estes banquetes provocavam o uso immoderado das bebidas, tanto assim, que se entregavam á embriaguez por noites e dias inteiros. Tambem se entregavam ao jogo, principalmente dos dados, com tanto furor que, depois de perderem tudo quanto possuiam, arriscavam a propria liberdade; e se a sorte lhes era contraria, sugeitavam-se tranquillamente á escravidão.

Entretanto os Allemães tinham uma virtude acima de todo o encarecimento, era a fidelidade e a probidade. A sua palavra era sagrada; uma promessa illudida era castigada com o desprezo publico. A esta virtude dos seus antepassados foram devedores os Allemães d'essa *probidade ger-*

manica, que passou como proverbio, e fez com que o *Allemão* fosse considerado como homem de palavra. Bredow (de quem copiamos este Capitulo), fallando a seus discipulos, exclama: Deus permitta que a mocidade Allemãa, para augmentar a reputação nacional, conserve com cuidado esta herança de seus pais.

Os antigos Germanos não sabiam ler nem escrever; todavia tinham poemas e hymnos, que cantavam em côro ou a solo; estes poemas eram recordações dos feitos heroicos de seus antepassados, e serviam para estimular a mocidade. Os dançarinos dos Gregos e dos Romanos lhes pareciam gente privada da razão. O expectaculo, que mais preferiam, era uma especie de evolução, que faziam os rapazes nús por entre espadas e lanças, com movimentos ligeiros, sem se ferirem. Suas casas, grosseiramente fabricadas, differiam muito das dos Romanos, ou das que possuem actualmente; os seus vestidos eram de pelles, e foram os Romanos que lhes ensinaram a vestirem-se com mais commodidade e aceio; porém as mulheres Allemãas logo se afizeram ao gosto do toucador, e começaram a adornar-se com fitas escarlates, e outros enfeites, de que se mostravam avidas. Tambem cuidavam muito dos seus cabellos, cuja côr ellas mantinham usando de uma especie de sabão fabricado no paiz; a qualidade d'este sabão era tão excellente, que as damas mais elegantes de Roma o mandavam buscar para seu uso.

A grande nação Allemãa estava dividida em

pequenas tribus, com chefes distinctos e independentes, e por isso viviam em contínua guerra; porém pelo que toca aos costumes formavam um só povo, porque o amor da independencia e a paixão pela guerra eram os estimulos de todas as suas acções. Não tinham cidades nem grandes povoações, mas viviam em aldeias mui proximas umas das outras; pelo que nenhum chefe dominava grande porção de territorio. A gloria que mais ambicionava qualquer d'aquelles chefes era reunir em torno de si o maior numero de guerreiros, dispostos a segui-lo em todos os lances da guerra e dos perigos. O valor do chefe fazia augmentar o seu sequito pela fama das suas proesas.

Os mancebos mais illustres reuniam-se muitas vezes para acompanhar um chefe, que fosse já celebre por seus feitos, afim de aprenderem a arte dos combates. É quasi impossivel de explicar a devoção com que o acompanhavam e obedeciam; o sobreviver-lhe, se acaso este chefe perdia a vida combatendo, era tido pela maior infamia. Assim é que o General combatia pela gloria, porém o seu sequito combatia só por elle; este valor a toda a prova nunca foi desmentido em occasião alguma. Os Romanos não sómente recebiam em suas fileiras os soldados Allemães, como muitas vezes lhes confiaram o mando das suas legiões.

Roma jactava-se de haver subjugado a Germania; porém o certo é que esta nunca foi sujeita nem domada. Nas poucas vezes que os Romanos

passaram o Rheno, permaneceram nas suas margens, cujos pontos principaes fortificaram, assim como sobre o Danubio. D'esta arte fundaram muitos castellos, que pelo correr dos tempos se fizeram cidades, como Colonia, Moguncia, Spira, Worms; nestes pontos fortificados conservavam as suas melhores tropas para impedir as incursões dos Germanos no territorio do Imperio. Comtudo, se o Rheno ou o Danubio chegavam a gelar, o terror se apoderava logo de todas as provincias Romanas fronteiras da Germania.

Quando Cesar tratou de atacar os Allemães, que tinham passado o Rheno para invadir a Gallia, manifestou-se no seu exercito grande desalento, porque mais pensavam na morte do que na victoria. Não se ouvia no seu campo senão queixas contra o General; todos faziam testamento; os mais amigos de Cesar procuravam pretextos para sair do acampamento; outros choravam amargamente como contando com uma morte certa. O mesmo Cesar nos deixou este quadro descripto pela sua mão, para que pudesse a posteridade avaliar os seus grandes esforços. E verdade que Cesar triumphou, porém deve-se mais á tímida superstição d'aquelles povos, do que ao valor das suas tropas.

Cesar passou o Rheno, como dissemos, porém voltou ao cabo de dezoito dias, porque os Germanos se retiraram para os bosques, onde era impossivel attaca-los impunemente, como o tinha feito no Brabante. Foram os Allemães ao seu serviço, que o ajudaram a ganhar a batalha de

Pharsalia, onde a infantaria Allemã atacou a cavallaria de Pompeo com tal arrojo, que parecia que os Romanos estavam a pé e os Allemães a cavallo. Desde este tempo póde dizer-se que a guerra entre os Romanos e os Allemães foi continua e sem interrupção.

Um enteado de Augusto passou o Rheno e o Weser, e chegou mesmo até o Elba; os Romanos accreditaram por isso que podiam tratar o paiz como conquistado, isto é, a Westphalia actual. Quintilio Varo ficou mandando na parte submettida; e julgando pelo apparente estado de tranquillidade que podia introduzir as leis Romanas, estabeleceu os seus tribunaes, e usou de todo o apparatus da justiça; isto irritou de tal maneira o sentimento de liberdade á vista dos instrumentos, que recordavam os castigos corporaes como ameaça de uma infame escravidão, que bastou um chefe para reunir todos os Allemães e subleva-los contra os Romanos.

Herrmann, ou Arminio, como o chamavam os Romanos, tendo servido nas suas legiões, era um dos chefes mais habilitados para libertar o seu paiz; ardendo em desejos de vingança uniu-se secretamente com outros chefes, e preparou uma insurreição geral com tanta sagacidade, que Varo foi victima de uma surpresa, como dissemos no Capitulo precedente. Depois da victoria os Germanos sacrificaram aos seus Deoses alguns prisioneiros, outros foram resgatados, e muitos ficaram como captivos apascentando os rebanhos de seus senhores, postoque fossem da mais

illustre extirpe romana. Desde essa epocha (nove annos depois do nascimento de Jesus-Christo) a Allemanha pôde considerar-se como tendo recobrado a sua liberdade.

Se os Allemães tivessem aproveitado a primeira consternação dos Romanos, poderiam ter tirado consideraveis vantagens da sua victoria. Era tal o terror que as suas armas tinham infundido, que Roma esperava vê-los ás suas portas. Augusto levou a consternação ao ponto de desespero; todos os Allemães foram expulsos de Roma; a guarda imperial, composta pela maior parte de soldados Allemães, foi transferida para as ilhas. Toda a mocidade Romana foi obrigada a pegar em armas e a marchar para o Rheno; porém eram tão terriveis as relações, que se faziam, da ferocidade dos Germanos, que muitos preferiram o desterro, a infamia, e a perda dos bens, a marcharem contra semelhante inimigo. Tiberio partiu finalmente para o Rheno com todas as tropas que pôde reunir; porém não achou os inimigos que julgava, porque os Allemães estavam satisfeitos com a sua liberdade e independencia, e não pretendiam outra conquista. Esta certesa tranquillizou os Romanos; e Augusto ficou tão contente que nomeou Tiberio seu successor, apesar de não ser-lhe affeiçãoado, e o associou logo ao Imperio.

O desprezo da vida, mui commum entre os Germanos, nascia da crença, que elles tinham, de uma vida futura; porém esta fé estava subordinada a seus costumes. No outro mundo

tambem se combatia e se bebia excellente cerveja, talvez mesmo no craneo dos vencidos, como n'este sublunar. Eis-ahi porque nos funeraes os corpos eram queimados com as suas armas, assim como o cavallo, os cães, e muitas vezes os mesmos servos, para que podessem acompanhar seu amo no outro mundo. Como muitas vezes em differentes escavações tem-se encontrado confundidos os ossos humanos com os ossos dos cavallos, o povo sempre avido de maravilhas tem tomado os dos cavallos por ossos de gigantes; e esta é a origem da crença vulgar de haver existido uma raça de gigantes na antiga Germania.

Os habitantes das costas septentrionaes do mar do Norte e do Baltico tinham por costume enterrar os mais afamados marinheiros com fragmentos dos navios, que tinham servido para as suas empresas. Depois tambem lhe deitavam algumas moedas para a viagem do outro mundo; e é por isso que se tem achado d'essas moedas com os restos humanos. Ora, pelo decurso dos seculos a madeira enterrada chega algumas vezes a carbonisar-se; e d'este duplo achado inferiu-se que, onde se achava carvão debaixo da terra, havia tambem um thesouro occulto. A superstição a este respeito era tão grande, que este carvão era considerado como ouro ou prata encantados (*).

(*) Esta crença é mui vulgar na Hespanha e em Portugal, e em toda a America, onde se falla as duas linguas. Lembro-me ainda de um facto acontecido na minha pro-

Os antigos Germanos adoravam, como Deuses, o Sol, a Lua, o Fogo e a Terra. *Thor* era o Deus do raio: *Freia*, a Deosa do matrimonio: *Odin* ou *Wodan* o Deus da guerra. Estes Deuses não eram adorados em templos fechados, mas no meio de grandes florestas, d'essas mattas frondosas e seculares, que se tinham por sagradas, e das quaes ninguem ousava cortar uma arvore, porque se temia que os Deuses castigassem immediatamente semelhante attentado. Depois do estabelecimento do Christianismo levantaram-se conventos e igre-

pria familia. Em uma propriedade nossa fazendo-se um poço, acharam-se pedaços de madeira carbonisada; talvez mesmo alguma trave queimada em tempo da guerra dos Hollandezes, porque naquelle sitio tinha havido um combate, e a propriedade tinha sido incendiada; porém nada disto se tomou em consideração; o carvão foi de novo enterrado, a terra tirada voltou outra vez ao seu lugar, e foi cavar-se o poço em outro sitio, menos a propósito talvez para o que se pretendia, porém ao menos seguro de não inquietar as almas bemditas, fideis guardas daquelle thesouro.

No departamento de Cundinamarca, na Nova Granada, onde existe o famoso salto de Tequendama, ha muitas minas de carvão de pedra; uma dellas na aldêa de Suacha está quasi á superficie da terra; porém o povo tem a superstição de não servir-se daquelle carvão, por que é cousa encantada. — Admirava-me por certo de semelhante desleixo, e cheguei a perguntar porque não usavam daquelle combustivel, sendo tão difficil a lenha naquellas paragens, e responderam-me com uma *lenda* do tempo da conquista, pela qual se via que os antigos *Moscas*, primeiros habitantes indigenas de Bogotá, tinham a mesma superstição.

jas nestes mesmos lugares consagrados pelo paganismo; o concurso do povo foi sempre o mesmo, tanto antes como depois, e a palavra *romaria* (*wallfahrt*) significou talvez *um passeio ao bosque*.



INDICE

DO SEGUNDO VOLUME.

CAPITULO XVII.

Imperios principaes, em que tem estado dividido o
governo do mundo. pag. 241

CAPITULO XVIII.

Semiramis. Sardanapalo 253

CAPITULO XIX.

Cyro. Creso. Solou. 262

CAPITULO XX.

A Grecia, desde a sua origem até a invasão de Dario. 275

CAPITULO XXI.

Guerra dos Persas contra os Gregos. Marathonia.
Milciades. Salamina. Themistocles 283

CAPITULO XXII.

Instituições e costumes de Esparta. Disposições e
gostos dos Athenienses pelas bellas artes. 298

CAPITULO XXIII.

Rivalidade entre Athenas e Esparta. Alcibiades.
Decadencia e ruina de Athenas. 314

CAPITULO XXIV.

Socrates 325

INDICE

CAPITULO XXV.

Alexandre. pag. 335

CAPITULO XXVI.

Roma desde a sua fundação até a guerra de Pyrrho.
Costumes dos antigos Romanos. 355

CAPITULO XXVII.

Roma e Carthago. 373

CAPITULO XXVIII.

Conquista da Sicilia. Destruição de Carthago, de
Corintho e de Numancia. 390

CAPITULO XXIX.

Situação politica de Roma. Pompéa. Julio Cesar. . 404

CAPITULO XXX.

Augusto. Antonio. Cleopatra. Octavio. Livia. . . . 421

CAPITULO XXXI.

A Allemanha ha vinte seculos. 437

FIM DO INDICE.

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

Historia de la guerra de los Segurinos
...
...
...

010363

